

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANNA CAROLINA BRANDALISE

**O INTELLECTUAL RAUL GOMES E SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA
IMPrensa: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA NO
PARANÁ (1907-1950)**

CURITIBA
SETEMBRO 2016

ANNA CAROLINA BRANDALISE

**O INTELLECTUAL RAUL GOMES E SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA
IMPRENSA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA NO
PARANÁ (1907-1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora Profa. Dra. Dulce Regina Baggio Osinski.

**CURITIBA
SETEMBRO 2016**



PARECER

Defesa de Dissertação de Anna Carolina Brandalise para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.^ª Dr.^ª Dulce Regina Baggio Osinski, Prof.^ª Dr. Rossano Silva, Prof.^ª Dr.^ª Evelyn de Almeida Orlando, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "O INTERTEXTUAL Raul Gomes e suas Práticas Discursivas na Imprensa: Narrativas sobre Educação, Arte e Cultura no Paraná (1907-1950)".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. ^ª Dr. ^ª Dulce Regina Baggio Osinski		Aprovada
Prof. ^ª Dr. Rossano Silva		Aprovada
Prof. ^ª Dr. ^ª Evelyn de Almeida Orlando		Aprovada

Curitiba, 30 de setembro de 2016.

Prof.^ª Dr.^ª Maria Rita de Assis César
Coordenadora do PPGE

Prof.^ª Dra Maria Rita de Assis César
Matrícula: 159095
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

Àqueles que não corresponði o afeto, ou que falhei na amizade, em razão da urgência em enfrentar a vida.

Àqueles que de certa forma tentaram obstaculizar meu caminho, pois isto me tornou mais forte.

Àqueles que se mantiveram comigo, apesar de tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mamãe, Andrina Imbelloni, quem primeiro me mostrou o valor do estudo, e quem, justamente pelas dificuldades, mostrou também o valor da perseverança, não me deixando desistir. Também agradeço a meus irmãos: Fabio Brandalise, Vinicius Celante e Vanessa Piornedo.

Ao Fernando Frantz, por todos esses anos e à sua família, que me acolheu em sua casa: Sergio e Marilisa; Geórgia, Paulo e Camila; Marcia, Serginho e Artur.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Dulce Regina Baggio Osinski, que iniciou a pesquisa sobre Raul Gomes e me admitiu como bolsista Iniciação Científica, após muitas “Malhadas e Remalhadas”, abrindo inúmeras portas para mim.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Dra. Nadia Gonçalves, Dr. Marcus Levy, Dr. Claudio Machado, Dr. Ricardo Carneiro, Dr. Rossano Silva, Dra. Cristina Medeiros, que incentivaram a busca por respostas e contribuíram para a realização deste.

Aos Magistrados do Tribunal de Justiça do Paraná: Des. Dr. Miguel Kfoury Neto e Dra. Adriana Katsurayama Fernandes (*in memoriam*), que deferiram meu pedido de horário especial de trabalho para que pudesse finalizar a graduação em Artes Visuais.

À família de Raul Gomes, que me recebeu e disponibilizou seu acervo. Às Instituições de Pesquisa: Biblioteca Pública do Paraná, Arquivo Público do Paraná, Centro de Letras do Paraná, Fundação Cultural de Curitiba, Casa de Rui Barbosa do Rio de Janeiro e Fundação Biblioteca Nacional,.

Muito obrigada.

*Comece fazendo o que é necessário,
depois o que é possível,
e de repente você estará fazendo o impossível.*

São Francisco de Assis

RESUMO

Este trabalho versa sobre as práticas narrativas do intelectual, professor e jornalista paranaense Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), que se utilizou principalmente da imprensa para disseminar seus ideais e mobilizar a sociedade em favor da educação, da arte e da cultura, no Paraná, no período entre 1907 e 1950. Gomes escreveu nos jornais A República, Diário da Tarde, Gazeta do Povo, dentre outros e foi correspondente dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi utilizada a imprensa periódica como fonte principal, a partir do conceito ambivalente do jornal como fonte e tema de pesquisa para a História da Educação, proposto por Vieira (2007). Um dos principais referenciais teóricos é Bourdieu (1974), pela noção de teoria praxiológica - que contempla a inter-relação entre os conceitos de *habitus*, campo e capital, e de *trajetória*, para analisar a formação familiar e social desse agente intelectual. O termo *intelectual* foi utilizado no contexto proposto por Gramsci (2004), que os classifica como organizadores e interventores da cultura na sociedade, para embasar a hipótese de Gomes como um deles. Esta pesquisa aborda a trajetória de Gomes, desde as influências estruturadas pela família ao contexto social da formação professoral e jornalística e este trabalho contribui para trazer à tona essa personalidade que agiu em prol do aparelhamento cultural e do engajamento, a favor das causas educacionais brasileiras no período mencionado. Como resultado, a análise de seus textos colabora para a diagramação do cenário educacional e cultural paranaense, entre as décadas de 1910 a 1960 no Paraná, colocando-o ao lado de outros intelectuais relevantes. Gomes marcou presença ativa na cena cultural paranaense até o ano de sua morte, em 1975, utilizando a imprensa para empreender campanhas a favor do aparelhamento cultural do Paraná e debater as políticas educacionais empreendidas pelos governos de Estado.

Palavras-chave: Intelectuais, Imprensa e Educação, Modernidade, História da Educação no Paraná.

ABSTRACT

With this research, we aim to analyse the speeches of Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), who was at the same time, an intellectual, educator and journalist, from the State of Paraná. The author used mainly the press to spread his ideals and mobilize the society towards education, art and culture, in the state he was born, between 1907 to the 1950's. Gomes wrote for the newspapers *A República*, *Diário da Tarde*, *Gazeta do Povo*, among others, and was a correspondent from São Paulo and Rio de Janeiro. The periodical press was used in this research as the main source to analyse his speeches. From the ambivalent conception of the newspaper concomitantly as a source and as a way of knowledge, proposed by Vieira (2007), this study shows itself as relevant to the History of Education. One of the main theoretical framework is Bourdieu's *praxiological theory* notion (1974), to analyze the relevance of Gomes' social and family formation. The term *intellectual*, proposed by Gramsci (2004), as a organizer and interventor of culture in society, ground the thesis that Raul Gomes was one of them. This research also forms a *trajectory*, since the influences structured by the family, to the social context of professorial and journalistic training. This work helps to bring up this agent, who worked for Brazilian's cultural engagement and for the educational causes, in that mentioned period. As a result, the analysis of his texts contributes to create a layout of Paraná's educational and cultural scene, between the decades from 1910 to 1960, placing it alongside other relevant intellectuals' studies. Gomes was present in Paraná cultural scene until the year of his death, in 1975, and he used the press to undertake campaigns in benefit for the Paraná's cultural chain, and discuss educational policies undertaken by state governments.

Keywords: Intellectual, Media and Education, Modernity, History of Education in Paraná.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Descendentes de Balthazar Carrasco dos Reis. Com base em NEGRÃO, 1927.....	28
FIGURA 2. ACERVO CASA DA MEMÓRIA. Grupo de literatos e jornalistas paranaenses reunidos no Passeio Público em 1911.....	44
FIGURA 3. ACERVO PESSOAL. Desespero de Cham. Capa de Eloy, pseudônimo de Alceu Chichorro (GOMES, 1926).....	51
FIGURA 4. ACERVO ANDRADE MURICY – FCRB. Ex-libris de Raul Gomes, em carimbo. (GOMES, Raul. [Carta] 18 mar. 1968).....	58
FIGURA 5. ACERVO CASA DA MEMÓRIA. Exposição do Tricentenário da Instalação do Pelourinho, em novembro de 1968.....	63
FIGURA 6. ACERVO PESSOAL. Missão, e não profissão!... Capa de Eloy, pseudônimo de Alceu Chichorro (GOMES, 1928).....	91
FIGURA 7. Tabela comparativa de aumentos de diferentes categorias de servidores do Estado entre os anos de 1895 a 1926, segundo Raul Gomes (1928, p. 25). Adaptada.....	93
FIGURA 8. Conselho Popular de Educação proposto por Raul Gomes. Organograma com base em GOMES, 1928.....	98
FIGURA 9. Tabela de Relatores por tema e seção do Congresso de 1932. FONTE: (ASSOCIAÇÃO..., 25 fev. 1932, p. 5).....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – RAUL GOMES, DISTINTO PROFESSOR E JORNALISTA.....	31
1.1 A FAMÍLIA.....	31
1.2 FORMAÇÃO. DE SI, DO GRUPO.....	39
1.3 ATUAÇÃO NA IMPRENSA.....	64
CAPÍTULO 2 – ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE.....	80
2.1 “A INSTRUÇÃO PÚBLICA NO PARANÁ” 1914.....	80
2.2 “MISSÃO E NÃO PROFISSÃO” 1928.....	88
2.3 IDEIAS DESEMBARCAM NO RIO DE JANEIRO.....	102
2.5 NO RASTRO DOS ARTISTAS.....	106
2.6 EM NOME DE ANDERSEN.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
FONTES.....	125
CARTAS.....	125
DOCUMENTOS.....	125
JORNAIS E PERIÓDICOS.....	126
LEIS.....	131
LIVROS.....	131
RELATÓRIOS.....	132
TESES.....	132
REFERÊNCIAS.....	134

INTRODUÇÃO

O nosso sonho, um grande e luminoso sonho de moço, é vermos um dia o professorado fazendo-se respeitar e respeitado por todos, prezado, venerado como merece, como faz jus pela sua altíssima missão.

Desejamos ver os professores unidos para a defesa da classe, impondo seu prestígio, dando exemplos de fortaleza de ânimo, de envergadura moral na defesa de seus direitos na pugnação por seus direitos.

Almejamos contemplar de pé, entesada como valentes combativistas, a essa classe que hoje se mantém humilde, como que envilecida pelo escárnio dos espíritos fúteis e desprezada pela estolidez de alguns poderosos (GOMES, 30 jul. 1914, p. 1).

Na data de 29 de abril de 2015, a classe professoral do Paraná foi parte maior na condução de um protesto contra a aprovação do projeto de lei 252/2015¹ pela Assembleia Legislativa do Estado do Paraná que alterou o custeio da previdência de *todos* os servidores estaduais, cujo desfecho foi alvo de notória divulgação pela imprensa. Durante a aprovação do projeto de lei na casa legislativa, os manifestantes e a polícia entraram em confronto e diversas pessoas saíram feridas (JUSTI, 2015). Após o evento, notas de apoio aos educadores foram publicadas, um julgamento literário² foi conduzido, um livro-intervenção elaborado e inúmeras questões levantadas (SETOR, 2015; CARRARA, 2015; GODOY, 2015).

Mobilizações dos professores em defesa dos interesses públicos, como a acima mencionada, têm sido frequentes desde a segunda metade do século XIX. Os professores, assumindo o papel de intelectuais, têm usado a crítica e a razão contra atitudes e ideais discriminantes na sociedade. (VIEIRA, 2015). Com estes fatos, estabeleço uma conexão com a personalidade do educador, jornalista e escritor paranaense, dentre os anos de 1889 e 1975, Raul Rodrigues Gomes, autor da epígrafe acima, que tomou para si a missão de defender a educação e a cultura.

Parte de meu primeiro contato com o autor foram suas elucubrações veiculadas nos impressos paranaenses da primeira metade do século XX. Sob orientação da Prof^a. Dr^a. Dulce Regina Baggio Osinski, docente neste Programa de Pós-Graduação e que já vinha pesquisando a atuação de Raul Gomes na educação e na cultura do Paraná, exerci atividades de Iniciação Científica durante os anos de 2011 a 2013. Em 2013, Raul Gomes foi tema para o

¹ Lei posteriormente sancionada pelo Chefe do Executivo Estadual, Carlos Alberto Richa, que recebeu o nº 18.469/2015 e trata da Reestruturação do Plano de Custeio e Financiamento do Regime Próprio de Previdência Social do Estado do Paraná e adoção de outras providências.

² Sem caráter judicial, a iniciativa tem como objetivo trazer luz a fatos, promover sua interpretação e dar-lhes enquadramentos jurídicos para futuros encaminhamentos por parte dos diversos atores dos segmentos sociais, políticos e jurídicos.

trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, intitulado “Raul Gomes e a Exposição de Arte Paranaense (1944)”. Neste momento da pesquisa, a investigação sobre a trajetória de Gomes foi expandida, auxiliada pelo resultado das pesquisas anteriores.

Raul Gomes notabilizou-se nos mais diversos jornais paranaenses, desde a década de 1910 até 1975, ano de seu falecimento. Trabalhou para a realização de A República, Diário do Paraná, Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Comércio do Paraná, dentre outros. Pelo fato de ter sido correspondente de jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, levantou-se a hipótese da projeção nacional de suas ideias.

Segundo o autor Kunczik (2002), a profissão *jornalista* abrange uma série de funções que se distribuem em repórter, sub-redator, redator pleno, mediador, fotógrafo jornalístico e editor. Há ainda a figura do chefe de redação, o responsável por administrar, controlar e distribuir o trabalho mais do que os outros jornalistas o fariam (KUNCZIK, 2002, p. 17). Por ter exercido essas diversas funções, Gomes se tornou um verdadeiro profissional daquele ramo. Suas ideias passaram a existir também pela criação da editora Gerpa – Grupo Editor Renascimento do Paraná, que materializou suas considerações e a daqueles de seu próprio grupo, ao produzir obras de seus pares intelectuais.

Ante isso, a imprensa foi o local, o meio de ação para Gomes. Como um agitador, estimulador e observador, o jornalista destacava os mais diversos assuntos: gramática, obrigatoriedade escolar, geografia, economia, política, história do Paraná, homenagens a personalidades, arte, campanhas culturais, autores universais, modernização de Curitiba, instituições culturais, a carreira de repórter, etc. No entanto, os mais recorrentes dizem respeito a questões educacionais e culturais do Paraná e do Brasil. A defesa do professor, a luta contra o analfabetismo, as lições de como falar e escrever bem, são alguns de seus temas. A educação foi considerada, por ele, como fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade civilizada. Isso não se relaciona apenas à educação técnica ou científica, pois Gomes acreditava que o conteúdo científico deveria ser aproximar do cotidiano dos alunos, em lições práticas, que seus alunos realmente utilizassem.

O cotidiano dizia respeito às transmissões coletivas de manifestações típicas da sociedade em que vivia, bem como os conhecimentos herdados de seus antepassados. A veneração ao que tornava seu Estado singular perante os demais, induziu Gomes a aderir ao movimento estético-literário denominado *Paranismo*. A relação do intelectual com a tradição também deriva de sua origem familiar enraizada na genealogia dos primeiros fundadores do que hoje é o Município de Curitiba. Com isto, fundamenta-se a construção de sua

personalidade pela transmissão doméstica de condutas morais que permaneceram no esboço de sua genealogia e da sua geração. Esta, partilhou de interesses comuns quanto à defesa da educação, em favor do aparelhamento cultural e ao aprimoramento para a difusão de seus ideais.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é analisar aspectos da trajetória de Raul Gomes, tecida principalmente por suas narrativas divulgadas na imprensa a favor da educação e da cultura no Estado. Desta forma, também objetiva inserir o intelectual Raul Gomes no campo da história dos intelectuais do século XX no Paraná. Esses objetivos se desdobram para o reconhecimento acadêmico de sua trajetória de jornalista, de educador e de agitador cultural.

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida, principalmente, pela utilização das fontes caracterizadas como *impressos*. Foram selecionados artigos de jornal pesquisados na Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná durante a Iniciação Científica, além de livros publicados por Gomes, de meu acervo pessoal, e do Centro de Letras do Paraná. É importante ressaltar que esta pesquisa foi facilitada pela disponibilização eletrônica de periódicos pela Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Subsidiariamente, são usadas correspondências de Gomes e fotografias. Diversas cartas emitidas por Raul Gomes foram encontradas no acervo de Andrade Muricy, sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa e outras, recebidas por Gomes, foram gentilmente cedidas para finalidades acadêmicas e de pesquisa pela família de Raul Rodrigues Gomes. Também foram manuseados os relatórios de professores encontrados no Arquivo Público do Estado do Paraná.

Circular pelos locais em busca de um sentido para as narrativas de Gomes remete ao diálogo da história com os outros campos do conhecimento, proporcionado, historicamente, pela Escola de Annales e a consequente revolução documental.

O início da atividade historiográfica é indicado por Michel de Certeau (2001) e por Jacques Le Goff (2003) como a transformação de um grupo de objetos em dados. Certeau (2001) afirma que a construção do conhecimento histórico exige uma análise que considera as situações sociais ou analíticas relativas a um lugar e a um tempo, que pode experimentar metodologias empregadas em outras ciências “externas” à história.

A historiografia é concebida neste trabalho como uma prática científica que envolve empiria e método. Essa prática possui uma lógica na qual os enunciados podem ser verificados, repetindo-se os métodos. Portanto, os enunciados não são absolutos, uma vez que

são sujeitos à confirmação e, caso não sejam, podem ser afastados (DINIZ, 2004, p. 195). Assim, a historiografia compreende um espaço de relações e subjetivações.

Nisto, a ignorância frente ao passado deve ser reconhecida e equilibrada com certa exatidão pelo historiador, dosando o provável e o improvável, na similitude que a justifica e na crítica que a desacredita (BLOCH, 2001). Encontrar documentos e fontes referentes a objetos de pesquisa é efetuar a escolha de um sinal do passado que perpetua uma recordação, propiciando uma assertividade sobre o passado, conforme Le Goff (2003) e Ragazzini (2001).

A função do historiador seria, para Le Goff, justamente a de valorizar o documento como monumento, como herança do passado. A história, portanto, é a maneira da sociedade por em ordem uma massa documental, que por intervenção e sentido dado pelo historiador, não se separa mais.

O uso do jornal como fonte para esta pesquisa diz respeito, também, ao período pesquisado (1907-1950). Isso se dá porque o jornal surgiu com a cultura de massa, e é um dos resultados do aprimoramento de tecnologias gráficas, que incluem o cinema e o telégrafo, e permitiram a circulação e disseminação de ideias e ideais da racionalidade moderna. Norberto Bobbio afirma que a cultura de massa possui um sentido pedagógico implícito e que, inclusive, a alfabetização seria acompanhada e favorecida pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (BOBBIO et alii, 1998, p. 774).

Mídia designa o que está “no meio de” e por isto, vincula. Ao vincular, organiza, fabrica e recicla as representações simbólicas (BOUGNOUX, 1999, p. 108). Com base nesta figura de linguagem, este trabalho concebe Gomes como o peso da balança entre as personalidades de imprensa, que formaram um grupo organizado, expressaram-se política e economicamente, com vistas à criação de opinião pública orientada. As significações deste grupo, formuladas coletivamente, foram transmitidas por meio dos impressos. (DEFLEUR, 1976, p. 131; VIEIRA, 2007, p. 20). Portanto, o trabalho no jornal não possuía apenas um fim econômico, de subsistência e que exigiria apenas uma capacitação prévia. Não eram apenas meios de ganhar dinheiro, mas eram atividades que moldavam suas personalidades durante suas trajetórias. (KUNCZIK, 2002, p. 32).

Simultaneamente ao ingresso no jornalismo, Raul Gomes assumiu suas funções como professor. Assim, tinha o poder de comunicar sua vivência escolar nos impressos para defender a educação e a cultura. Em seus textos, Gomes revela uma preocupação com a qualidade do ensino, com a remuneração dos professores, com a obrigatoriedade escolar. Da mesma forma, a mídia foi ferramenta para que o intelectual se manifestasse a favor do

aparelhamento cultural paranaense, aqui concebendo a noção ampliada de educação por meio da cultura.

Esta atuação, de cunho tanto político quanto pedagógico, insere-se nas considerações de Kunczik sobre a existência de um *papel educador* desempenhado pelos jornalistas. Este “tipo” acompanha as novidades e converte-as em temas de discussão. Por estar à frente, o jornalista-educador detém mais informações consigo e seria mais capaz do que outras pessoas para atingir percepções politicamente mais racionais, qualidade essa denominada por Kunczik de *vantagem educacional*. A função educativa do jornalista viria desse exercício de implicar uma orientação para novos modelos (KUNCZIK, 2002, pp. 101-102).

Este trabalho também aborda o jornal como fonte e como tema de pesquisa para a História da Educação. Segundo Vieira (2007), essa dupla característica implica dizer que tanto a materialidade, quanto o conteúdo do jornal podem ser objetos de estudo. O conteúdo dos jornais possibilita o exercício de uma análise relacional, pois se fazem imediatamente aos acontecimentos, veiculam polêmicas e dizem respeito à cidade, à organização da sociedade. Os jornais permitem montar uma narrativa de conflitos e experiências sociais, pois significaram o meio para que interesses públicos e comunitários viessem à tona.

A enunciação desses interesses por meio do jornal – ou, segundo Vieira (2007), *mecanismo de produção de memória*, contribuiu para que o intelectual ultrapassasse o âmbito erudito e avançasse para o espaço público. Com esta tese, corrobora Pizzetti (2003), ao afirmar que o jornal testemunhou e fundamentou a atividade política do homem.

Quando se fala de imprensa, em geral, questiona-se o monopólio da produção e da difusão da informação. Ou ainda, o quanto a mídia pode influenciar no afastamento ou na aproximação de grupos ligados ao governo, da mesma maneira em que se presta ao controle político sobre os governados. (BOURDIEU, 1997, p. 64; CAPELATO, 1988, p. 72). Logo, de acordo com Bognoux (1999), se a comunicação e sua rede forem colocadas e administradas de forma correta, uma ideia pode sair vitoriosa. (BOUGNOUX, 1999, pp. 16-37).

Os autores Vieira (2007) e Bognoux (1999) associam a imprensa a conceitos modernizadores, incorporados ao processo de produção e circulação da notícia. A imprensa é um ícone da modernidade por disseminar, nacionalmente, as discussões regionais, um meio privilegiado “para a ação do sacerdócio modernizador” (VIEIRA, 2007, p. 19). A disseminação mencionada e a participação intelectual na vida pública não se deram somente pelos jornais, se manifestando também em revistas, cartas, diários, além das obras (livros), propriamente ditas. Essas fontes levantam questões sobre a formação de grupos, que

envolvem a amizade, influência, sentimentos e, permitem ao historiador, analisar as reverberações dessas declarações.

Essa hipótese, da organização de narrativas comuns entre agentes semelhantes, foi levantada ao analisar o círculo de amizade de Raul Gomes, que se favorecia e se correlacionava nos mesmos interesses: trabalho no jornal, magistério, ação política, e interesse na cultura e na educação. Pelo espaço da imprensa, os intelectuais utilizaram a palavra como na metáfora de Bounoux (1999), que a vê como uma borracha, uma vez que as palavras podem ser deformadas, preenchidas, moldadas com substância pessoal (BOUGNOUX, 1999, pp. 71-95).

Encadeando ao conceito apresentado, DeFleur afirmou que os veículos de comunicação de massa são meios de moldar a opinião pública, sobretudo, se no discurso for utilizado apelo emocional. (DEFLEUR, 1976, pp. 155-157). Assim, partiu-se para a análise do discurso enfático, persuasivo e emocional de Gomes. Além disso, os jornais eram editados com elementos gráficos que proporcionaram destaque aos textos, como caixa alta, grifos, negritos e sinais ortográficos repetidos, para suscitarem atenção.

Justamente, pelo fato da comunicação envolver interesses particulares e grupos identificáveis, e pelo ato comunicativo expressar normas de um grupo, controles sociais, tarefas individuais, limites de esforços, expectativas e práticas sociais - (BOUGNOUX, 1999, p. 146; DEFLEUR, 1976, p. 127), o que há no percurso de Gomes que nos faz entender mais sobre suas narrativas?

Para elucidar isto, além da trajetória no jornal, este trabalho aborda a herança familiar de Gomes. A partir do princípio de que a História é edificada com o benefício de outras ciências, este trabalho aborda a teoria praxiológica de Pierre Bourdieu quanto à conformação familiar e à influência do espaço social-geográfico para a construção da imagem de Gomes, tanto de si quanto a si³. Um estudo sociológico presta-se a estabelecer uma ponte entre fatores inter-relacionados, e nesse sentido, Bourdieu contribui ao afirmar que um indivíduo não age somente por impulso próprio e que o meio não é totalmente determinante de suas práticas.

³ Pierre Bourdieu é um dos autores mais utilizados como referência teórica na produção discente de pesquisas de pós-graduação do Brasil (MEDEIROS, 2007). Essa tendência também é revelada nas pesquisas realizadas na linha de pesquisa em História da Educação (CATANI et al, 2002). Apesar de que o contexto de produção da teoria sociológica de Pierre Bourdieu remeta em sua maioria às particularidades sociais francesas, sua proposta teórico-estrutural é pertinente para compreender a realidade histórica brasileira. Considerando que o papel da sociologia é o de desvelar aspectos da realidade e considerando também as diferentes realidades de seu contexto de produção, é evidente que sua teoria não pode ser automaticamente transposta para o objeto analisado, mas de outra forma deve ser contextualizada para analisar o caso em particular, atentando para o que pode e o que não pode ser aplicado. (GONÇALVES et al, 2011).

Como um instrumento reflexivo sobre as interações sociais, sua teoria engloba os conceitos de *habitus*, de campo e de capital⁴.

Para Bourdieu, *habitus* diz respeito ao indivíduo, à inculcação e consequente incorporação de estruturas construídas com determinismos objetivos, com determinismos subjetivos, futuro objetivo e também esperança subjetiva. Estas estruturas produzem práticas e as práticas formam uma via por onde *trajetórias* serão “objetivamente ajustadas às estruturas subjetivas”. A esse sistema, a esses arranjos e tendências inconscientes, se dá o nome de *habitus*. (BOURDIEU, 1974, p. 201).

Dito de outro modo, o *habitus* conforma-se como fruto de probabilidades objetivas versus esperanças subjetivas e é determinado em função de um provável porvir, harmonizado pelas experiências da classe e pelas disposições individuais. Segundo Bourdieu, o *habitus* “completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas”, é “adquirido através da inculcação familiar” e ainda, “tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas” (1974, pp. XLI-XLVII, 201).

Já o conceito de *campo* corresponde às estruturas sociais onde estão inseridos os agentes. As práticas dos agentes, que exteriorizam o *habitus* - sistema de disposições incorporadas, são designadas de *capitais*, aos *bens*, que são aquilo que auxiliam o agente na circulação do campo (BOURDIEU, 1974, p. XLI). Segundo o autor, a relação entre *habitus* e campo permite situar “agentes singulares” e suas “ações singulares” em uma história que não é baseada somente em fatos, entrecortada (BOURDIEU, 2004, p. 63).

A localização de um agente em referência a determinados campos, gera o que Bourdieu denominou de *capitais*. Eles, por sua vez, se classificam em capitais simbólicos, econômicos, culturais e sociais, conforme a estrutura que forma o agente. Isso quer dizer que

⁴ Nesta pesquisa, embora seja enfatizada a relação familiar de Raul Gomes, preocupou-se em evitar a “teoria reprodutivista”, uma das críticas à teoria de Pierre Bourdieu. O autor defende-se da “tese da reprodução”, que lhe é imputada, ao realizar uma crítica ao estruturalismo. O autor discorda da tese da reprodução pois considera que a “abolição do sujeito”, que trata os agentes como fenômenos da estrutura, em uma visão objetivista, ocultam a falta de um objeto socialmente constituído (BOURDIEU, 2004, p. 21). Para escapar a esse determinismo, Bourdieu adotou a tese do *habitus* gerador somado às “disposições adquiridas pela experiência”, cujo arranjo possibilita uma infinidade de probabilidades, que permitem ao pesquisador “situar-se no ponto de vista dos agentes, sem por isso transformá-los em calculadores racionais. (BOURDIEU, 2004, pp. 21-22) Nas palavras de Bourdieu, “(...) eu diria que tento elaborar um *estruturalismo genético*: a análise das estruturas objetivas – as estruturas dos diferentes *campos* – é inseparável da análise da gênese, nos indivíduos biológicos, das estruturas mentais (que são em parte produto da incorporação das estruturas sociais) e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produtos de lutas históricas (nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles aprendem com esse espaço)” (BOURDIEU, 2004, p. 26)

pela circulação de um agente em um campo, conquista-se “moedas de troca” que o permitem permanecer e fazer parte de um campo. Isso se dá, por exemplo, conforme seu poder econômico, adquirido ou herdado, conforme as estruturas sociais transmitidas pela família, assim também pela sociabilidade adquirida, o poder econômico adquirido e aquele conquistado.

Portanto, os *capitais econômicos* são aqueles ligados aos bens materiais. Os *simbólicos* estão relacionados aos bens simbólicos, os *sociais*, fundamentados no fruto das propriedades individuais possuídas pelo agente e seus efeitos pela vinculação a um grupo. Os *culturais*, por sua vez, sofrem diversas derivações. Podem ser *capitais culturais* institucionalizados, pelo diploma por exemplo, podem ser capitais culturais objetivados, pela materialização de uma produção intelectual. Este conceito abrange as obras de arte e os livros, os quais podem ser considerados o estado fundamental de capitais culturais, aquele derivado do *habitus*, o que pressupõe sua incorporação, dependente de acumulação e do reconhecimento por parte dos outros pares do campo.

Tais conceitos se relacionam com o agente social, são intrínsecos entre si e, portanto, não se pode partir para uma análise que considere apenas um desses elementos, a partir de somente um ponto de vista. Além de considerar as ações do agente, deve-se considerar sua origem e suas relações pessoais. Nesta pesquisa, se mostram as relações de Gomes com outros intelectuais que contribuíram para a edificação da educação e da cultura no Paraná, pois, segundo Gramsci, o tecido social medeia o intelectual (GRAMSCI, 2000, pp. 15-20).

Para entender os agentes que circulam em um determinado campo, é preciso voltar-se para a aferição de capitais acumulados e de trocas simbólicas, ou nas palavras de Bourdieu (1974): “práticas dos agentes que exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas”, perpassadas pelas relações pessoais de indivíduos dotados de *habitus* específicos (BOURDIEU, 1974, p. XLI).

Portanto, essas práticas compõem a *illusio*, ou a adesão aos pressupostos inscritos no próprio fundamento do funcionamento do campo, cujo pertencimento faz negócio entre os pares (BOURDIEU, 2007, p. 222). Bourdieu utiliza a metalinguagem para demonstrar o conceito, explicando, por meio de um jogo, o próprio conceito de jogo: “O jogo cria a *illusio*, o investimento no jogo do jogador avisado, dotado de sentido do jogo, que habituado ao jogo, pois que é feito pelo jogo, joga o jogo e, por esse meio, o faz existir.” (BOURDIEU, 2007, p. 286). Ou seja, aquele que pretende estar em um campo, deve saber como proceder, a

linguagem utilizada pelos agentes, ter origens e diplomas semelhantes, reconhecer os códigos desenvolvidos – quer dizer, gerar condições para que os semelhantes se atraíam e existam.

O que Bourdieu considera relevante é o investimento – ou capital, que o agente – ou jogador, faz para permanecer naquele espaço. Aditivamente, os capitais geram as condições impostas ao agente para que ele permaneça no campo (BOURDIEU, 2004, p. 65). Nesta perspectiva relacional, a condição de entrada em um jogo e os investimentos que são feitos para se manter no jogo, são elementos que criam e que reforçam o próprio jogo. Segundo o autor, “é preciso determinar empiricamente as condições sociais de produção desse interesse, seu conteúdo específico etc” (BOURDIEU, 2004, p. 65).

Outrossim, a noção de *trajetória* de Pierre Bourdieu, pode ser definida como a mobilidade do agente sobre um caminho que deve ser percorrido, de maneira que possui um só sentido e propósito, com começo e fim (BOURDIEU, 2001). Trajetória é da mesma forma, uma simultaneidade entre a sucessão dos acontecimentos (aqui presente a filosofia da história, a narrativa) e o relato do conhecimento, através da investigação, do qual não se pode distinguir se foi feito por historiador ou romancista (BOURDIEU, 2001, p. 183-184).

Assim, ao relacionar *trajetória* a *habitus*, encontramos o princípio ativo, a unidade das práticas e representações. Impedido de retornar ao seu lugar ou estado primitivo, de se desfazer do que foi acumulado nessa trajetória, Bourdieu afirma que a *identidade prática* do indivíduo é apreendida apenas pela recuperação na unidade de um relato, que perceba e avalie em conjunto, as suas inesgotáveis manifestações sucessivas (BOURDIEU, 2001, p. 186).

Como veremos adiante, Gomes com frequência falava das conquistas das quais participou. O relato autobiográfico, essa preocupação de dar sentido e ideologizar sua própria vida, se baseia, segundo Pierre Bourdieu:

na preocupação [...] de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2001, pp. 184-185)

Osinski já se apropriou deste conceito de Bourdieu, para analisar Gomes, em um de seus trabalhos publicados sobre o intelectual, que também discute a série da Instrução Pública (OSINSKI, 2013, p 17). De acordo com Bourdieu, quem realiza um relato autobiográfico, seleciona acontecimentos *significativos* e estabelece entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas, como fins, selecionadas em função de uma intenção global. (BOURDIEU, 2001, pp. 184-185).

Outra hipótese levantada neste trabalho é visão do moderno personificada em autoridade, presente em Raul Gomes. A autoridade, na visão de Berman (2007), significa estar na capacidade de convencer um público de que se é o espírito propulsor de forças mundiais e impessoais. Como veremos adiante, um dos meios de convencimento utilizado por Gomes, se dava pela *reiteração* dos discursos na imprensa e pela ação política ao promover campanhas culturais e materializar seus ideais. Essas operações, que buscavam aumentar a sua influência, fazem parte de um exame proposto para este trabalho.

Para compreender os temas e entender o contexto em que serão utilizados neste trabalho, são necessárias algumas observações. Quando Raul Gomes iniciou sua trajetória profissional, a cidade de Curitiba passava por um estágio de modernização⁵. O alargamento das vias públicas, o aumento das construções e a alteração no comportamento das pessoas evidenciava o processo (VITOR, 1995).

Nesta pesquisa, as narrativas de Gomes são relacionadas às práticas daqueles designados, historicamente, como *intelectuais*. O conceito utilizado aqui, remete à representação de *intelectual* formulada por Gramsci (2000). Para ele, intelectual é o agente qualificado que possui a capacidade de organizar e de dirigir a sociedade em geral, na medida em que cria circunstâncias para a ampliação de sua classe. Tal espírito de grupo é fruto de sua consciência, enquanto representante da continuidade histórica.

Mesmo fazendo parte de um grupo reconhecido, os intelectuais vêem-se como independentes e autônomos, pois como veremos adiante, Raul Gomes reivindica, somente para si, a responsabilidade pela realização de diversos atos, de tal maneira que à primeira vista parece que realmente os tenha feito sozinho. Esta idealização remete à noção de relato autobiográfico e de *illusio* proposto por Bourdieu.

Embora se reconheçam como isolados, os intelectuais são os representantes de um grupo dominante. A sua função é cumprir ações educativas impostas por suas atribuições diretivas e organizativas. Para tanto, utilizaram-se dos periódicos para agirem e difundirem sua cultura, de tal forma que organizaram seu trabalho para aumentarem seus rendimentos. (GRAMSCI, 2000, pp. 21-25; p. 32; p. 36).

A transmissão dessas funções se deu pelas formações de “escolas próprias” (GRAMSCI, 2000, p. 49). Dentro desta acepção, Dario Vellozo, professor, e Euclides

⁵ A palavra “moderno” vem do latim *modernus*, significando no léxico, “do dia de hoje; de agora; atual”. Modernidade, modernização e modernismo são seus termos derivados.

Bandeira, jornalista, antecessores de Gomes, não só lhe inspiraram, como também o fizeram a outros “discípulos”, contemporâneos ao nosso objeto. Além disso, Gramsci afirmou que os jornalistas acreditavam ser os verdadeiros intelectuais, por possuírem capacidade de direção derivada de sua aptidão técnica e política, com o convencimento pela reiteração (GRAMSCI, 2000, p. 53).

O valor dos intelectuais reside nas capacidades pessoais de expressarem o espírito de um grupo. Cada agente percorre sua trajetória dentro de um sistema maior, onde exercem funções específicas. De tal modo, o grupo possui ideais gerais das quais cada agente carrega consigo, pois lhe são *conscientemente* solidárias e afins. Concomitantemente, a difusão do livro e da imprensa periódica sobressaíram a posição dos intelectuais na sociedade (GRAMSCI, 2000, p. 72; p. 93).

Vieira se apropria dos conceitos de Gramsci e desenvolve a tese de que os intelectuais reúnem quatro características fundamentais. Primeiro, a organização de uma identidade que está relacionada à cultura, seja pela familiaridade e/ou pela própria formação. Com isto, deriva-se o sentimento de pertencer a um grupo específico, descrito como *intelligentsia*, segunda característica formulada pelo autor. Terceiro, os discursos dos intelectuais demonstram a conexão entre modernidade e educação, discursos estes que são disseminados na sociedade. Por último, o Estado era por eles considerado como o responsável para a efetividade de seu ideal de reforma social (VIEIRA, 2007, p. 20).

Embora não cite em sua obra referências a Gramsci (2000), Kunczik também aponta a tese de que *os jornalistas estão enquadrados na categoria de intelectuais*, “os membros das profissões que se preocupam com a produção dos valores intelectuais independentes” (KUNCZIK, 2002, p. 53). Para ele, o jornalista intelectual possuiria uma característica central de contemplação atormentadora e fundamental, ante à realidade social, pois edificaria a cultura, ao conscientizar as pessoas. Assim, o estímulo cultural, a formulação de programas políticos e a mobilização exprimem a função ideológica dos intelectuais (KUNCZIK, pp. 58-59).

Esse entrecruzamento entre o político e o cultural é premissa da História Intelectual e dos Intelectuais, sendo necessário para entender o engajamento dos grupos de intelectuais. A história dos intelectuais preconiza o entendimento dos seus pensamentos, de sua influência sobre certos grupos e, até mesmo, sobre a população. Também analisa movimentos coletivos, psicologias individuais, com base nas atitudes mentais e formas de pensamento.

Segundo Remond (1959), desde Voltaire, o povo francês estava habituado a esperar dos “altos espíritos” uma direção de consciência, por isto, o culto à inteligência legava posição privilegiada aos intelectuais franceses na vida política nacional. De modo geral, os momentos de crise aparecem como imperativo de dever de engajamento para os membros da *intelligentsia*.

Aluno de Remond, Sirinelli (2003) afirmou que foi somente a partir da segunda metade da década de 1970, que a história dos intelectuais foi impulsionada, em grande parte, como resultado dos esforços de historiadores da política e da cultura e, também, em decorrência do aumento numérico desse grupo social. Com novo vigor, ressurgiu o interesse dos pesquisadores pela história política, pelos intelectuais e grupos sociais, estatisticamente limitados, pela biografia histórica e pela história recente.

Para definir o grupo, Sirinelli (2003) propôs duas preliminares que remetem a elementos socioculturais. Uma definição sociológica e uma cultural, que abrange os criadores e promotores culturais, a saber os escritores, professores e jornalistas, por exemplo - o que representa Raul Gomes, e uma definição política, fundada sobre a noção de engajamento, direto ou indireto, na vida cotidiana – que nesse caso corresponde à sua atuação na escola e no jornal.

Segundo Sirinelli (2003), as duas acepções são complementares e articuladas, vez que remetem à notoriedade do grupo dos intelectuais, assim como à sua capacidade de especialistas em dado tema que podem pôr a serviço da causa que defendem. Estes homens, que passaram pela mesma escola – remetendo ao conceito de Gramsci (2004), e que participam ativamente da vida de seu país, são os denominados *intelectuais engajados*. Sirinelli (2003) partilha a ideia de que a partir de um eixo comum os caminhos divergem. Os intelectuais, diante de um mesmo quadro, tomam diversas atitudes possíveis.

Outro ponto apresentado por Sirinelli (2003) diz respeito ao entrecruzamento simultâneo, do ponto de vista da História Política e da História Cultural, no estudo dos intelectuais. Este tema foi considerado secundário, em razão de que corresponderia a um tipo de estudo reflexivo, endógeno, uma vez que o intelectual pertence a um campo que é seu próprio objeto de estudo. De outro modo, outra razão para a marginalização do tema é a evocação da imagem do intelectual, como parte de um grupo fechado e, pertencente à elite.

Mais questionamentos envolvem a História dos Intelectuais. A ação política dos intelectuais – de curta duração, realmente tinha poder sobre os acontecimentos? Como as ideias chegam-lhes em dado tempo? Por que alguns são e outros não são reconhecidos? A

hipótese do fato da cultura política ser sustentada pelo meio intelectual, que subordinaria este campo a outro domínio, foi derrubada com a realocação do interesse sobre os intelectuais, a partir de abordagens capazes de esboçar itinerários (SIRINELLI, 2003).

As dificuldades no estudo dos intelectuais são resultado de sua vasta produção. Este tipo de pesquisa, que passa pela análise de textos impressos, foi classificado como difícil e demorado (SIRINELLI, 2003). No caso desta pesquisa, isto ficou evidente, pelo amplo material levantado e que envolve Raul Gomes.

Sirinelli (2003) aduz três conceitos relativos à análise dos intelectuais. O conceito de itinerário - relativo ao engajamento dos intelectuais, mistura-se ao gênero biográfico e passa por uma abordagem, que considera a simultaneidade e entrecruzamento das trajetórias entre os pares, que aqui se soma aos conceitos de Bourdieu: a ação dos agentes, uns sobre os outros, verifica a procedência dos intelectuais e considera o seu *lugar de formação*.

Outro conceito é o de sociabilidade, a rede criada no mundo do intelectual, que leva em consideração idades, origens e estudos, as amizades e os desafetos entre os agentes. Isto também se confunde com o ideológico. Neste caso, o exame dos jornais em que Raul Gomes publicou seus primeiros artigos, remete a esta tese.

O terceiro conceito apresentado por Sirinelli (2003) é o de gerações, que trata da solidariedade entre membros de faixas etárias semelhantes. O exame pela geração é justificado pela transmissão cultural -, processo fundamental aos intelectuais, tanto relativamente a uma herança, uma intermediação ou tanto a uma ruptura, que forma uma geração de agentes que partilham de um mesmo ideal, cada qual em sua especialidade, unidos entre si por características próprias. De qualquer forma, existe o anterior, a referência. Isto fortifica o argumento apresentado aqui, quanto às disposições estruturadas e estruturantes de Raul Gomes, cujas ideias foram reveladas no ambiente social, entre os pares de sua geração, seja na escola ou nas atividades profissionais.

Neste campo de conhecimento, as relações entre intelectualidade, política e modernidade, são temas de pesquisa para Milton Lahuerta. Seus estudos apresentam possíveis panoramas de como a *intelligentsia* encara as transformações impostas pela conjuntura política e associam os conceitos de mudança implicados nos termos moderno e modernidade, convenientes para a descrição objetiva desses processos (LAHUERTA, 1997).

O autor Sergio Miceli (1979) discorre sobre a sedução que o poder exerce sobre os intelectuais que se utilizam do sistema intelectual, para atingirem seus objetivos políticos. Sua tese é a de que existe um limite tênue, entre o mundo intelectual e o mundo político, e há

agentes que circulam por ambos. O autor reafirma as noções apresentadas aqui por outros autores de que os intelectuais são geralmente, oriundos da elite. Por isso, não existiriam posições intelectuais autônomas em relação ao poder, e Miceli (1979) exemplifica isso ao analisar o fato de que Carlos Drummond de Andrade - poeta reconhecido e de condição social bem definida, ocupou um cargo de confiança na administração durante o regime de Getúlio Vargas, bem como discorre sobre o estreitamento das relações entre intelectuais e imprensa.

Além de profissão, de molde de personalidade, o jornal representou “um ofício, meio de expressão e forma de promoção social” que permitiu ao intelectual ir além dos espaços restritos aos letrados (VIEIRA, 2007, p. 15). A isto é associado o trabalho de Pécaut (1990), que tratou do posicionamento de intelectuais paulistas, cariocas e belo-horizontinos perante lutas políticas e sociais no Brasil. O autor identificou dois momentos, sendo que o primeiro, formado por intelectuais de primeira geração (1920-1940), foi formado por aqueles que reclamaram seu valor perante o Estado. Quando foram reconhecidos, utilizaram a máquina estatal para executar sua missão política. Em um segundo momento, Pécaut (1990) afirma que a geração de 1954-1964 deslocou o foco na sua origem elitista, para voltar-se às classes populares, enquanto intérpretes por meio de instituições e movimentos intelectuais determinados.

Bontempi (2015) também segue essa linha ao analisar a trajetória de Laerte Ramos de Carvalho⁶, educador e jornalista, por meio de indagação de vasto tipo documental. Bontempi dialoga sobre a constituição do que simultaneamente é uma matéria de ensino e um campo do saber -, a História e Filosofia da Educação. Para tanto, as ideias de Laerte Ramos venceram sob sua personalidade intelectual com fins a reorganizar e dar novo sentido ao debate da História da Educação na Universidade de São Paulo. O autor enfatiza a situação de Carvalho como um disseminador de um conhecimento novo, que teria marcado uma geração de pesquisadores, porém que se manteve obscurecido pelo tempo.

De forma semelhante, a motivação do trabalho de Bontempi (2015) se assemelha a este por trazer à tona a personalidade de Raul Gomes, que também foi professor e jornalista, e permaneceu “esquecido”, e que foi contemporâneo a Laerte Ramos, quem, da mesma forma, era professor e jornalista e se utilizava da reiteração de ideias e discursos para convencer a sociedade.

⁶ Laerte Ramos de Carvalho (Jaboticabal, 3 de setembro de 1922 – São Paulo, 7 de agosto de 1972).

Nesse sentido, a confiança no Estado foi a base da organização racional e da formação social, ainda que os intelectuais se vissem acima ao social e como coautores das representações políticas. Reconhecer esse estatuto não é um problema para Pécaut (1990) desde que seja declarada a definição desse lugar ocupado pelo intelectual.

A história intelectual pesquisa as correntes de pensamento e dos conceitos construídos, e a sua articulação entre eles, da mesma forma que suas percepções, quer sejam individuais ou coletivas, difundidas, impregnadas dessa corrente.

Segundo Campos, a decorrência imediata da repercussão pública dos intelectuais no final do séc. XIX foi sua própria noção de (auto)representação, admitida por eles pelo exercício nas funções de agentes políticos e de mediadores culturais no período (CAMPOS, 2015, p. 116).

No contexto específico brasileiro, destaca-se a produção historiográfica dos trabalhos de Clarice Nunes sobre Anísio Teixeira. Nesse trabalho, a autora constrói a identidade do autor, dentro da trajetória nos anos 1900-1935, analisando como o educador forjou a opção pela educação, dentro da própria realidade subjetiva, abrindo a perspectiva para a Reforma da Instrução Pública no Distrito Federal, enfocando na estruturação do campo dos educadores, em prol da democratização da cultura no período (NUNES, 1991).

Os autores Rito e Aquino discorrem sobre as ideias modernas de Lourenço Filho, também ligado à pedagogia da escola novista, durante 1920/1930 na coleção Biblioteca de Educação. Lourenço Filho ocupou cargos da administração de Getúlio Vargas e teve “o mérito de ter introduzido no Brasil o primeiro laboratório de psicologia experimental” e editou a coleção, visando disseminar uma educação “normalizadora e cientificamente orientada”, que fosse embasada na fisiologia e psicologia humanas. (RITO; AQUINO, 2012, p. 46; p. 55).

Segundo Campos, publicar em jornais

transformou-se num imperativo social e simbólico e, igualmente, numa importante fonte de renda para letrados de todos os quilates, [...] como [...] Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Netto e Monteiro Lobato - todos eles literatos célebres por colaborarem regularmente com jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e alhures, e por receberem um ordenado mensal por isso (CAMPOS, 2012, p. 53).

Fernando Azevedo se referiu à imprensa, como formidável veículo (in)formativo. Nesse espaço foi reconhecida a função social da escola, assim como o papel político a ser desempenhado pelos renovadores (CAMPOS, 2012, p. 48). À vista disso, os intelectuais se identificam entre si e se organizam em grupos para divulgar seus interesses.

As discussões recentes sobre a História da Educação não deixam de considerar as dimensões práticas, dirigentes e políticas dos intelectuais. O que ocorre é que os temas descrevem o protagonismo do Estado referente aos investimentos na cultura e na educação, que englobam a criação de instituições e a tomada de posições estratégicas, na política, por conta de uma crença na modernidade, a qual questiona o valor social e econômico dos professores. Ademais, a História da Educação se desenvolve enfocando personagens não estudados ainda e o valor social e econômico dos professores, considerando as faces de suas dimensões práticas, dirigentes e políticas (ALVES et. alii, 2011).

Nessa direção, a pesquisa de Maria de Araújo Nepomuceno (2000), nos demonstra que a revista *Oeste*, editada no período de 1942 a 1944, foi utilizada como instrumento político-cultural para tornar Goiás o estado articulador da região Centro-Oeste, perante a Federação.

A autora relata que a revista contou com a participação de poetas, de historiadores e de jornalistas e, visava como público alvo, o que pode ser compreendido como uma elite, que era composta, em sua maioria, por pessoas ligadas ao campo jurídico, como desembargadores, juízes, delegados, advogados, promotores, por pessoas ligadas à educação e a outras interessadas em cultura (NEPOMUCENO, 2000).

Há um crescente interesse acadêmico em torno de Raul Rodrigues Gomes nas áreas da história, da educação e das letras: artigos apresentados em congressos, publicação em revistas especializadas, teses que citam seu nome como um partícipe da história recente do Paraná, porém tratando de pontos específicos.

Nestas pesquisas são representadas diversas faces de Gomes. Aspectos que o ligam à definição de uma estética literária paranaense são tratados por Bega (2001) e Vanali (2014). Bega relaciona-o ao movimento dos simbolistas paranaenses, ao lado de Rodrigo Junior, Erasmo Pilotto, Osvaldo Pilotto, Loureiro Fernandes e Temístocles Linhares que influenciaram o desenvolvimento das questões de identidade local e se afirmaram no Paranismo (BEGA, 2001).

Por outro lado, Vanali distingue em suas obras, traços de um movimento contemporâneo, mas diferente ao simbolismo, que é a fase do pré-modernismo. A autora afirma que este, teve uma significação diferente, onde os interesses ideológicos pressionaram e atrasaram o ritmo criador, os entraves espirituais e intelectuais se tornaram mais complicados (VANALI, 2014, p. 36), por conta das revoluções políticas das décadas de 1900 a 1930 no Brasil.

De acordo com a análise de Vanali, Gomes tinha temperamento agitado e vida sofrida. Atuou no jornalismo, na pedagogia, na linguística, na historiografia, no direito e na luta de ideais culturais. Para a autora, na verdade o intelectual era um “admirável contista”. (VANALI, 2014, p. 39).

Seu nome no rol dos partícipes dos ideais culturais foi citado por Silva (2009; 2011), Prosser (2004), Vasquez (2012) e Iorio (2003). Vasquez encontra conexão entre o intelectual e a criação do Salão Paranaense de Belas Artes, embora diga que essa foi uma vontade “apenas” de Gomes. O intelectual teria constatado a importância da realização dos Salões de Arte em São Paulo e no Rio de Janeiro. (VASQUEZ, 2012, p. 51).

Prosser (2004) identifica que a criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP se deu pela mobilização dos intelectuais paranaenses na década de 1940. Gomes é inserido no contexto de intelectuais, como Mariano de Lima, Victor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo, Romário Martins. (PROSSER, 2004, p. 21).

Iorio (2003) o aponta como um dos responsáveis pela criação do Centro de Letras do Paraná, que mobilizavam a sociedade por meio de artigos publicados em jornal. Os trabalhos de Silva (2009; 2011) discorrem sobre a trajetória do intelectual Erasmo Pilloto, que tinha a amizade de Raul Gomes. Ambos foram parceiros na movimentação cultural paranaense.

No mesmo sentido, a autora Zanquetta revela que a criação do Clube Soroptimista de Curitiba, por Pompília Lopes dos Santos (1900-1993) foi fruto da inspiração que Gomes lhe causava. Segundo Pompília, Gomes foi “renomado professor e jornalista, idealizador do projeto da Academia Feminina de Letras do Paraná e sempre empenhado em desenvolver ações que contribuíssem para a difusão da cultura.” (ZANQUETTA, 2011, p. 18).

O pesquisador Vieira destacou Gomes como um dos principais jornalistas da década de 1920, associando-o ao discurso jornalístico para a modernização do ensino (VIEIRA, 2007, p. 21).

Dulce Osinski, orientadora deste trabalho, publicou três artigos sobre a atuação de Raul Gomes na educação e na cultura do Paraná. A autora abordou defesa do professorado e da Cultura por Gomes, a concepção do intelectual quanto ao papel do professor (OSINSKI, 2010; 2011), e “Um projeto moderno para a Educação e a Cultura: a atuação de Raul Gomes” (2010), e um terceiro que cita uma parceria entre Gomes e Pilotto, intitulado “Raul Gomes e o Dia do Professor: ações na imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970)” (OSINSKI, 2015, pp. 17-43) .

Da mesma forma, Eliezer Felix de Souza analisa a trajetória intelectual e os discursos educativos de Gomes, utilizando-se das fontes do jornal impresso para examinar seu papel colaborativo em empreitadas culturais e educacionais (SOUZA (b), 2012).

Portanto, estes trabalhos auxiliam na compreensão da estrutura social que situa Raul Gomes como colaborador dos campos intelectuais e artístico-culturais paranaenses⁷.

A escrita na forma de colaboração com Dulce Osinski, do artigo “Malhadas e Remalhadas: Raul Gomes e o uso da imprensa em prol da Educação e da Cultura (1925-1971)”, que foi apresentado no mês de maio de 2013, ao VII Congresso Brasileiro de História da Educação, em Cuiabá – MT, foi resultado de pesquisa tendo como objeto Raul Gomes. Este trabalho, que analisa a reiteração de opiniões e pedidos do intelectual, a favor da educação e da cultura, demonstrando sua preocupação incessante com o tema, posteriormente foi reelaborado e aprofundado para a obra História Intelectual e Educação, publicada em 2015, com o título “Imprensa Periódica: ‘Malhadas e Remalhadas’ de Raul Gomes em favor da Educação e da Cultura (1910-1970)”. (OSINSKI; BRANDALISE, 2013); (OSINSKI; BRANDALISE, 2015, pp. 187-211).

A convite do Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação, Cleto de Assis, foi escrito o artigo “Eu uma taça erguida para a luz – Raul Rodrigues Gomes e o amor pelo Paraná”, publicado na Revista Criterium, órgão do Conselho Estadual de Educação, edição

⁷ Outras referências relevantes para este projeto são os trabalhos relacionados à História, Arte e Educação, defendidos nesta Linha de Pesquisa, os quais analisam a trajetória dos intelectuais da educação. Dulce Regina Baggio Osinski, cuja dissertação de mestrado e tese de doutorado foram defendidas nos anos de 1998 e 2006, respectivamente, sob os títulos “Ensino da arte: os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação em Curitiba” e “Guido Viaro: modernidade na arte e na educação”. Na dissertação de mestrado, Osinski analisa as iniciativas pioneiras de Mariano de Lima, Alfredo Andersen, Guido Viaro, Emma e Ricardo Koch na implantação do ensino da arte no Paraná. No trabalho de 2006, Dulce Osinski analisa a contribuição de Guido Viaro para o ensino da arte do Paraná, que protagonizou diversas ações no campo educacional em Curitiba durante 1930 a 1960. A autora demonstra que Viaro debateu com intelectuais da educação, da literatura, da arte e de outras áreas do conhecimento. Ainda mais, Ricardo Carneiro Antonio defendeu a dissertação “O Ateliê de Arte de Alfredo Andersen, 1902– 1962”, no ano de 2001, cuja pesquisa versa sobre a escola criada pelo artista plástico no início do século XX. O trabalho de Ricardo Carneiro desdobrou-se na tese de doutorado intitulada “Arte na educação: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970)”, que analisa o projeto elaborado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná, cuja pretensão era reformar o ensino da arte nas escolas primárias paranaenses durante 1960 e 1970.

O trabalho de João Paulo de Souza da Silva (2013), denominado “Percurso entre modernidades: trajetória intelectual da educadora Eny Caldeira (1912-1955)” interessa em relação à abordagem biográfica assegurado em fontes hierarquizadas para acompanhar a trajetória de Eny Caldeira. O autor entende a necessidade da busca das relações institucionais e sociais da trajetória de Eny Caldeira, por meio de uma perspectiva teórica fundada em Pierre Bourdieu para a análise, adequando a reconstrução histórica.

Nessa mesma direção, as ideias pedagógicas de Emma Koch foram analisadas na dissertação de Giovana Terezinha Simão, cujo título é “Emma Koch e a implantação das Escolinhas de Arte na Rede Oficial de Ensino: Mudanças na Cultura Escolar Curitibana”. O estudo aprofundado da escola de Mariano de Lima, a primeira escola de artes do Paraná, é tema da dissertação de mestrado de Luciana Apoloni de Santana, defendida em 2004, cujo título é “Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antônio Mariano de Lima - Curitiba, 1886-1902”.

comemorativa de dezembro de 2014, por ocasião de instituição pelo Conselho, do Prêmio Educador Raul Gomes. Esse prêmio almeja destacar projetos e ações direcionadas às inovações educacionais no Paraná⁸.

Com esta pesquisa foi possível a escrita do artigo “As ideias modernistas da Revista Joaquim e suas contribuições para a História da Educação no Paraná (1946-1948)”, em colaboração com Amanda Garcia dos Santos, o qual prevê uma aproximação de Gomes com os moços da Revista e que foi apresentado ao VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Maringá-PR. Neste mesmo Congresso, foi divulgado o trabalho “Raul Gomes (1889-1975), autor e editor: publicações em prol da educação e da cultura no Paraná (1914-1967)”, que discorre de modo geral sobre uma parte da suas tendências editoriais para divulgar obras suas e de seus pares.

Resta assim a evidência da impossibilidade dissociativa entre política, intelectualidade, cultura e elite. Raul Gomes solicitava ao governo ações práticas para a concretização de seus ideais sobre educação e cultura, seja na implantação de reformas no ensino ou de incentivo às ações culturais.

Com tudo isto que foi exposto, o primeiro capítulo deste trabalho traça as origens e os direcionamentos familiares que conduziram Raul Gomes a encontrar seus pares na escola, levando à construção sua trajetória, dentro de um grupo particular, os paranistas. No final do mesmo, é analisada a marca na imprensa, que se estabelece após os primeiros passos em jornais editados por associação de professores e por colegas da escola, guiando o intelectual para o caminho da reiteração de ideias nos artigos, relativas à defesa da escola, do professor e da cultura própria a seu grupo, quando também cria o Grupo Editor Renascimento do Paraná.

O segundo capítulo, “Escritos sobre Educação, Cultura e Arte”, traz as narrativas de Gomes que elucidam questões sobre a estruturação da Educação e da Cultura no Paraná. Gomes costumava selecionar artigos e republicá-los na forma de livro, como coletâneas. Dois desses livros, “A Instrução Pública no Paraná” e “Missão e Não Profissão!...”, fazem parte das suas estratégias de publicidade, o que é enfatizado no capítulo. Essa publicidade atingiu um patamar nacional pela colaboração de Gomes na coluna de Cecília Meireles, do jornal Diário de Notícias. Ao final do capítulo, são demonstradas as ações promovidas por Gomes em nome

⁸ O título do artigo foi extraído do lema inscrito em *ex libris* de Gomes. Por sua vez, Gomes retirou o lema de poema de Emiliano Pernetta. Falaremos sobre isso mais adiante. O texto publicado sofreu algumas modificações textuais e de conteúdo pelo editorial, mas mantém-se a ideia principal de uma análise quanto à contribuição do professor para a cultura do Paraná.

do pintor norueguês Alfredo Andersen, bem como narrativas relacionadas ao convívio com outros artistas do Paraná.

CAPÍTULO 1 – RAUL GOMES, DISTINTO PROFESSOR E JORNALISTA

Este capítulo é apresentado em três partes. A primeira parte diz respeito à predisposição estruturada pelas noções familiares sobre educação e justiça. O item 2 analisa em que panorama se deu a formação de Gomes e de que forma estava ligado a seus pares. O item 3 versa sobre seu ingresso na imprensa e de que forma ele era visto por outras personalidades.

1.1 A FAMÍLIA

Sempre digo que houve um tríptico em minha vida: deixei o cordão umbilical em Piraquara, no dia 27 de abril de 1889 (sou filho do português Joaquim Rodrigues Gomes, primeiro prefeito municipal de Piraquara e de Guilhermina Lisboa da Costa Gomes, descendente dos fundadores e criadores da cidade de Curitiba); iniciei minha vida pública em Morretes; formei minha personalidade em Curitiba na mais dura peleja (COLUNA DOMINGO, s/d.).

Raul Gomes fez parte da 7ª geração dos descendentes dos fundadores e criadores da Cidade de Curitiba, como ele próprio se afirmou na epígrafe acima. Foi batizado na Catedral de Curitiba (BRASIL BATISMOS, 1688-1935), de quem por parte de mãe era descendente de João Rodrigues Seixas e de Balthazar Carrasco dos Reis.

Nos conta a historiadora paranaense, Maria Cecília Westphalen, que o ouro encontrado no planalto curitibano atraiu mineradores vindos de São Paulo e São Vicente, que por sua vez se estabeleceram em diversos arraiais (BOLETIM, 1995, p. 62.). Chamado por Romário Martins de “elite seiscentista do sertão curitibano”, um grupo de aparentados construiu a maioria representativa dos povoadores da região de Curitiba (MARTINS, 1995, p. 255).

João e Balthazar fizeram parte de um grupo de colonizadores e primeiros povoadores que se organizou, jurídica e politicamente, no final do século XVII em uma região hoje correspondente à cidade de Curitiba. Em 1668, esses pequenos povoadores se uniram para a instalação do Pelourinho, tanto símbolo da presença do Estado português no local e também símbolo de opressão do governo, que consistia em “um poste de madeira com argolas de ferro, erguido em praça pública, onde os condenados pela justiça eram amarrados e chicoteados” (BRESSAN, 28 mar. 2015).

Segundo Westphalen, “É sabido que no período colonial, as vilas ou municípios, como divisões administrativas que eram, deviam ser criadas por atos da autoridade régia, originários ou confirmatórios de iniciativa de governadores ou capitães-mores”. A historiadora comenta

que “algumas vilas, todavia, foram criadas e instaladas pelos próprios moradores”. (BOLETIM, 1995, p. 105).

Mesmo assim, para que pudesse ser realizada uma eleição para a Câmara de Vereadores, aquele povoado deveria ser elevado à categoria de Vila (BRESSAN, 28 mar. 2015). Ou seja, a iniciativa daqueles moradores para a organização social, estava sujeita “à confirmação real, da qual dependia a validade da criação do novo município” (BOLETIM, 1995, pp. 105-106).

A população passou à tutela de Mateus Leme, que foi nomeado capitão-povoador, e em 24 de março de 1693, os moradores do povoado, que contava com cerca de 90 edifícios, dirigiram-lhe um requerimento:

Senhor Capitão Povoador. Os moradores todos assistentes nesta povoação de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais que atendendo ao serviço de Deus e o de Sua Majestade, que Deus Guarde, paz, quietação e bem comum deste povo, e por ser já hoje mui crescido, por passarem de noventa homens, e quanto mais cresce a gente se vão fazendo mores desaforos, e bem se viu esta festa andarmos todos com armas na mão, e apeloirou-se dos outros mais insultos de roubos, como é notório e constante pelos casos que tem sucedido e daqui em diante será pior, o que tudo causa o estar este dito povo tão desamparado de governo e disciplina da justiça (BORGES, 2009, p. 72).

À vista disso, em 29 de março de 1693, reunindo o povo na Igreja, Mateus Leme promoveu a primeira eleição para as autoridades públicas, autorizando e instalando as justiças, momento no qual aparece a figura do juiz ordinário e de outros oficiais camarários (BRESSAN, 28 mar. 2015; BORGES, 2009, p. 72). Assim, atendeu-se à exigência da coroa e o povoado habilitou-se à qualidade de Vila.

Segundo Borges, “A maior parte dos sucessivos atos de fundação da vila de Curitiba ocorreu na ausência do Estado português. Todavia, estes aconteceram conforme suas regulamentações e prescrições” (BORGES, 2009, p. 71). Foram atos imperfeitos, posteriormente complementados e corrigidos, que não constituíram contraposição ao estabelecido em lei. Portanto, diversos atos de fundação constituíram o processo de formalização da vila de Curitiba, tendo lugar durante o período da metade do século XVII até as correções do ouvidor Pardinho no início da década de 1720 (BORGES, 2009, p. 71).

Essas correições são os conhecidos provimentos do Ouvidor⁹ Pardinho¹⁰, “pelos quais procurou retificar e padronizar a administração e a atuação judiciária da câmara municipal curitibana de acordo com os ditames das Ordenações Filipinas¹¹”, inaugurando nova fase no ordenamento jurídico de Curitiba, para uniformizar e retificar a administração da vila, visto que a prática anterior escapava ao rigor jurídico por se basear na “rusticidade” da tradição dos colonos (BORGES, 2009, p. 74-76).

Para ilustrar essa raiz familiar, o quadro a seguir revela um segmento da série de descendentes de Balthazar Carrasco dos Reis, conforme dados extraídos da genealogia elaborada por Francisco de Paula Dias Negrão (1927), primo da mãe de Raul Gomes, que neste diagrama está posicionado ao canto inferior esquerdo:

⁹ Ouvidor era a designação dos magistrados que superintendiam na justiça das terras senhoriais em Portugal. As suas funções eram semelhantes às dos corregedores nas terras diretamente dependentes da Coroa. As terras sujeitas a corregedores eram chamadas "comarcas" ou "correições" e as sujeitas a ouvidores eram chamadas "ouvidorias". A designação "ouvidor" foi também aplicada a magistrados do Império Colonial Português. Modernamente, no Brasil, usa-se o termo "ouvidor" para designar um profissional contratado por um órgão, instituição ou empresa que tem a função de receber críticas, sugestões, denúncias, reclamações e que deve agir em defesa imparcial da comunidade. Em termos práticos, o significado de ouvidor é o mesmo que *ombudsman*, que é uma palavra sueca criada em 1809 para criar o cargo de agente parlamentar de justiça para limitar os poderes do rei.

¹⁰ Raphael Pires Pardinho (Portugal, entre 1670 e 1680 — Lisboa, 28 de dezembro de 1761) formado pela Universidade de Coimbra em 1702, exerceu em seu país de origem os cargos de Juiz de Fora e Juiz do Crime. No Brasil, foi nomeado Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo e Servente do Ofício de Provedor das Fazendas dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos; tomando posse do cargo em 25 de setembro do mesmo ano. Prestou serviços como corregedor, durante 16 anos, providenciando o que viriam a se chamar provimentos, a quatro vilas do Brasil meridional: Paranaguá, São Francisco, Curitiba e Laguna, e como Intendente em Minas Gerais. Faleceu em Lisboa em 28 de dezembro de 1761.

¹¹ As Ordenações Filipinas foram promulgadas em 1603 em Portugal durante o reinado de Felipe II (1598 a 1621) e compuseram-se da união das Ordenações Manuelinas com as leis extravagantes em vigência. Foram necessárias para a atualização do direito vigente, pois algumas normas já estavam em desuso e outras precisavam ser revistas. Felipe II, espanhol, promulgou as novas leis dentro de um espírito tradicional, respeitando as leis portuguesas, mantendo-se, inclusive, a mesma forma das Ordenações anteriores, acrescentando-lhes o conjunto dos dispositivos legais que definiam os crimes e a punição dos criminosos, cabendo ao rei ordenar as relações pessoais, individuais e coletivas, inclusive nas colônias. O código legislativo deixava claro que todo poder emanava do rei, cujo poder provinha de Deus e era considerado a cabeça de um corpo (COSTA, C. J et al, 2011).

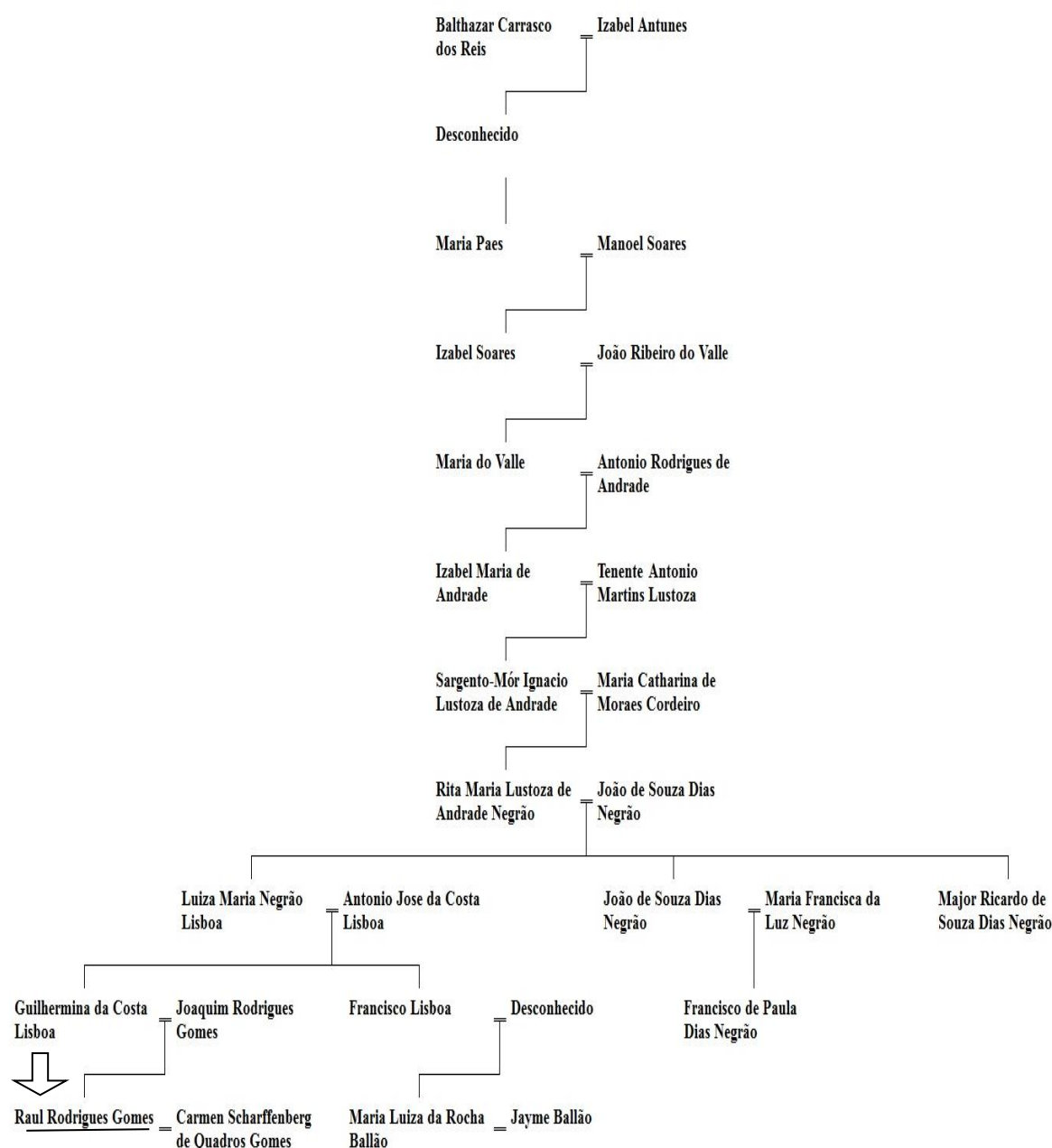


FIGURA 1. Descendentes de Balthazar Carrasco dos Reis. Com base em NEGRÃO, 1927.

Seus antepassados ocupavam postos de relevância na sociedade. João Rodrigues Seixas, um dos primeiros povoadores de Curitiba, foi nomeado Escrivão da Câmara, quando foi criada a Justiça e Governo da Vila em 29 de março de 1693. João Ribeiro do Valle assinou os provimentos do Ouvidor Pardinho. O trisavô de Raul Gomes, Sargento-Mor Ignacio Lustoza de Andrade, exerceu cargos de nomeação administrativa e de eleição popular, sendo “um dos mais fortes elementos da propaganda da emancipação política e administrativa do

Paraná, propugnando pelo seu desmembramento de S.Paulo, cuja campanha teve início em Paranaguá em 1811” (NEGRÃO, 1927, p. 101).

Seu bisavô, João de Souza Dias Negrão, negociante e exportador de madeiras,

Foi um dos primeiros beneficiadores de herva-matte no Estado, cujo serviço era feito em pilões, por braço escravo. Depois passou a residir em Morretes, onde continuou com o mesmo ramo de negócio. Em 1834 ou 1835, transferiu sua residência para Curitiba, onde se estabeleceu na Praça do Mercado, hoje Praça Municipal, em frente ao actual Palacio da Municipalidade, com negócio de fazendas, armarinhos, seccos e molhados, fazendo construir um Engenho de beneficiar herva-matte movido a força hydraulica (NEGRÃO, 1927, p. 183)¹².

Francisco de Paula Negrão continua a falar sobre o bisavô de Raul Gomes:

Teve regular bens de fortuna e foi um dos principaes homens de Paranaguá e Curitiba; por seus múltiplos afazeres commerciaes recusou sempre aceitar cargos da governança; contudo exerceu os de Juiz Ordinario, Camarista em Paranaguá e Comissario de Polícia em Curitiba, em cujos cargos se houve com inteligência, zelo e justiça. Gozou de muita estima e consideração. Foi modelar chefe de família e foi homem de grande valor moral, de energia férrea e caracter inquebrantável (NEGRÃO, 1927, p. 183).

Negrão menciona no excerto acima, os tios-avôs de Raul Gomes: Capitão João de Souza Dias Negrão, que exerceu os cargos de escrivão e de Secretário da Instrução Pública e também ao Major Ricardo de Souza Dias Negrão, que colaborou no jornal Diário do Comércio e foi redator-chefe do jornal “o Democrata” (NEGRÃO, 1927, p. 184-214). Outras aproximações familiares são observadas na fig. 1, como o casamento de sua prima de primeiro grau Maria Luiza da Rocha Ballão, com Jayme Ballão, professor normalista e jornalista, bacharel em direito e ciências sociais, que fundou o Diário do Comércio, dirigiu por três anos o Diário da Tarde e foi redator-secretário da “A República” (NEGRÃO, 1927, pp. 225-226). O tio de Raul Gomes, Francisco de Paula Dias Negrão, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e do Centro de Letras do Paraná (NEGRÃO, 1927, p. 203).

Essa constituição familiar, essa estrutura de relações objetivas, de personalidades ligadas à ideias reformadoras, à educação, à justiça e ao direito, certamente influenciou na estruturação do *habitus* de Raul Rodrigues Gomes, entendido aqui como a retomada da noção aristotélica de *hexis* na concepção de Pierre Bourdieu, que corresponde a um conhecimento e

¹² Neste trabalho optei por adotar o padrão das grafias originais nas citações de época, tratando-se de transcrições dos originais, para se manter tanto o sentido quanto a forma do discurso enunciado.

a um capital adquiridos, uma incorporação de uma disposição, uma incorporação de uma postura, um poder gerador, adquirido não somente por meio de um espírito universal ou de uma natureza humana (BOURDIEU, 2007, p. 61).

O que é necessário compreender é a relação entre estas medidas (ou o *habitus*, característico de uma classe, que aí se exprime em termos, por exemplo, do universalismo e do formalismo das suas intenções) e a lógica do campo em que se geram – em função de *habitus* que nunca se circunscrevem completamente a ele – as reações por ela suscitadas. A razão e a razão de ser uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais, não está na “vontade” de um indivíduo ou de um grupo mas sim no campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos *habitus* dos seus ocupantes, se geram as “vontades” e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos (BOURDIEU, 2007, p. 81).

Segundo Francisco Negrão, Raul Gomes realizou seus estudos secundários no Ginásio Paranaense e na Escola Normal de Curitiba, onde recebeu o diploma de Professor Normalista. Negrão menciona que ele possuía “forte inclinação para o magistério”, tendo dedicado “parte de sua vida ao ensino da mocidade”, ali revela uma crítica ao sobrinho-neto: “e, si bem que tenha abandonado o professorado publico, ainda hoje, obedecendo a sua inclinação, mantem um importante curso comercial de escripturação mercantil, prático e teórico de dactylographia” (NEGRÃO, 1927, p. 230). Cita também os cargos públicos que Gomes exerceu, como o de guarda-livros na sub-contadoria Seccional da Administração dos Correios no Paraná, o de Inspetor Escolar no Paraná e Diretor do Grupo Conselheiro Mafra, em Joinville, e ressalta sua colaboração assídua na imprensa diária do Paraná, com a fundação dos jornais “O Relampago”, “A Noite”, da revista “O Olho da Rua” e por ter secretariado duas vezes o “Diário da Tarde” (NEGRÃO, 1927, p. 230).

Francisco Negrão, igualmente, mencionou naquele ano de 1927 que um dos maiores serviços que Raul Gomes, então com 38 anos, prestava à sua terra, era o esforço empregado “no intercambio intelectual entre o Paraná e os demais Estados da Federação Brasileira” (NEGRÃO, 1927, p. 231).

A *forte inclinação para o magistério* de Raul Rodrigues Gomes também pode ter origem no fato de que a sua mãe, Guilhermina da Costa Lisboa Gomes, foi professora pública da Capital. Guilhermina era casada em segundas núpcias¹³ com Joaquim Rodrigues Gomes,

¹³ Seu primeiro marido foi Ludovico Taddei (Verona, Itália, 1849 – Curitiba, 25 de agosto de 1884). Agrimensor e desenhista, foi ajudante do engenheiro da linha-férrea de Paranaguá a Curitiba e serviu na comissão de

“natural de Portugal, importante chefe político e negociante em Rio dos Patos, S. Matheus e Porto da União”, pai de Raul Gomes, filho primogênito¹⁴ desse casamento (NEGRÃO, 1927, p. 230). Seu pai foi correspondente do Diário do Comércio, propriedade de Jayme Ballão (CORRESPONDENTE DO “Diário do Commércio”, 18 nov. 1893, p. 1) . Em 1890, Joaquim Rodrigues Gomes participou como membro da comissão da elevação da freguesia de Piraquara à categoria de vila, com a denominação de Villa Deodoro, que teve como outros membros Joaquim Leal Nunes, Francisco Alves Pereira Araujo, Jose Joaquim de Oliveira, José Xavier Mattoso sob a presidência de George Joppert (VILLA Deodoro, 10 jan. 1890, p. 2). Naquele ano, foi nomeado membro da comissão censitária daquela vila (PARTE Oficial, 14 nov. 1890, p. 1).

Raul Gomes na obra Missão e Não Profissão!... (1928, p. 24), citou sua mãe como uma das professoras da capital a ter participado de atos para celebrar e valorizar seus colegas. Guilhermina Gomes fez parte de um grupo de professores que assinou ofício, dirigido ao médico, educador e político Dr. Victor do Amaral¹⁵, quando este pediu exoneração do cargo de Superintendente Geral do Ensino no ano de 1895.

Conforme noticiado no jornal, o grupo congratulava-o pelos seus “esforços empregados em prol da Justiça, em geral”, de serviços relevantes diretamente prestados ao ensino público da cidade. Dentre outros professores, assinaram-no, “interpretando o sentimento geral de todo o professorado público”, Francisco de Paula Guimarães, Julia Augusta de Souza Wanderley e Maria Clara Pinheiro Brandão. (DR. VICTOR FERREIRA DO AMARAL, 27 jan. 1895, p. 4).¹⁶

demarcação de limites da província do paraná e a de Santa Catarina. Seu falecimento em 1884 foi motivo de como o do povo.

¹⁴ Seguido por: 1- Luiza Lisboa Gomes, professora normalista da Capital, casada com o Capitão do Exército Dr. Euclides Pereira Bueno, engenheiro civil; 2- Carmen Lisboa Gomes, casada com Alvaro Hamlet David, ativo comerciante em Paranaguá; 3- Antonio Rodrigues Gomes, empregado ferroviário, casado com Sarah Petersen Gomes; 4- Alberto Rodrigues Gomes, tenente comissionado do Exército; 5 - Joaquim Rodrigues Gomes; 6- Euzebio, falecido em criança; 7- Hilda Lisboa Gomes, faleceu solteira em plena mocidade a 18 de novembro de 1914 (NEGRÃO, 1927).

¹⁵ Vitor Ferreira do Amaral e Silva (Lapa, 9 de dezembro de 1862 – Curitiba, 2 de fevereiro de 1953). Fez o curso de Humanidades e doutorou-se em Medicina em 1884 no Rio de Janeiro, especializando-se em Ginecologia e Obstetrícia. Ocupou diversas funções públicas, como as de diretor da Instrução Pública e do Ginásio Paranaense, onde também foi professor de francês. Foi Diretor Geral do Serviço Sanitário do Estado de 1920 a 1928. Foi vice-governador do estado de 1900 a 1904 e deputado federal de 1906 a 1909. Foi um dos responsáveis pela criação da Universidade do Paraná em 19 de dezembro de 1912 e foi seu primeiro reitor. Quando a Universidade foi desmembrada por força de lei, além de Diretor da Faculdade de Medicina, continuou como administrador comum do edifício das Faculdades, tendo sempre presente o ideal da restauração da Universidade. Quando restaurada, em 1946, foi seu Reitor por um mandato. (DICIONÁRIO..., 1991, pp. 446-447).

¹⁶ As homenagens continuaram no início do ano de 1902 quando os professores da capital reconheceram novamente o trabalho de Victor Ferreira do Amaral e Silva. Novo ofício foi assinado por Francisco de Paula

Em 1908, Guilhermina Gomes, professora da cadeira promíscua do Alto do Schaffer, em cumprimento ao art. 62, § 11º do então vigente Regulamento da Instrução Pública, elaborou um relatório destinado ao Diretor Geral da Instrução Pública (PARANÁ, 1908, p. 26). Este relatório em específico já foi estudado por Oliveira (2007), que interpretou a apropriação dessa obrigatoriedade burocrática pelo ponto de vista dos professores.

A confecção de relatórios, além do cumprimento de um dever, emanou opiniões e discursos de modernização e racionalização para uma nova ordem social. O estudo de Oliveira (2007), busca tanto a confirmação da aplicação do enunciado legal, como a crítica àquele esforço, dentro da riqueza de detalhes oferecida.

Segundo Oliveira, nos relatórios transpareciam as dificuldades diárias, a realidade vivenciada pelos professores não era omitida, visto que a alteração da realidade seria contestada pelo real desempenho dos alunos, o que poderia ser constatado pelo resultado de seus exames. Ele toma como exemplo o relatório da professora Guilhermina da Costa Lisboa Gomes, mãe de Raul Gomes, que tinha sob sua responsabilidade uma escola promíscua. Quanto ao seu relatório, o autor afirma que:

dizia a professora que procurava adaptar-se às “modernas instituições pedagógicas, seguindo os passos das novas orientações dos mestres, visando ministrar o mais prático e intuitivamente que nela há sido possível os conhecimentos aos meninos por cujo adiamento intelectual sou responsável”. No entanto, ponderava a professora “que para a boa consecução de minhas ideias seria mister que eu tivesse a mão meios auxiliares que me pudessem facilitar a labuta. Faltam-ás, porém, como de resto a todos os meus colegas. Visando facilitar o serviço tenho procurado unificar os livros, adoptando aquelles que melhor se adaptam as exigências dos novos methodos” (OLIVEIRA, 2007, p. 77).

Neste relatório, Guilhermina Gomes se dirigiu ao seu interlocutor, pedindo-lhe maleabilidade quanto ao que estava sendo apresentado, pois, devido a imprevistos, “foi impossível confeccionar [o relatório] desenvolvidamente” e desta forma, pediu escusas por

Guimarães, Lourenço A. de Souza, Maria do Carmo Gomes e Lindolpho P. da Rocha Pombo, e lido pela Professora Julia Wanderley durante a cerimônia, ocasião em que foi oferecido seu retrato à Galeria Pedagógica da Escola Normal do Estado, “como sincero preito de justa e merecidíssima homenagem aos eminentes predicados intellectuaes, ás excelsas virtudes cívicas e aos diamantinos dotes do immaculado character de tão illustrado, talentoso, honrado e benemerito paranaense, que a golpes edificantes do mais acrysolado patriotismo, muito alto tem levantado o nome do seu querido berço natal.” (GALERIA PEDAGOGICA, 20 mar. 1902, p. 1). Nessa cerimônia, o Professor Lourenço de Souza proferiu um discurso e o Professor Sebastião Paraná também ofereceu um ofício ao homenageado. (GALERIA..., 20 mar. 1902, p. 1). O jornal A República repetiu publicações em torno do assunto, associando-se às homenagens prestadas. (DR. VICTOR DO AMARAL, 31 mar. 1902, p. 1). Da mesma forma, naquele ano de 1902, o cidadão Aldorico Guimarães Bastos foi o homenageado pelo grupo com o oferecimento de seu retrato à galeria pedagógica do Gymnasio Paranaense e Escola Normal (DIVERSAS, 11 set. 1902, p. 2). Conjuntamente, mandaram rezar missa para a professora falecida D. Maria Roza Gomes Martins (ANNUNCIOS, 19 abr. 1898, p. 3).

fugir ao padrão. Cumprindo em termos a exigência de informar qual o método que aplicava em suas aulas, informa que deixou de progredir porque não tinha como aplica-los. Assim, o relatório, na verdade, é um pedido para a adoção de melhoramentos no ensino, com o fornecimento de objetos para ensino prático e de um novo prédio para a escola (PARANÁ, 1908)^{17, 18}.

Guilhermina Gomes, professora, que tinha acesso às ideias da pedagogia moderna, asseverou em Raul Gomes o *habitus*, a constância e modos de agir de experiências passadas, reforçando as estruturas familiares e com isto, a *incorporação do capital cultural*. Além disso, ficou demonstrado, que Guilhermina fazia parte do círculo de professores com quem Raul Gomes foi se unir mais tarde no jornalismo, a exemplo do intelectual Sebastião Paraná, colocando-lhe, a serviço, seu *capital social*. Da mesma forma, Gomes obteve o diploma na Escola Normal, o que contribuiu para a institucionalização de seu *capital cultural*.

1.2 FORMAÇÃO. DE SI, DO GRUPO.

Na época que sua mãe redigiu o relatório de 1907, Raul Gomes contava com 18 anos. Na época, foi nomeado ao magistério em 1907 para exercício do cargo na cidade de Morretes, mesmo ano em que se formou pela Escola Normal (A ESCOLA, 1907, p. 42).

Neste seu local de formação, recebeu os ensinamentos do intelectual Dario Velloso¹⁹. Para esta análise, retorna-se aos conceitos de tradição e genealogia propostas por Sirinelli

¹⁷ Esse método reformador do ensino já havia sido apresentado pela imprensa da época, como por exemplo em artigo sem autoria, que apresenta um modelo aplicado no estado do Amazonas, que por sua vez se espelhou em doutrinas praticadas em países europeus. Com base na reforma elaborada pelo estado nortista, o redator indagava ao então presidente do estado, Vicente Machado¹⁷, o que desejaria fazer em relação ao assunto no Paraná, destacando os seguintes pontos como sendo necessários: adoção de ginástica leve em substituição a pesados exercícios corporais, a difusão da educação moral, a divisão do estudo por idade e sexo, a necessidade da higiene escolar para evitar contágio de doenças, aplicação do ensino intuitivo por meio de objetos e a divisão do ensino em partes, sendo a primeira de cunho teórico, designada por normal e a segunda, complementar, que corresponderia à prática profissional. (INSTRUÇÃO Pública, 19 jan. 1905, p.1).

¹⁸ Guilhermina informou que havia aumento nas faltas quando, em alguns meses do ano, a família retirava a criança da escola, encaminhando-a para o serviço na roça. Desta forma, causava-lhe prejuízo e também ao professor, que não possuía “os meios necessários para coibir esse abuso, que redundava em prejuízo a difusão da instrução”, o que indica uma certa ausência de autoridade por parte do professor. Contando com uma frequência média de 40 alunos, alegou possuir em sua sala de aula 16 carteiras pertencentes ao governo mais um quadro negro e uma mesa, estes de sua propriedade: “Não uma, mas muitas vezes, as autoridades competentes, tenho reclamado, sem resultado, o necessário para completalo” (PARANÁ, 1908). Com esta justificativa, a mãe de Raul Gomes, Guilhermina, cumpriu em termos a norma de confecção de relatório e o utilizou como meio para ser notada por seu interlocutor. Ela reforçou seus argumentos segura das “impressões lisonjeiras” gravadas pelo Diretor Geral da Instrução Pública, pelo Inspetor Escolar da Capital e pelo Inspetor da 1ª Circunscrição de Instrução, nas páginas do livro de visitas (PARANÁ, 1908).

¹⁹ ¹⁹ Dario Persiano de Castro Vellozo (Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1869 – Curitiba, 28 de setembro de 1937). Pensador, educador e poeta do simbolismo brasileiro, filho de Ciro Persiano de Almeida Vellozo. Coursou o Ginásio Paranaense onde teve como colegas Silveira Neto, Nestor Victor, Emílio de Menezes e Emiliano

(2003), tanto pela valorização do anterior quanto pela transmissão cultural pela genealogia, pois, ao mencionar que Dario Vellozo era um escol²⁰, Gomes o distinguia e o reconhecia, pelas suas características de literato, de orador, de professor, de pensador (PALLADIUM, 25 jun. 1909, p. 1). Assim, Vellozo foi exemplo fundamental para a estruturação da identidade de Gomes.

O comentário de Gomes quanto à face literária de seu mestre era de que:

No círculo literário do Paraná, conceituado em todo o Brasil, Dario Vellozo ocupa lugar saliente, destacando-se pela bizarra visão artística, pela competência e amor ao trabalho, do que dá prova o já longo catálogo de suas obras.

Poeta, romancista e conteur, apresenta-se sempre superior, o estilo castiço e raro, a estrofe – misteriosa ou singela – impecável de plasticidade, sonora de estranho *rythmo*. Pertence à ala gentil dos literatos paranaenses concorrendo, ou redactor ou collaborador, para a publicação das lindas revistas que alli têm apparecido (PALLADIUM, 25 jun. 1909, p. 1).

A designação *escol* foi reforçada pelo aluno Gomes no artigo publicado nessa mesma edição. O mestre Dario Vellozo representou para o intelectual “o extraordinário combativista da liberdade do pensamento, e o ilustrado mestre da mocidade”. (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3). Admirador de Dario Vellozo, ele elogiou as obras do mestre publicadas em poesia e prosa e também o seu trabalho desenvolvido na imprensa, afirmando que a “verdade alcandorante” soava fartamente em seus escritos. Gomes lia seus trabalhos com “avidez”, querendo gravar seus ensinamentos. (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3). O autor revelava então uma apreciação pelo anticlerical, pelo “inimigo dos preconceitos”, dos erros, das mentiras; da mesma forma que foi seu professor. (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3).

No Paraná, Vellozo liderou um grupo de alunos e professores para formar uma “escola pitagórica”. Dario Vellozo já havia se posicionado pelo confronto anticlerical na imprensa, principalmente pelos jornais “A República” e “O Club Curitybano”. O grupo que formou se denominava “esclarecido”, era inimigo declarado da Igreja Católica, e não aceitava a interferência da Igreja nos assuntos educacionais. (PEREIRA, 1996). Deste modo, o ensino

Perneta. Foi efetivado como professor por concurso em 1889. Por volta do ano 1899, Dario Vellozo passou a promover a ideia da criação de centros esotéricos. Colaborou nas revistas Club Coritibano, Revista Azul, Templo Maçônico e A Lâmpada. Publicou Lições de História (1902), Da Instrução Pública (1904), Pátria Republicana (1905), Escola Moderna (1903). Em 1909 fundou o Instituto Neopitagórico, influenciado por alunos do Ginásio Paranaense. Sua sede, o Templo das Musas, foi inaugurada em 1918. (DICIONÁRIO..., 1995, pp. 539-544). Sobre o intelectual, ver GONÇALVES JUNIOR, 2011.

²⁰1. O que há de melhor ou de mais distinto numa coletividade. = ELITE.

2. Aquilo que é melhor dentro de um grupo de pessoas ou de coisas. = FLOR, NATA. “*escol*”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/escol> [consultado em 13-02-2016].

laico e a cientificidade foram tomados como elementos modernizadores da sociedade, ao invés do ponto de vista religioso imposto pela Igreja, cuja noção era associada ao regime monárquico de outrora (PEREIRA, 1996).

Essa “luta”, além da conotação religiosa, pela laicidade que a República trouxe, assumiu também conotação político-ideológica. Assim, a Maçonaria reagiu e utilizou a imprensa, realizou conferências e intermediou junto às escolas, para a contenção do clericalismo. Outros personagens da luta contra a Igreja foram Emiliano Pernetta e Euclides Bandeira, predecessores de Gomes (PEREIRA, 1996).

Por estas razões, Pereira cita que Raul Gomes também assumiu a luta anticlerical, ao citar que o aluno de Vellozo “também declarava guerra aos *morbus* do clericalismo, às congregações religiosas, contra a Igreja, pois se devia ‘afastar do confessionário, as mulheres e crianças’” (PEREIRA, 1996, p. 83). O autor diz ainda que os alunos de Vellozo seguiam cegamente as ideias do mestre. (PEREIRA, 1996).

Com isto, os alunos do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, motivados pelo anticlericalismo, contestavam a cultura curitibana. Estudavam literatura, história antiga e desejavam pôr em uso as ideias, a arquitetura, o vestuário e nomes da Antiguidade Egípcia e Grega. Para tanto, as comemorações que realizavam, - como a Festa da Primavera, que veremos adiante, eram sinais da sua maneira de ser e pensar. (PEREIRA, 1996)

Pela proximidade com o mestre, Gomes considerava-se um bom aluno. Ele descreve que Vellozo distinguia-o com sua amizade, e remete a isso ao fato de ter “cumprido rigorosamente com seus deveres de estudante” (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3). Raul Gomes também elogiou o método de ensino de Vellozo, que segundo ele, prendia a atenção do aluno e fazia assimilar suas lições (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3).

Na bibliografia pesquisada, conta-se que certa vez, em decorrência de desentendimentos com um Instrutor, Dario Vellozo foi suspenso do ensino por três meses. (DICIONÁRIO..., 1995, p. 161). Ao que parece, o desentendimento ocorreu por motivos anticlericais. A edição de Palladium, mencionada anteriormente, comemorava o retorno de Dario Vellozo ao cargo de lente do Ginásio Paranaense, por ter sido “expulso da cadeira de História Universal do Ginásio Paranaense e da Escola Normal em 1909, devido às suas enérgicas investidas contra o ensino tradicional”, mas que foi restabelecida “logo depois de forte apelo popular” (MAIA, 2006, p. 85). “O professor recebeu, então, a solidariedade da imprensa, da intelectualidade, da maçonaria, dos jovens estudantes que acolheram o mestre por ocasião de seu retorno, com uma chuva de rosas”. (DICIONÁRIO..., 1995, p. 161).

Por conta disso, Raul Gomes finalizou seu artigo tecendo um comentário sobre o ocorrido:

Admiradores, amigos sinceros de Dario, rejubilamo-nos, como deve acontecer com todos que o conhecem, e com todos que não vegetam sob o girante da influencia das conveniências politicas, pelo facto de reentrar elle para o Gymnasio, a reocupar a sua cathedra de lente (GOMES, 25 jun. 1909, p. 3).

Nestor Vítor²¹ viu outra aproximação dos ideais dessa juventude com Dario Vellozo (VÍTOR, 1996). Segundo o autor, essa relação teve origem com a melhoria do ensino curitibano e com a notícia da fundação de uma Universidade em Curitiba. As melhorias vinham ocorrendo em razão do reflexo do aprimoramento intelectual, representado com “honra” devida “ao círculo literário constituído [...], o mais ativo e distinto de quantos existem no Brasil, excetuando o do Rio” (VÍTOR, 1996, pp. 135-136).

Raul Gomes foi mencionado por Nestor Vítor como um dos jornalistas partícipes de um movimento intelectual pronunciado, iniciado com a fundação da revista *Cenáculo* no ano de 1895, dirigida por Dario Vellozo, Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antonio Braga (VÍTOR, 1996, pp. 136-137):

Poetas, contadores, jornalistas, pedagogistas, historiógrafos, cultores da geografia, etnógrafos, escritores médicos, cultores do direito, esses paranaenses ‘já constituem uma plêiade perfeitamente adestrada, e, o que mais é, com característica própria, inconfundível, trabalhando para a continuidade da cultura nacional, é certo, mas sem nenhum espírito de subserviência a outros centros quaisquer do país (VÍTOR, 1996, p. 136).

Nesse contexto, a movimentação da intelectualidade por meio da imprensa gerou um espaço, um local de ação pelo qual os agentes disseminavam e valorizavam sua cultura. Nesse local, os agentes trocam seus capitais e exercem seus *habitus*. Portanto, esta é a noção de campo aqui apreciada. O *campo*, como estrutura de relações objetivas entre agentes, põe a funcionar os meios de pensamentos, elaborados para descobrir as propriedades específicas de

²¹ Nestor Vítor dos Santos (Paranaguá, PR – 12 de abril de 1868 – Rio de Janeiro, RJ – 13 de outubro de 1932). Crítico literário e escritor, envolveu-se por influência de seu professor Cleto da Silva nas campanhas a favor da abolição e da República, sendo eleito, anos mais tarde, secretário da Confederação Abolicionista do Paraná. Foi aluno do Ginásio Paranaense e contemporâneo de uma geração que desencadeou o movimento simbolista no Paraná. Conheceu Cruz e Souza em 1889, de quem nutriu amizade ao longo de sua vida. Atuou nos jornais *Livre Paraná*, *Diário do Paraná*, *O País*, *Club Curitibano*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e nas revistas *Pallium*, *O Sapo e Festa*. Foi nomeado por Marechal Floriano como Vice-Diretor do Internato Ginásio Nacional, depois Colégio D. Pedro II. Em 1917 é eleito deputado junto ao Congresso Legislativo do Paraná. Sua obra, *Terra do Futuro*, datada de 1913, livro de interpretação da cultura local (DICIONÁRIO, 1991, pp. 430-437).

cada campo e os diferentes universos tratados como casos particulares. Assim, o movimento do campo está nas ações e reações dos agentes que devem participar do jogo para se manterem e/ou melhorarem sua posição nele. Isso quer dizer que os agentes devem conservar ou aumentar seu capital específico para poder suportar os constrangimentos da concorrência (BOURDIEU, 2007, p. 66; p. 85).

Com este raciocínio, aqui também se encontra a tese da *illusio*. Ela, que trata dos investimentos feitos pelo agente em seu campo de interesse, faz o agente conhecer os meios de atuação em tal área, habituando-o ao meio de agir e de se organizar nesse espaço. O campo se organiza por meio da interação, das trocas simbólicas entre os agentes, cuja união forma o campo e simultaneamente, o faz existir.

Segundo consta e enquanto isso, Raul Gomes assumia o cargo de professor na cidade de Rio Negro, no ano de 1910 (PARANÁ, 1908). No ano seguinte, com 22 anos, Raul Gomes aderiu à uma manifestação de Dario Vellozo, quem, por seu idealismo de reviver a Grécia²², utilizou sua influência e mobilizou seus alunos e discípulos, tanto do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, como a comunidade (DICIONÁRIO..., 1995, p. 542; p. 161) e principalmente intelectuais ligados ao poder político, ao jornalismo e à educação.

Sua intenção era promover o livro *Ilusão*, lançado pelo poeta simbolista Emiliano Pernet²³, sendo que o auge do evento foi a “coroação de Emiliano como ‘Príncipe dos Poetas Paranaenses’”, perto da natureza, do mesmo modo que os gregos na Acrópole. Relata-se que:

O grupo tomou as providências básicas, acompanhou a realização das obras na *Ilha da Ilusão*, a confecção de um exemplar especial do livro, impresso em ouro com encadernação de veludo e título com letras em bronze, a elaboração do *porte-bonheur* com a coroa de louro, projetado pelo escultor João Turin, realizado em marchetaria com madeiras paranaenses, formando uma estrela tendo ao centro as iniciais do autor e revestida internamente em veludo azul e ouro e, finalmente, foi concebido e emitido o convite (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 2001, pp. 97-99).

A homenagem foi acompanhada por uma multidão, que participou ativamente dessa festividade em honra do poeta. Abaixo, a fig. III ilustra o grupo de literatos e jornalistas paranaenses reunidos no Passeio Público naquela ocasião. Raul Gomes, em pé, é o último da fileira de trás e à direita, conforme indica a seta:

²² Neste ano também foi realizada a primeira Festa da Primavera ou Festa do Equinócio (DICIONÁRIO..., 1995, p. 542).

²³ PERNETA, Emiliano David. (Curitiba – PR, 3 jan. 1866; Curitiba – PR, 19 jan. 1921). Escritor, jornalista, redator, professor. (DICIONÁRIO..., 1995, pp. 359-365).



FIGURA 2. ACERVO CASA DA MEMÓRIA. Grupo de literatos e jornalistas paranaenses reunidos no Passeio Público em 1911. Veem-se, da esquerda para a direita em pé: 1- Rodrigo Junior, 2- Heitor Stockler de Franca, 3- Nino Leite, 4- Serro Azul, 5- Gastão Faria, 6- Celestino Junior, 7- Francisco Leite, 8- Julio Hauer, 9- Mario de Barros ("Hermino"), 10- Josias Sant'Ana, 11- Adolfo Werneck de Capistrano, 12- Reinaldino Scharffenberg de Quadros, 13- Generoso Borges, 14 Euclides Bandeira, 15- Raul Gomes. Sentados: 16- Alfredo Romário Martins, 17- Domingos Nascimento, 18- Chichorro Junior, 19- Jose Gelbeck, 20- Ciro Silva.

Na imagem acima, os literatos e jornalistas mais velhos estão centralizados e sentados em sua maioria, ladeados pelos mais jovens. Raul Gomes aparece junto de Rodrigo Junior, Julio Hauer, Gastão Faria e Ciro Silva, com os quais entrou em contato anteriormente por conta da editoração de Palladium²⁴. Isto tem relação com as revistas de moços, que de acordo com Nestor Vítor, "foram instrumento da formação" do distinto meio intelectual paranaense "que, desde 1887, começaram a publicar-se ali, quase todas de vida efêmera, como é comum no Brasil" (VÍTOR, 1996, p. 138).

²⁴ A relação de Gomes com o Passeio Público, espaço de convivência da época, foi lembrada décadas mais tarde, em 1966, quando foi convidado pelo então prefeito de Curitiba, Ivo Arzua Pereira, para participar das festividades do 80º aniversário do local, cuja programação previa apresentação de teatro infantil, a cargo do Teatro do Estudante do Paraná; a entrega de prêmios aos vencedores da maratona escolar "Passeio Público de Ontem e de Hoje"; a realização de solenidades com a presença de autoridades como o governador do estado e o arcebispo da capital; o descerramento de várias placas de bronze realizada por uma comitiva de digressão ao redor do parque. As obras, previstas para aquela administração, previam também a reforma da Ilha da Ilusão, onde Emiliano Pernetá fora coroado príncipe.

Esta imagem é interpretada como evidência da receptividade de Raul Gomes por parte do grupo. Na fotografia, o jovem Gomes também está agrupado com Heitor Stockler de França²⁵, Nino Leite, Serro Azul²⁶, Celestino Junior, Francisco Leite²⁷, Mario de Barros (“Hermínio”²⁸), Josias Sant’Ana, Adolfo Werneck de Capistrano²⁹, Reinaldino Scharffenberg de Quadros³⁰, Generoso Borges³¹, Euclides Bandeira³², Alfredo Romário Martins³³, Chichorro Junior³⁴, Jose Gelbeck³⁵. A imagem também representa um espectador desconhecido, sentado

²⁵ Heitor Stockler de França (Palmeira, 5 de novembro de 1888 — Curitiba, 11 de janeiro de 1975) foi um pioneiro da indústria paranaense, poeta e jornalista brasileiro. Estudou no Ginásio Paranaense e na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Participou da fundação da Academia Paranaense de Letras, foi membro do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Histórico e Geográfico e congêneres. Trabalhou no Diário da Tarde. De sua autoria também várias letras para hinos, musicados por Bento Mossurunga. Publicou Corolas Rubras (1911); Curitiba e o Sol (1928); Oração do Natal (1931); Poemas de Natal (1973); Cantos da Integração Nacional (1974) e Alma e Coração do Paraná (1983). Na arte teatral produziu Sara (comédia, 1916); Cena Infantil (comédia, 1925); Prece do Natal (comédia); Coração; Dezenove de Dezembro (1922) e A Musa e o Poeta (1946). (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 128).

²⁶ Ildefonso Pereira Correia (Curitiba, 9 de julho de 1888 – São Paulo, 20 de junho de 1949). Mais conhecido como Ildefonso Serro Azul, foi poeta, humorista, boêmio contista, romancista e autor teatral. Sócio fundador do Centro de Letras do Paraná. Foi responsável por seções satíricas nos jornais Gazeta do Povo, Comércio do Paraná, O Dia, Diário da Tarde e A Tribuna. Era proprietário do Teatro Mignon. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 56).

²⁷ Francisco Heráclito Ferreira Leite (Curitiba, 8 de outubro de 1889 – Rio de Janeiro, 1982). A partir de 1938, foi o representante máximo da política paranaense durante seis anos seguidos, acompanhando o interventor Manoel Ribas em suas visitas, reuniões e audiências oficiais no Rio de Janeiro. Poeta, revistógrafo (A Crise, no Teatro Hauer; O Diabo em Curitiba, no Mignon; e A Magia do Ouro, no Guaíra), músico, conferencista, jornalista, embaixador cultural. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 161).

²⁸ Mario de Barros (Jaú – SP, 1879 – Curitiba, 19 de setembro de 1931). Caricaturista. Foi aluno da escola de Mariano de Lima. Adotou também o pseudônimo de Sá Cristão. Foi professor de desenho do Ginásio Paranaense.

²⁹ Adolpho Werneck (Morretes – PR, 3 de dezembro de 1879 – Curitiba, 18 de agosto de 1932). Poeta, jornalista e cultor do humorismo (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 175).

³⁰ Reinaldino Antonio Scharffenberg de Quadros (São José dos Pinhais – PR, 21 de janeiro de 1878 – Rio de Janeiro, 18 de maio de 1929). Escritor, colaborou para os jornais Diário da Tarde, Olho da Rua, Comércio do Paraná, Diário da Manhã e Jornal dos Poetas (DICIONÁRIO..., 1995).

³¹ Generoso Borges de Macedo (Guarapuava – PR, 23 de julho de 1875 – São Paulo, 4 de março de 1945). Jornalista. Em Curitiba, exerceu também as funções de camarista e o mandato de deputado estadual. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 233).

³² Euclides Bandeira (Curitiba, 22 de novembro de 1876 – Curitiba, 26 de agosto de 1947). Coursou a Escola Militar e serviu, diante das circunstâncias, às tropas governistas do Marechal Floriano, durante a Revolução Federalista de 1893. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 79).

³³ Alfredo Romário Martins (Curitiba, 8 de setembro de 1874 – Curitiba, 10 de setembro de 1948) Historiador, escritor, indianista, folclorista. Começou como tipógrafo no Dezenove de Dezembro, passando depois para A República, Correio Oficial, Folha Nova e Federação. Das oficinas passou para as redações. Desempenhou vários cargos públicos, como o de Oficial da Secretaria de Obras Públicas e Colonização, Diretor do Museu Paranaense, Delegado Fiscal do Governo Federal junto ao Ginásio Paranaense e Diretor do Departamento de Agricultura. Fundou a União Rural Paranaense, a Granja do Cangüiri, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Foi secretário do Diário do Comércio, da República e da Tribuna. Camarista, presidente da Câmara Municipal de Curitiba, eleito deputado ao Congresso Legislativo em dez legislaturas. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 196).

³⁴ Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior (Antonina, PR – 20 de outubro de 1864 – Curitiba, 31 de agosto de 1926). Formou-se em Direito e ocupou cargos na administração pública paranaense, destacando-se o de procurador da Fazenda, o de secretário do Interior e Justiça e Instrução Pública e o de secretário das Finanças, Comércio e Indústria, deputado estadual, administrador dos Correios e diretor-presidente do Banco de Curitiba.

em um banco ao fundo, no lado esquerdo da imagem. Esses nomes, segundo Vítor, faziam parte da representação do campo intelectual em Curitiba. (VÍTOR, 1996, p. 140).

Por esta lógica, se o elenco representa parte do campo intelectual de Curitiba, a presença de Gomes é materialidade de seu pertencimento e participação nesse grupo. Portanto, se Gomes faz parte do campo, é porque também existem indícios da intersecção de capitais e *habitus* contidos no campo. Esta hipótese é fundamentada em Bourdieu, quando afirmou que o *habitus* corresponde à incorporação de estruturas e materialização de representações exteriores, ao passo que os agentes processam essa incorporação e do mesmo modo, transmitem essas mesmas representações a que lhe foram inculcadas. (BOURDIEU, 1974, XLI).

Diante da imagem apresentada, constata-se que pessoas de mesma natureza se uniram em prol de um objetivo comum, que foi realizar a “Festa da Primavera”, com vistas à promoção de um semelhante, e que *per se* celebrava o grupo, que tinha suas próprias ideias, seu meio de agir, onde se respaldar -, e que proclamavam uma doutrina, republicana, laica, positivista, de valorização do homem, da moral e da justiça.

Euclides Bandeira é um semelhante que está representado na figura anterior. O entrecruzamento de sua trajetória com de Gomes, bem como de seus colegas Rodrigo Junior e Ciro Silva, foi fundamental para a formação desses jovens. Vanali apreciou o fato ao afirmar que, “dentre os que rodearam Euclides Bandeira e que nas campanhas de imprensa obedeceram ao seu mando, alguns se destacaram em setores diversos da atividade intelectual” (VANALI, 2014, p. 38).

Na opinião de Gomes, Euclides Bandeira, que também participou da formação do Centro de Letras do Paraná³⁶, utilizou a pena como “arma de combate de um materialista irreduzível e militante contra o espiritualismo”³⁷. Aqui, Gomes é manifestamente anticlerical.

Lecionou no Ginásio Paranaense. Publicou Vozes Livres (1886); O Deus Social (1889). (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 190).

³⁵ José Gelbecke (Morretes, PR - 4 de agosto de 1879 - ? , 2 de dezembro de 1960). Formado em Direito pela Universidade do Paraná. Funcionário público do Ministério da Fazenda, serviu em Curitiba na Delegacia Fiscal do Tesouro Federal. Deixou publicados, Missas, sonetos, 1905, de feição simbolista, e, em 1950, Acordes, edição do Centro de Letras. Colaborador de praticamente todas as revistas e jornais curitibanos, ligado ao grupo de O Olho da Rua. (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 121).

³⁶ Raul Gomes participou da fundação do Centro de Letras do Paraná. Sobre o assunto, ver a tese de IORIO (2013).

³⁷ Ata da fundação do Centro de Letras do Paraná, em 19 de dezembro de 1912: “Aos dezenove dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e doze, nesta cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, no salão de honra da redação do “Diário da Tarde”, à Rua Quinze de Novembro, número cinquenta e quatro, com a presença dos abaixo assignados, foi deliberada a criação, nesta Capital, de um Centro de Letras, com o (?) de concorrer para o progresso mental do Estado, publicando uma revista, editando livros, fazendo conferências, etc. Aceita

Em seu raciocínio, Bandeira era representado como “livre pensador, democrata, apolítico, mas florianista, nacionalista, mas paranista”. O intelectual exalta seu preceptor: “nunca esmoreceu, hesitou, se atemorizou na sustentação de seus nítidos e arraigados pontos de vista”, dizendo que Bandeira não escondia sua opinião e que combatia pela imprensa, criando polêmicas e posicionando-se contra a Igreja, ou politicamente. (GOMES, 1949).

Referindo-se à atuação de dois de seus mestres aqui apresentados, o prestígio de cada um, dirigido à formação de Gomes, foi colocado desta forma:

Ao se traçar um dia a história cultural do Paraná, avaliar-se-á o alcance da sólida obra de Euclides Bandeira em prol deste incomparável ambiente de liberdade que desfrutamos. Dario Veloso [sic] e seus camaradas ensinaram a mocidade a amá-la e defendê-la, a sofrer e até morrer por ela. Mas Euclides Bandeira erigiu o “Diário da Tarde” numa escola eficiente e fascinante para cultivar no povo o direito e o exercício da opinião, adestrando-o assim para sua utilização no curso dos acontecimentos nacionais (GOMES, 1946).

Assim, de um lado a colaboração de Bandeira para a formação de Raul Gomes, girava em torno do direito de liberdade de expressão. Da mesma forma, Vellozo cooperou ao ensinar a defender esse direito. Gomes também citou outras personalidades que também teriam sido entusiasmadas por Bandeira:

por todos a ideia, foi aclamado presidente da reunião o Dr. Euclides Bandeira, que, assumindo a direção dos trabalhos, depois de agradecer a distinta gentileza, convidou para secretário o Sr. Clemente Ritz. Em seguida fez uma ligeira apologia da ideia, que congregava os presentes, mostrando a utilidade da sua efetivação e acentuando que a fundação do Centro de há muito se impunha num ambiente intelectual, grande e brilhante como o nosso, com espíritos afinados no mesmo ideal – poetas, romancistas, publicistas, críticos, jornalistas etc. Terminada a sua breve alocação, o Sr. Presidente declarou livre a palavra a quem dela quisesse fazer uso a fim de ser escolhida a denominação para o novo centro. Diversas foram as denominações alvitadas: Syllogeu Centro Paranaense de Letras e Sciencias, Centro de Artes e Sciencias, Cameron Paranaense, Centro de Letras do Paraná, Centro Literario Paranaense, Centro Litero-Artístico e outros, sendo escolhido por maioria de votos o nome: Centro de Letras do Paraná. O Sr. Presidente, usando novamente da palavra, declarou, entre aplausos da assistência, fundado o Centro de Letras do Paraná, pelo que se congratulava com os presentes, certo de que todos contribuíram com seus esforços e seus talentos para o engrandecimento do Centro, que se fundava nesta data gloriosa da emancipação política do Paraná, como homenagem prestada ao Estado pelo intelectualismo patricio. Em seguida, nomeou a seguinte comissão para organizar o projeto de estatutos: - Doutores José Henrique de Santa Rita, Zeno Silva, Romario Martins, Doutor Joao Pernetta, Generoso Borges e Raul Gomes. O Senhor Presidente declarou que seria oportunamente convocada assembleia geral para a discussão dos Estatutos. Nada mais havendo a tratar-se, foi pelo sr. presidente levantada a sessão. E eu, Clemente Ritz, servindo de secretário, lavrei a presente ata, que vai devidamente assinada pela mesa interina e por todos os presentes. Euclides Bandeira, Presidente, Clemente Ritz, Secretário, Ismael Martins, Generoso Borges, Julio Pernetta, Sebastião Paraná, Domingos Nascimento, Joao Espindola, Manoel Francisco Correa, Rodrigo Junior, Zaida Z. Zardo, Myriam Catta Petra, Reinaldo Machado, Annete Macedo, Francisco R. Azevedo Macedo, Sylvio Loureiro Scheleder, Ataíde Gilberto Beltrão, Ulysses Sarmento, Jose Maria de Paula, Jayme Ballão, Alda Silva, Humberto, Veríssimo de Souza, José Gelbecke, Emiliano Pernetta, Zeno Silva, Açdo Silva, Gastao Faria, Ademaro Lustosa Munhoz, Pamphilo d’Assumpção, Ricardo de Lemos, Vicente Nascimento Junior, Francisco Ferreira Leite, Leite Junior, Raul Gomes, Heitor Stockler, Lacerda Pinto, João Pernetta, Jayme Ballão Junior, Romario Martins, Eusebio Silveira da Mota.

Domingos Nascimento, Evangelista Espíndola, Panfilo de Assunção, Niépce da Silva, Joao Gualberto, Nilo Cairo, Daltro Filho, além de toda a mocidade de então onde esplendiam grandes nomes de nosso microcosmo intelectual como Zeno e Ciro Silva, Cerro Azul, Jose Gelbecke, Leite Junior, Julio Hauer, Rodrigo Junior, Helvidio Silva, Gilberto Beltrao, Augusto Rocha, Otavio Sydney, etc. Essas figuras mantinham acesa larga atividade plúmifera, assinalada pelo exame e discussão de assuntos complexos tanto de interesse local, como nacional e universal. (GOMES, 1949).

Outras relações são extraídas da última figura apresentada. Neste modelo, afirma-se que, por exemplo, Mario de Barros expôs sua veia satírica no jornal O Olho da Rua (DICIONÁRIO..., 1995, p. 37), em que Raul Gomes e Ciro Silva também trabalhavam. Por sua vez, Chichorro Junior e Celestino Junior foram jornalistas da Gazeta do Povo (DICIONÁRIO..., 1995, p. 35). Os intelectuais já então estabelecidos Domingos Nascimento, Emiliano Pernetta, Dario Vellozo, Romário Martins haviam se formado no Instituto Paranaense (DICIONÁRIO..., 1995, p. 353). Celestino Junior e Romario Martins polemizaram nos jornais Gazeta do Povo e A República, respectivamente, quanto à sugestão do nome “Guaíra” para o teatro reformado em 1900 (DICIONÁRIO..., 1995, p. 484). No Rio de Janeiro, o jovem Reinaldino Scharffenberg de Quadros foi contemporâneo de Euclides Bandeira na Escola Militar da Praia Vermelha (DICIONÁRIO..., 1995, p. 438).

Outra análise remete à associação dos intelectuais aqui representados com revistas ligadas à manifestação simbolista no Paraná. Euclides Bandeira, Adolfo Werneck e Generoso Borges, foram da geração da revista Azul em (1900) e Sapo (1908). Chichorro Junior debateu com Rocha Pombo na Galeria Ilustrada em 1880. No que lhes diz respeito, José Gelbeck e Scharffenberg fizeram parte de uma nova geração simbolista (DICIONÁRIO..., 1995, pp. 343-344; p. 353, pp. 460-461). Domingos Nascimento também fez parte da revista do Club Curitibano³⁸, onde Dario Vellozo era diretor-literário (DICIONÁRIO..., 1995, p. 462). Romário Martins foi redator em A Pena (1897) (DICIONÁRIO..., 1995, p. 463). Chichorro Junior era, tal qual Dario Vellozo, professor no Ginásio Paranaense (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 190).

Essas personalidades que participaram da festividade no Passeio Público tornaram-se tema de diversas discussões nos artigos publicados por Raul Gomes, na imprensa, durante sua trajetória. Reafirma-se que dentro de um mesmo grupo e ocupando posições semelhantes, os agentes estão pareados e sujeitos a condicionamentos similares. Ainda, têm “com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição

³⁸ Sobre o assunto, ver MARACH, 2013.

semelhantes”, no sentido de classe *provável*, pois os agentes oporiam menos obstáculos objetivos às ações de mobilização de seu grupo, mais do que qualquer outro conjunto de agentes, o que também remete às concepções da *illusio* (BOURDIEU, 2007, p. 136).

Entrementes, durante o ano de 1915, Gomes foi nomeado como delegado de ensino da Vila de Guaratuba em Paranaguá e, em 1916, foi removido para a localidade de Cubatão Grande. Retornou a Curitiba em 1919, e no ano seguinte foi nomeado Diretor em Joiville, Estado de Santa Catarina, território em que permaneceu até o ano de 1921, período no qual foi nomeado servidor dos Correios do Paraná, ocupando o cargo de Auxiliar de Administração até 1938.

Durante o período, em 1925, o jornalista escreveu “Versa Tribunicia”, editada para reunir artigos sobre educação veiculados na imprensa. Da tipografia de João Haupt e Companhia, reúne 101 páginas de coletânea de artigos sobre educação, e que foram publicados no jornal pelo “escritor patricio”. Reunir artigos e republicá-los era uma estratégia recorrente efetuada Gomes para aumentar a abrangência da circulação de seus discursos.

O fato de que fez isso no tempo em que esteve afastado do magistério público para exercer cargo público executivo, conforme já mencionou Negrão (1927), e leva-nos a crer que essa foi uma estratégia posta por Gomes para criar uma noção de sua própria memória.

O intelectual dedica a obra à sua terra, à qual oferecia “seu coração, sangue e vida”. (GOMES, 1925). O autor Leoncio Correia, que publicou um artigo no jornal sobre o lançamento do livro, nos descreve que Gomes era um “trabalhador infatigável, paranista extremado, brasileiro vibrante, intelectual talentoso – e o consumado professor de toda a minha admiração.” (CORREIA, 27 nov. 1925.).

Esta locução, “paranista extremado”, utilizada para definir o espírito de Raul Gomes, foi trazida novamente por Pilotto anos mais tarde (1977). Para Correia, Gomes já era consagrado no meio literário e, apontado como um dos mais esforçados trabalhadores do desenvolvimento intelectual paranaense. (CORREIA, 27 nov. 1925).

Por isso, no final daquela década de 1920, Raul Gomes colaborou com a revista Ilustração Paranaense. Essa revista teve origem com um dos principais ativistas das lutas pela construção de uma herança tradicional local, que foi o jornalista e historiador Alfredo Romário Martins (CAMARGO, 2007, p. 28).

A Revista Ilustração Paranaense institucionalizou o movimento e circulou durante os anos de 1927 a 1933, como produto da organização de uma sociedade em busca de uma tradição local. Segundo Salturi, “procurava retratar o ambiente artístico e sociocultural da

capital paranaense e do Estado” (SALTURI, 2011, p. 70). Os assuntos mais frequentes das suas poesias, críticas, contos e reportagens, eram as belezas do Paraná e o processo de urbanização do Estado (SALTURI, 2011, p. 70) que, como foi demonstrado anteriormente neste trabalho, originou-se com a República e com a proclamação da entrada do Paraná na *modernidade*, efetuada pelos interlocutores da imprensa.

Gomes já havia experimentado a descrição das passagens de Curitiba rumo à urbanização. Pela narrativa da obra “O desespero de Cham” (GOMES, 1926), Gomes denuncia a existência de preconceito racial, pós-Lei Áurea de 1888, no seio da elite curitibana. A obra, narrativa romântica, teve capa elaborada por Eloy, pseudônimo do artista Alceu Chichorro³⁹ (Fig. 3). As estampas internas foram realizadas por Pedro Macedo, pintor que décadas depois, colaborou com Gomes para que a Exposição de Arte Paranaense no Rio (1944) acontecesse.

O romance de Gomes trata de preconceito racial, após a Lei Áurea de 1888, e é ambientado em Curitiba. Trata da história de um rapaz estudioso, de boa moral, porém por ser negro, não é aceito pela sociedade da época e tampouco acolhido ao convívio familiar da elite. No prefácio da obra, Rodrigo Junior comenta que Gomes tinha ânimo firme e diariamente pela imprensa, provocava polêmicas e intrigas. (GOMES, 1926).

³⁹ (Curitiba/PR, 1896 – Curitiba/PR, 1977). Pseudônimo de Alceu Chichorro, também assinava Eloy de Montalvão. Filho do coronel Joaquim Procópio Pinto Chichorro Junior e de Francisca Hosana Rodrigues. Seu pai exerceu diversos cargos públicos e se popularizou como professor e escritor, publicando, em 1898, estudo filosófico intitulado *Deus Social*. Alceu Chichorro teve aulas de desenho com Alfredo Andersen. Mais conhecido como desenhista de humor e caricaturista, suas charges renderam-lhe diversas ações judiciais. Trabalhou para os periódicos A Bomba, A Tribuna, O Careca, A Sulina, Álbum do Paraná, A Senhorita, O Anzol, Comércio do Paraná, Diário da Tarde, Gazeta do Povo, O Dia e A Semana a Lápis. Seus personagens mais famosos são: Tancredo, Minervino, Chico Fumaça, Dona Marcolina e seu cachorro Totó, Pascoalino e Dona Anunciata (ARAÚJO, 2006, pp. 629-630).

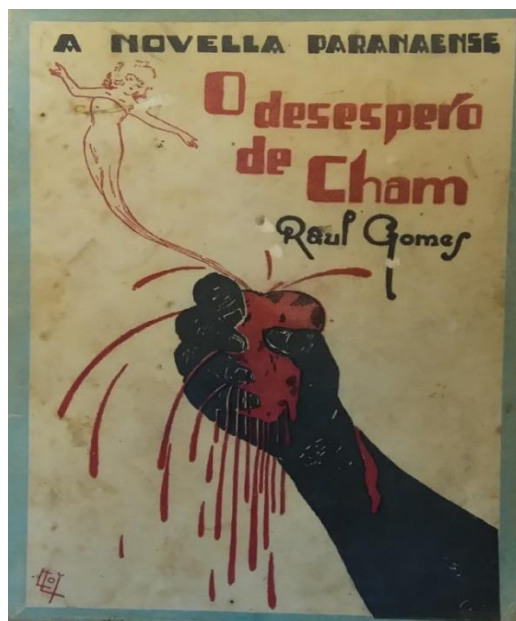


FIGURA 3. ACERVO PESSOAL. Desespero de Cham. Capa de Eloy, pseudônimo de Alceu Chichorro (GOMES, 1926).

Raul Gomes transmitia a representação contrária frente a esse problema social. Segundo Rodrigo Junior, sua aptidão consistia na defesa das vítimas e dos oprimidos. Na obra, Gomes propôs a criação de uma campanha educativa de igualdade racial. (GOMES, 1926, p. 66). Uma análise histórica desta obra literária foi apresentada por Weigert, no que tange ao seu discurso de ideais modernos, em relação à conformação urbana da cidade a partir do ponto de vista do personagem principal, Benedicto. (WEIGERT, 2009).

Os sinais da modernidade, além de se manifestarem através do surgimento de novas questões sociais, modificavam também o desenho da cidade. No excerto abaixo, Gomes incorporou e exteriorizou sua visão da cidade de Curitiba, fornecendo ao espectador, o clima de sua narrativa:

Ia pelo vagão a lufa-lufa dos preparativos atropelados do desembarque.
 Já o sino da locomotiva badalava, dlin blão, dlin blão, nos arrancos finaes do monstro refolegante de vapor e aço.
 - Grande Hotel!
 - Tem bagagem?
 - Quer carro ou automóvel?
 - Olha carregador!
 A onda agitada dos que enchiam a plataforma assaltou os vagões, uns na ofertas de préstimos, outros á procura allicta de amigos ou parentes vindiços.
 [...]
 As dependências da “gare” transbordavam de gente”.
 Seguindo a massa comprimida na angustia do corredor de saída, Benedicto não podia ver o que se passava diante de si.
 Só quando o ar fresco da tarde lhe bateu no rosto, ao atingir a porta principal, teve a antevisão da cidade suspirada.
 Que deslumbramento!

A praça Euphrasio Correia, antes um paul, a rua da Liberdade, hoje Rio Branco, outrora quasi invadeável pantanal, se lhe deparavam transformadas, aquella ajardinada, com fontes monumentaes e estatuas, esta pittoresca alameda, ladeada de sobrados.

O percurso até sua casa, no Alto de S. Francisco, foi o desfilar de boas surpresas do progresso de Curityba, nas justas regalias de grande metrópole, palpitante de vida e fascinante de bellezas (GOMES, 1926, pp. 21-22).

Igualmente, outras evidências indicam que Raul Gomes agiu como observador e articulador da cidade onde vivia, e que soube captar, para comunicar essas transformações da paisagem da Capital. Ele publicou o artigo “Curitiba Progride!...”, que associa ao progresso da cidade, a disseminação de construções cada vez mais altas e maiores, possíveis pela engenharia de então, tomando por exemplo a construção de um “arranha-céu” de 14 andares na região que corresponde a Praça Osório. (GOMES, 1 nov. 1946); (GOMES, 6 set. 1946).

Apesar de se julgar um passadista, o intelectual considerava que o mundo não deveria permanecer estático (GOMES, 20 dez. 1924). “Mantenha-se a tradição, mas com asfalto” é o título de artigo publicado no Diário Popular em 1967, quando se refere à revitalização histórica da área em torno do Largo da Ordem. A forma como via a cidade e seus habitantes também é demonstrada quando comenta a construção de uma pérgula⁴⁰ na Travessa Oliveira Belo em Curitiba. Apesar da segurança oferecida ao transeunte, na opinião de Gomes, o curitibano não era a favor dessa inovação “por seu eterno espírito de reação contra inovações”. Ele exemplifica: “Para se derrubar o teatro Guaíra que estava em ruínas, foi uma luta.” (GOMES, 14 ago. 1966).

Este último comentário diz respeito a uma campanha efetuada para derrubar o antigo teatro Guaíra. De modo contraditório, Gomes declara ter sido “um dos jornalistas, professores e intelectuais” a “pleitear a construção de um teatro para substituir o Guaíra”, que pela própria demolição lutou, pelo avançado grau de degradação que se encontrava o edifício. Para tanto, Gomes solicitou a Aluizio França, “prefeito passageiro que viu o perigo da permanência do teatrinho antigo sujeito a desabar dada a precariedade de seu estado”. (GOMES, 29 abr. 1970).

Nessa seara, a permanência de instituições tradicionais seria essencial para a beleza do mundo moderno, enquanto que o preço da modernidade é destruí-las, “manter vivo esse ‘velho’ ambiente, por sua capacidade peculiar de alimentar as experiências e os valores modernos”. (BERMAN, 2007, p. 373).

⁴⁰ Espécie de galeria coberta, para passear.

Por isto, a ideia de modernidade estava atrelada à observação e valorização dos elementos representativos, ou melhor, da tradição de uma sociedade em formação. Com esse propósito, o pinheiro do Paraná foi laureado como símbolo de uma “nação”. Esta afirmação se baseia na primeira edição da Revista Ilustração Paranaense, onde Romario Martins, predecessor de Gomes, discorreu sobre a árvore, ocupando página inteira do periódico:

O pinheiro era o rei desse paiz, - rei de bondade, ativo na sua estrutura, mas fraternalmente acolhedor nos largos braços sempre abertos da sua ramada. A abundante prodigalidade dos seus fructos possibilitou a vida das tribos amerindas e as incursões dos emboabas coloniaes. Foi o pão e a sombra dos que primeiro possuíram e amaram nossa terra e que deram seu sangue para nossa raça. Foi do seu lenho a casa dos primeiros vindos, - [...]. Hoje é ainda a mais abundante riqueza do nosso sertão, a arvore mais característica de nossa flora, a mais tocante beleza a nossa paizagem. (MARTINS, nov. 1927, p. 1)

Estas ideias de tradição, que neste caso foram ressaltadas particularmente pela consagração do pinheiro araucária, ecoaram por toda trajetória de Gomes. Em 1969, 10 anos após se aposentar e com 80 anos de idade, publicou um artigo sobre a árvore. Ele inicia o texto discorrendo sobre a existência de quatro fases no crescimento da árvore. Para ensinar sobre elas, ele se utiliza da comparação entre suas fases de crescimento com as etapas do homem:

Primeiro é a criança, adorável na sua fragilidade. Deparamos galhinhos débeis, mas já de feição incomparável. Depois, vem o infante jovem, numa forma cônica, dirigida para o seu molde geométrico. Segue-se o cone araucariano da mocidade galharda. Já empolga pela elegância do cone perfeito sem a lúgubre tristeza de seu primo o cipreste. Por fim ei-lo, o rei da floresta, dominador indisputável, cheio de grandeza, ereto, viril, varonil, único e ó na sua figura bastante impregnada de humanidade! (GOMES, 31 jul. 1969, p. 2).

Conforme consta neste artigo, Gomes associou uma série de fatos de *seu* Paraná que o impeliu a comentar o sobre pinheiro. Dentre eles, um “fenômeno psicológico” atingiu-lhe durante a observação de uma obra de arte, na casa de sua irmã. Ele narra:

Visitando minha irmã, revendo o quadro reproduzindo cenário meu conhecido há mais de 60 anos minha sensibilidade se chocou mas pôde me proporcionar a evocação do Pinheiro – *símbolo inimitável do meio telúrico e da descendência dos Balthazar Carrasco dos Reis, e Mateus Leme* [grifo meu], contendo documentado de 650 [?] páginas do 3º volume da monumental Genealogia Paranaense *de meu primeiro Chico Negrão, ambos com sangue da raça daqueles varões* [grifo meu], dos quais Baltazar ao requerer a 1ª sesmaria no planalto curitibano alegava seu bandeirismo e sua participação em defesa de nossa pátria (GOMES, 31 jul. 1969).

Gomes segue adiante: “Julgo o culto ao pinheiro uma demonstração indiscutível de amor ao Paraná” (GOMES, 31 jul. 1969, p. 2), pois para ele, a árvore representava a alma de um povo (GOMES, 31 jul. 1969, p. 3). O povo, se compreendesse o sentido imagético expresso pelo pinheiro araucária, seria “um povo forte, um povo indomável, um povo habitante do ‘Estado mais próspero e logo e mais rico do Brasil!’” (GOMES, 31 jul. 1969, p. 3).

De outra forma, ao validar sua origem nos fundadores de Curitiba e, conseqüentemente, sua relação com as terras paranaenses, Gomes apresenta a manutenção do *status quo* em um estrato particular de *seu* Paraná. O Paranismo, “uma forma moderna de definir o Paraná” (CAMARGO, 2007, p. 80), está relacionado ao estabelecimento de imagens de identidade paranaense que o destacasse do Estado de São Paulo, de que era originalmente província e, também do restante do país. Essas imagens se baseavam em suas constituições étnicas, históricas e culturais, visando à exaltação de valores locais e de símbolos, fundados em elementos nativos, como o pinheiro paranaense e o pinhão, para a constituição de um “espírito paranaense”. Essas imagens, eram criadas e desejadas pelos agentes detentores de poder (CAMARGO, 2007, p. 15; p. 156).

Estes fatos são confirmados por Pereira (1997), afirmando que naquela época as mudanças a favor da economia de Curitiba reforçavam os conceitos teleológicos dados pelo positivismo⁴¹ e pela tecnologia, de *progresso*. A moral positiva, encontrada nos discursos dos intelectuais, almeja aperfeiçoar as ações práticas e mentais dos indivíduos, para que sejam melhor preparados para agir em sociedade. A persuasão seria a base dessas ações, fundamentadas na teleologia. No Brasil, o positivismo teve papel de destaque como referencial para a campanha pela abolição da escravidão e para o desenvolvimento do republicanismo.

Isso representou uma noção de que o Paraná entrou na modernidade, pois os veículos de transporte, a mídia e a imprensa, que foram retratados, denotam a transformação sofrida pela Capital. O autor ressalta que o aprimoramento dos meios de comunicação completou o imaginário paranaense, formado de três partes: uma política, de orientação republicano-positivista-tradicional -, por outra, social, que acreditava na modernização do país pela

⁴¹ Esses ideais eram preenchidos pelas ideias do sociólogo francês Augusto Comte. Surgida no final do séc. XIX, sua teoria enfatizava a experiência e o aprimoramento do bem-estar intelectual, material e moral do homem. Para isso, utilizou novos métodos para o exame científico dos problemas da sociedade. Em sua teoria, o conceito de evolução age como diretriz para os fatos humanos e a seleção natural seria responsável pela eliminação das imperfeições. Desta forma, o eixo central do *positivismo* é o progresso.

República e terceiro, pelo fato de que até então o Paraná não possuía nem área delimitada (PEREIRA, 1996).

Camargo (2007) e Pereira (1996) convergem ao cancelarem em suas pesquisas que esse movimento esteve ligado a uma elite urbana, formando uma geração de escritores e políticos luso-brasileiros que começaram a lutar pelo “estabelecimento de uma tradição”, que misturava, contraditoriamente, “idealismo romântico com ideias científicas sobre o meio e a raça, resultando em uma série de imagens, literárias e visuais” (CAMARGO, 2007, p. 26; PEREIRA, 1996). Segundo Camargo, resguardadas as especificidades brasileiras, “a construção de uma identidade local não deixa também de fazer parte do projeto moderno como um todo”. No caso dos paranistas, as cautelas se dirigiam no sentido de evitar a diluição em uma imagem nacional, para a preservação das elites (CAMARGO, 2007, p. 126):

Segundo Camargo,

A revista Ilustração Paranaense foi o veículo por excelência das idéias paranistas, definidas por Romário Martins e desenhadas por João Turin e Lange de Morretes. A revista, dirigida pelo fotógrafo e cineasta João Batista Groff, foi pensada e produzida por um grupo vinculado aos círculos de intelectuais que freqüentava o Clube Curitibano, o que mais uma vez comprova a posição dos paranistas, como porta-vozes das idéias das elites curitibanas e paranaenses (CAMARGO, 2007, p. 170-171).

Salturi efetuou um levantamento dos principais escritores colaboradores da revista Ilustração Paranaense. Para qualificá-los desta forma, considerou os que produziram contos, crônicas, críticas de arte e poesias e ainda, que participaram em mais de uma edição (SALTURI, 2011, p. 78). No quadro, estão elencados Bento Munhoz da Rocha Neto, Ciro Silva, Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Ermelino de Leão, Euclides Bandeira, Generoso Borges, Heitor Stockler, Pamphilo D’Assumpção, Rodrigo Júnior, Tasso da Silveira e Raul Gomes. (SALTURI, 2011, p. 78).

Raul Gomes publicou artigos e também utilizou o espaço para divulgar publicações de sua autoria, ao que se aplica a sua própria afirmação de procedência na elite curitibana e paranaense, embasada pela tese de Camargo (2007) dos paranistas como “porta-vozes” das elites paranaense.

Gomes, nascido em 1889, fez parte da “‘geração’ nascida com a República” (ROCHA, 2004, p. 171). Acreditava nas características singulares que designavam os habitantes do Paraná, as quais abrangem a noção de cultura separada e genuína onde a singularidade,

oriunda de valor atribuído pelos praticantes dessa cultura, “merece ser considerada um valor em si mesma” (BAUMAN, 2001, p. 125).

Outra particularidade de Gomes, está em afirmar que foi o único paranaense a assinar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Ao lado de Lourenço Filho, de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e de Cecília Meireles, assinou o marco da renovação educacional do país, visando a adequação brasileira às mudanças oriundas da modernidade.

O crescimento econômico, a revolução tecnológica e a expansão da economia durante o período entre o final do séc. XIX e início do séc. XX, originaram mudanças profundas e fundamentais na sociedade. Nesse sentido, o conceito de *moderno* envolve dois lados unidos, que são opostos ao mesmo tempo, como as faces de uma moeda. (BRADBURY, 1989). Compreende o par antitético de adjetivos surgidos dessa controvérsia, que consome a ruptura da tradição: o antigo perante o moderno, as ambiguidades e as contradições (HABERMAS, 2000). A *oposição* pertence ao mundo moderno, a dupla composição de um elemento eterno somado a um elemento circunstancial (LEFEBVRE, 1969, p. 199-201). Essa oposição não corresponde somente a uma questão semântica, mas a uma polarização que diz respeito aos termos opostos, que se baseiam e que se excluem entre si.

Gomes, nos textos que publicava, parecia captar essa noção de um momento contraditório. O *modernismo* é a consciência das oposições, ao fim das distinções, e à ambivalência dos termos, compreende a superação da inércia e a crise da cultura, para adentrar em uma nova fase civilizatória (LEFEBVRE, 1969).

A *modernidade*, “produtora de uma lógica urbana e civilizatória” (VEIGA, 1998, p. 172) reúne em um todo aquilo que é imutável e o transitório. Esta ambiguidade, essa dualidade, corresponde à uma crise de identidade, onde o modernista destrói para criar. A destruição, por representar verdades eternas, é um processo necessário para criar verdades que podem ser destruídas pelo próprio agente. Quem busca essas verdades eternas é forçado a deixar sua marca no caos, no efêmero e no fragmentário (HARVEY, 2000, p. 26).

Modernização, por sua vez, é o termo empregado para demonstrar o conjunto de ações empreendidas para a *implementação* das novas descobertas e novas práticas, introduzidas pela ciência, com vistas a distinguir o novo do velho. Estudar a modernização permite responder questões ligadas às várias mudanças políticas, sociais e econômicas, das quais nasce a modernidade (BOBBIO et alii, 1998, p. 768; LEFEBVRE, 1969, p. 212).

Esses conceitos direcionados à vontade de mudar, foram incorporados pelos Signatários do Manifesto dos Pioneiros. O professor Vieira afirmou que:

Além de Azevedo [...], poderíamos destacar: Cecília Meireles, do *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro; Júlio de Mesquita Filho, do *Estado de S. Paulo*; e Raul Gomes, do *Diário da Tarde*, no Paraná. Estes, na expressão de Azevedo, formaram o grupo de 26 expoentes da intelectualidade brasileira que assinaram o manifesto dos pioneiros da educação nova que, dirigido ao povo e ao governo, alcançou grande repercussão nacional em razão da estratégica posição dos seus signatários na imprensa brasileira. (VIEIRA, 2007, p. 21)

Os signatários do manifesto se dirigiram em primeiro lugar aos jornais para atingir o povo e o governo (CAMPOS, 2012, p. 47). O grupo pretendia partilhar a construção de uma educação renovada, que se traduziria novo vigor dos materiais pedagógicos, currículos e laboratórios. A essas premissas, outros valores morais se somariam, que eram o apreço pela democracia, pelo liberalismo, pela meritocracia, formas da ideologia que era considerada moderna (CAMPOS, 2012, p. 47).

Os objetivos da Escola Nova abrangiam a defesa da laicidade, “da nacionalização do ensino, da ampliação da educação básica, urbana e rural, da estruturação do ensino secundário, da criação de universidades e da instituição da pesquisa científica” (SOARES, 2015, p. 312). Esses objetivos, em sintonia com os preceitos republicanos, já estavam arraigados em Raul Gomes por conta de suas experiências anteriores transmitidas doméstica e socialmente, principalmente por meio dos mestres Dario Vellozo e Euclides Bandeira.

No período, Gomes tinha deixado o ensino público e seguia carreira nos Correios do Paraná. Por conta disso, assinar o manifesto poderia significar também a defesa de uma causa própria, uma vez que Gomes levantou a bandeira em favor de boas condições profissionais para os docentes e ainda, remete à uma estratégia para não ser “esquecido” pelos pares, para se manter no campo, no jogo, conforme a noção de *illusio* já explicitada.

A esse propósito, da *defesa* de uma causa, Fernando de Azevedo enviou uma carta a Raul Gomes, em que declara a solidariedade por parte do intelectual paranaense, o que nos traz novamente o conceito de geração proposto por Sirinelli (2003):

Lembra você as lutas que travamos e nas quais nunca me faltaram seu apoio e sua solidariedade, quando o procurava como no caso dos Manifestos, ou quando delas você tinha conhecimento. Não era só um constante testemunho de que *amicus certos, in re incerta cernitur*. O que nos atraía, em momentos difíceis, era a fidelidade aos mesmos propósitos e ideais nas lutas pela educação e cultura (AZEVEDO, 1969).

Um exemplo simbólico de pertencimento a esta classe engajada em favor da cultura, pode ser exemplificado pela coleção de *Ex libris* que pertenceu a Ely de Azambuja Germano e

que se encontra recolhido na Biblioteca Pública do Paraná. *Ex libris* é uma expressão que designa a legenda e/ou sinal que marcam os livros de determinado proprietário, bibliófilo e/ou escritor, nas obras que possuem ou escrevem. É uma espécie de papeleta com a indicação do nome da biblioteca à qual pertence. Além disso, os *ex libris* possuem valor artístico, artesanal ou estimativo. Podem ser criados nas mais diversas técnicas de imagem e reprodução, podendo consistir em um simples carimbo ou numa marca indelével.

Nas peças, consta o nome do proprietário do volume e, muitas vezes, além da expressão latina *ex libris*, a divisa que serve de lema ao dono do livro, contém também motivos artísticos eventualmente a ele relacionados (humanos, botânicos, zoológicos, geográficos, históricos, bibliográficos, etc.). Os temas devem abranger e harmonizar com um retrato sincrético do seu titular, em suas atividades profissionais, predileções artísticas, científicas, filosóficas, etc.

Desde o final do século XIX, Curitiba já se destacava no campo editorial ante outras capitais de província. Por isso, havia um alto número de usuários de *ex libris* no local. Desta maneira, se infere que os intelectuais do início do século XX, dentre os quais Romário Martins, Ildefonso de Serro Azul, Arthur Franco, Adir Guimarães e Raul Gomes, mantivessem a tradição (BIBLIOTECA Pública, 2002). A figura a seguir ilustra o *ex-libris* do professor:



FIGURA 4. ACERVO ANDRADE MURICY – FCRB. Ex-libris de Raul Gomes, em carimbo. (GOMES, Raul. [Carta] 18 mar. 1968)

A legenda do *ex-libris* do professor significa a admiração do intelectual por Emiliano Pernetá, pois este é um trecho extraído do poema “Sol”, que o poeta dedicou a Dario Vellozo, que nos versos recita a sinestesia existente entre natureza e espírito humano. Pela linguagem

simbolista, Emiliano Pernetá descreve um diálogo que haveria entre os elementos da natureza, durante o crepúsculo. Enquanto acordam, os elementos da natureza se expressam. A fala do pinheiro araucária vem depois de pássaros, do charco, da floresta, do orvalho. Ele diz: “Eu sou como uma taça erguida para a luz”.

Enquanto trabalhou nos Correios, Raul Gomes ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná⁴². Ficou anotado em sua carteira de saúde expedida em 1938, revalidada em 1941, pertencente ao *prof. dr. Raul Gomes*, a declaração de que sua profissão era “advogado e professor” (PARANÁ, 1938-1941). O intelectual iniciou o curso em 1931, quando possuía 41 anos, finalizando-o em 1935, aos 46 anos.

Gonçalves (2015), que tratou da retórica discursiva dos bacharéis em Direito no debate dos projetos de educação profissional no Brasil, afirmou que as relações travadas entre professores e colegas nas Faculdades de Direito servem como ponto de partida para entendimento de uma cultura político-jurídica, cuja rede de sociabilidades proporciona uma expectativa de construção de carreiras e, por consequência, de produção da sociedade brasileira (GONÇALVES, 2015, p. 4). Do mesmo modo, o autor afirma que o grau de bacharel em Direito conferia ao indivíduo uma autoridade de orador. Ele cita que o grau de bacharel simboliza sua profissionalização, sua legitimidade no âmbito jurídico. (GONÇALVES, 2015, p. 7).

Novamente remetendo ao conceito de genealogia (SIRINELLI, 2003), durante a faculdade, Raul Gomes foi aluno de Clotário Portugal, Otávio do Amaral, Benjamin Lins, Pinheiro Lima e Francisco Azevedo Macedo. Com este último, debateu questões da Instrução Pública, e veio a substituí-lo na cadeira de Economia Política da Faculdade.

Portanto, contando com quase 60 anos de idade, Gomes retornou à Faculdade de Direito e iniciou sua carreira no magistério superior, por contrato. Em correspondência enviada a Andrade Muricy, Raul Gomes contou-lhe que assumiu a cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito, acumulando o cargo com as aulas que já ministrava fora da Universidade. Mais do que isso, estava “à mercê de uma disciplina de ferro imposta a” si mesmo, pois naquele ano ainda faria “DOIS CONCURSOS!”.(GOMES, 11 mai. 1946).

⁴² São, dentre outros, os bacharéis de 1935: Moacyr Vaz da Silva, Alfredo Ferrante, Arthur Heráclito Gomes, Saul Valente, Eurípedes Carmo, Salvador de Maio, Levy Ribas de Macedo, Percival Loyola, Rubens Santa Ritta, Cid de Oliveira Cercal, Ilna Pacheco Secundino, Álvaro Quadros, Ulysses de Mello e Silva, Ivan Ferreira do Amaral, Jacob Gelbert, Cid Loures Ribas, Celso Ramos Branco, Emídio Pacheco, Francisco Zicarelli, Francisco Pimpão, Ariel Ferreira do Amaral, Osvaldo Alves de Souza, Nagibe Chede Abrahão, Albino Blitzkow, Raul Bandeira de Melo, Orion Lobo, Elias Karam, Nilton Carias de Oliveira.

Ele revela que tinha uma multiplicidade de encargos, aulas diárias e a direção de GERPA lhe constituía um complexo de “atividades tremendas”. Embora fosse agitado, dizia não se excitar e que chegava “SEMPRE ANTES DOS OUTROS NO PONTO DE PARTIDA OU ENCONTRO E... NO LAÇO!”. (GOMES, 11 mai. 1946). Seu esforço lhe rendeu em seguida o diploma de livre-docente da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, pela aprovação da tese “A Economia Mundial e o Descobrimento do Caminho Marítimo das Índias” (GOMES, s/d).

Relata-se que estimulava debates entre seus alunos, como método de ensino. Bourdieu (2007) afirma que os debates juridicamente regulados constituem a controvérsia enquanto o próprio problema do debate. Aí, reside a natureza da argumentação, ferramenta amplamente utilizada por Gomes em seus discursos. De acordo com a pertinência, os debates retêm como fatos o que é válido, no que lhe é favorável, ou desfavorável. (BOURDIEU, 2007, p. 229).

Nesse sentido, Bourdieu afirma que o *habitus* jurídico possui constância e homogeneidade, oriundo de atitudes comuns e experiências familiares comparáveis. Os debates, que Gomes promovia no curso de Direito, funcionariam como “como categorias de percepção e de apreciação”, que estruturariam “a percepção e a apreciação dos conflitos correntes”, de maneira a orientar “o trabalho destinado a transformá-los em confrontações jurídicas” (BOURDIEU, 2007, p. 231).

Isso remete à epígrafe citada na introdução deste trabalho, quando em 1914, Gomes chamou a si o conhecimento da causa e da demanda da classe professoral do Paraná. Em vista disso, Raul Gomes parece estar perante essa consciência de percepção dos conflitos e da vontade de transmitir essa capacidade de percepção, o que para Kunczik (2002), traduz a função do intelectual.

Cumprindo seu plano, conforme o que havia escrito a Andrade Muricy, no ano de 1948, Gomes defendeu a tese “Caminhos da Paz – Maior produção e melhor distribuição”, o que lhe rendeu o título, com louvor e mérito, de Professor Catedrático de Economia Política (GOMES, 1948). O fato foi noticiado na imprensa e uma grande imagem de Gomes ocupou parte da página, na posição central-inferior, em uma matéria publicada no jornal Diário da Tarde com o comentário que segue:

Após um concurso brilhante, em que demonstrou a sua sólida cultura, passou a integrar a Universidade do Paraná, como lente catedrático, o Dr. Raul Gomes. Jornalista, educador e escritor um os mais admiráveis, cronista cintilante e mestre de reconhecida competência que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao Paraná, na educação de sua ardorosa mocidade, em vários anos de magistério.

Personalidade das mais cativantes, espírito culto, alma nobre, o Professor Dr. Raul Gomes, que integrou, de forma brilhante, a nossa imprensa, soube conquistar vasto círculo de sólidas amizades, que, pelo auspicioso evento que lhe veem tributando as mais justas, as mais sinceras, as mais expressivas homenagens (PROF. DR. RAUL GOMES, 16 dez. 1949, p. 6).

Segundo Fávero (2000), as propriedades de cátedra possuíam privilégios de aquisição histórica, providas desde D. Pedro I, associadas entre as funções do magistério e a do poder judiciário, como a vitaliciedade do cargo. A Reforma Francisco Campos, de 1931, “ratifica o professor catedrático como primeiro na hierarquia do corpo docente e coloca em termos de exigência para o provimento no cargo, o concurso público de títulos e provas”. Na visão de Fávero, a cátedra possuía um caráter centralizador: os professores escolhiam seus colaboradores e mantinham o domínio didático. A autora considera também que a cátedra “foi o lugar do catedrático vitalício, inamovível, detentor de “poder e de saber”, por outro lado, ela foi, também, em alguns casos, espaço de integração de pessoas e de socialização de conhecimentos, “criando escola”.

Em uma homenagem prestada pelo curso de Direito a Gomes, o Professor José Nicolau dos Santos, catedrático da disciplina de Teoria Geral do Estado, afirmou que:

Raul Gomes sempre teve esse dom invulgar de prelecionar com prazer e austeridade no recinto solene da Universidade, e com o mesmo prazer, displicência e simpatia, sob a fronde de uma árvore, em qualquer banco de jardim ou em qualquer ângulo de praça. Nasceu professor e se sabia fazer professor em todas as horas do dia, sem exceção de um só minuto (SANTOS, 1960, p. 262).

Recorda José Nicolau que, ao discorrer sobre a vida de Rui Barbosa, dizia Raul Gomes:

Aquilo que me comove, aquilo que mais exalto na personalidade inegalável dêsse [sic] gênio pátrio, não é o jurisconsulto sábio que foi Rui, nem o poliglota, nem o político, nem o administrador, nem o literato puríssimo e o dominador absoluto da nossa língua, nem o republicano histórico. O que mais admiro em Rui foi ter sido ele, como ninguém o igualou, “um professor de energia” (SANTOS, 1960, p. 262).

Com esta observação, conclui o raciocínio o professor e colega de Raul Gomes:

Num só traço psicológico, eis aqui, também, a personalidade definida de Raul Gomes. Como o grande Rui, Raul Gomes soube ser também, “um mestre da energia”. (SANTOS, 1960, p. 262).

Antes de se tornarem colegas na Faculdade de Direito, José Nicolau foi examinado por Raul Gomes para o ingresso na cátedra de Teoria Geral do Estado. Ele afirma que naquela ocasião,

sentamos ambos em uma mesma banca de concurso, êle como examinador exímio, eu, pobre de mim, como examinando bisonho, jogando a sorte, sem recurso, de uma temeridade: o desejo de me alçar a esta Cátedra e ao convívio desta egrégia Congregação. Incidentemente, impensadamente eu abordara, na tese de candidato, uma soma de problemas econômicos internacionais. Raul Gomes poderia ter pulverizado o examinando, como mestre insigne de Economia e de Direito. Contudo, seu espírito lúdico falou mais alto. O competidor, para o debate oral, era mais fraco do que êle, além disso já estava exausto ante a dialética impiedosa de outros examinadores precedentes (SANTOS, 1960, p. 263).

Santos relata que Gomes agiu em seu favor, tomando-lhe a defesa, “contra seus próprios companheiros de banca”, citando Rui Barbosa, para quem “a Justiça deve pender sempre para o lado mais fraco” (SANTOS, 1960, p. 263). Ele encerra a homenagem afirmando que as salas de aula continuariam a guardar o eco dos aplausos que costumavam encerrar as aulas e debates acadêmicos promovidos por Gomes (SANTOS, 1960, p. 264).

Raul Gomes aposentou-se, compulsoriamente do ensino por idade, na data de seu aniversário de 70 anos, em 29 de abril de 1959, mediante protesto assinado às fls. 277 de seu livro ponto, porque se considerava apto a ensinar por mais dez anos:

Assino o ponto de m/última aula. Faço o deixando aqui, na forma de um parecer e pensamento contra um dispositivo constitucional que despede da cátedra quando podia regê-la por mais de dez anos. – Como, porém, é lei, seja cumprida, mediante protesto meu! (BRASIL, s/d).

A trajetória profissional de Gomes, que se iniciou oficialmente quando tinha 17 anos, segue até os últimos anos de sua vida, enquanto continuava a exercer o jornalismo. Sua atuação na cena cultural paranaense pode ser ilustrada na imagem a seguir (Fig. 04), que retrata a Exposição do Tricentenário da Instalação do Pelourinho - ocorrida em 4 de novembro de 1968, quando Raul Gomes contava com a idade de 79 anos, ocasião em que comemorou-se o aniversário da elevação do povoado à Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. A seta marcada na foto, indica a pessoa de Raul Gomes, sendo que esta imagem corrobora com o fato de que o intelectual se fazia presente com frequência em solenidades públicas, o que gera uma nova discussão sobre suas estratégias de autopromoção perante a sociedade:



FIGURA 5. ACERVO CASA DA MEMÓRIA. Exposição do Tricentenário da Instalação do Pelourinho, em novembro de 1968.

O seu posicionamento, em primeiro plano, denota a sua ligação com o evento, por ter sido um dos descendentes diretos dos fundadores e povoadores da cidade de Curitiba. Estar no primeiro plano sugere um ponto de vista que considera o destaque dado à sua pessoa, evidenciado ao encontrar-se ladeado por secretários de Estado e autoridades, como Pedro Viriato Parigot de Souza, Emílio Hoffmann Gomes, o então prefeito Omar Sabbag, que discursa, e por fim, Dom Jeronimo Mazzarotto.

Dezenas de artigos foram publicados nos jornais por conta das comemorações do tricentenário do Pelourinho. O prefeito Omar Sabbag publicou uma nota no jornal *Diário do Paraná* destinada ao povo, falando sobre os três sentimentos básicos que marcaram a índole dos primeiros povoadores de Curitiba. O primeiro dizia respeito à devoção católica à Virgem Maria, que teria motivado o deslocamento dos arraiados da região do Atuba à região que hoje corresponde à Praça Tiradentes, nesta Capital. O segundo sentimento, “foi o desejo de paz, de ordem e de justiça”, que levou os primeiros homens a pedirem a ereção do Pelourinho e ao que ele simbolizava. E o terceiro, “a crença no futuro, alicerçada na fé, na paz e na justiça”. (SABBAG, 3 nov. 1968, p. 3).

Por conta disso, Raul Gomes participou das comemorações e também dedicou um artigo ao assunto. Do mesmo modo que Sabbag, o intelectual interpretou o Pelourinho como forma de materialização da justiça e sinal de sua presença no planalto curitibano, evidência do “padrão do Direito em ação” (GOMES, 6 nov. 1968, p. 2). O pelourinho em Curitiba foi

requerido no séc. XVII pelos moradores da cidade contra os bandoleiros e os perigos, que incursionavam o burgo e ameaçavam a população. Este símbolo, na opinião de Gomes, desempenhava com eficiência, “por assim dizer”, uma missão educadora do povo, pela sua função de instrumento punitivo, e ainda, contraditoriamente, por possuir “senso de humanidade”. (GOMES, 6 nov. 1968, p. 2).

Gomes mencionou mais uma vez neste artigo a sua descendência em Baltazar Carrasco dos Reis, um dos povoadores da cidade (GOMES, 6 nov. 1968, p. 2). Partindo de uma análise que considere os termos de Bourdieu, denota-se a *transmissão doméstica de capital cultural e de capital social*, percebidos por Raul Gomes, buscando e validando por sua ascendência, a tradição e hereditariedade daqueles que buscavam organizar juridicamente a sociedade, da mesma forma em que se colocaram a seu serviço, ocupando cargos públicos.

1.3 ATUAÇÃO NA IMPRENSA

“Escrevinhador obscuro de jornal, sei que as ideias só triunfam à força de malhadas e remalhadas” (GOMES, 30 jan. 1925, p. 2). A partir desta ideia central, da força contida na palavra, o artigo de Osinski, com o qual colaborei, analisa a participação do intelectual na mobilização para a concretização de projetos culturais e educativos. Por meio da imprensa, ideias essenciais à efetivação dos projetos, eram reiteradas constantemente. O autor tinha obstinação em divulgar suas propostas (OSINSKI, D.R.B.; BRANDALISE, A.C., 2015, pp. 205-206).

Ao ser atribuído *per se* e por seus pares o título de decano da imprensa do Paraná (HOERNER; BÓIA, 2001; PILOTTO, 1976), Gomes faz uso do que Pierre Bourdieu designou por *marca de distinção* (BOURDIEU, 1974, p. 14). Elas consistem em exprimir e constituir para si mesmo e para os outros a sua posição na estrutura social e sua relação com essa posição. Existem atos que são “destinados a exprimir a posição social”, especifica e intencionalmente, “mas também o conjunto dos atos sociais que, independentemente do nosso querer ou saber, traduzem ou revelam aos olhos dos outros e, sobretudo dos estranhos ao grupo, uma certa posição na sociedade” (BOURDIEU, 1974, p. 23).

Essa marca de distinção pode ser encontrada no excerto a seguir, quando Gomes afirmou, no período de sua maturidade:

Há duas coisas inegáveis em minha vida, sou o decano do magistério e do jornalismo paranaense. Se por um lado dei minha primeira aula no dia 1º de maio de 1907 em Morretes, por outro lado, iniciei minhas atividades jornalísticas um ano

antes fundando em 1906 em Curitiba um jornal humorístico chamado “O Relampago” (COLUNA DOMINGO, s/d.).

Os artigos de sua autoria também podem ser reconhecidos pelos pseudônimos que adotou. Esta, foi uma das estratégias que utilizou, para preencher as páginas dos jornais com suas ideias e reiterar discursos. Em ficha biobibliográfica preenchida por si mesmo, hoje em sua pasta na Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, Raul Gomes nos dá a pista de como encontrá-lo. Ele estreou assinando Raul Gomes, e depois passou a utilizar seu nome completo. Do mesmo modo, assume que utilizou “muitíssimos” pseudônimos: Fígaro, Mendes Fradique, Tolstoi, Fradique Mendes, Nemo, “etc”. (DADOS biográficos, s/d). É possível encontrar em uma mesma edição de jornal mais de um artigo de Raul Gomes, alguns com autoria declarada, outros assinados com pseudônimos.

Esta era uma estratégia comum do meio, também utilizada por outros jornalistas para publicar crônicas em número elevado e cultivar o humor inteligente. Fizeram uso desse expediente intelectuais como Euclides Bandeira, Alceu Chichorro, José Gelbecke e Rodrigo Junior. (DICIONÁRIO..., 1995, p. 35; p. 73; p. 184; pp. 323-324).

A declaração acima, feita por Gomes, também se conforma na especulação de Pierre Bourdieu de que

o escritor, o artista e mesmo o erudito escrevem não apenas para um público, mas para um público de pares que também são concorrentes. Afora os artistas e os intelectuais, poucos agentes sociais dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que tem de si próprios e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, tem deles e do que eles fazem (1974, p. 108).

A história da imprensa paranaense foi abordada por Oswaldo Pilotto⁴³ dentro de uma iniciativa paranista (PILOTTO, 1976). O autor tratou de sua implantação no Estado, os periódicos que foram publicados, quais eram suas tendências e os seus objetivos. Pilotto citou curtas biografias de literatos e vultos que participaram de sua constituição. Um dos periódicos mencionados é “A República”, órgão do Club Republicano que propagou o ideal antimonarquista e foi dirigido por Romário Martins, Nestor Victor e João Pernetta, contando com a colaboração de Raul Gomes (PILOTTO, 1976, p. 16). Segundo Pereira (1996), este foi um dos periódicos mais representativos para a divulgação das ideologias republicanas.

⁴³ Oswaldo Pilotto, professor normalista e universitário, engenheiro agrônomo e civil, membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto de Engenharia do Paraná e do Instituto histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. (PILOTTO, Oswaldo).

Gomes também escreveu para o Jornal do Commercio, que foi considerado como um “órgão noticioso” por Pilotto (PILOTTO, 1976, p. 30). No Diário da Tarde, que intencionava “introduzir o jornal nos hábitos populares [...] para interessar todas as classes nos múltiplos assuntos que entretecem a vida social”, Pilotto comenta que Raul Gomes adotava a própria norma de “conhecer a imensa importância do fato [...] para achá-lo, narrá-lo, explorá-lo” (PILOTTO, 1976, pp. 30-31). O intelectual relatou, anos mais tarde, como era o trabalho no Diário da Tarde, que em sua opinião não era essencialmente político como os outros:

Era o tipo do jornal independente, que alcançou sucesso apesar de impresso em velhas máquinas. O Diário da Tarde inovou a venda avulsa, surgiram os primeiros jornaleiros em Curitiba. [...]

Assim o DT marcou época, além da independência partidária. “O Diário era equidistante dos partidos, que sentiam os horrores da guerra civil desde a metade da década de 1890. Em meio à imprensa violenta, o DT foi um jornal de paz, sem ser tímido, mas independente”. (GOMES, 14 mar 1974).

Raul Gomes teria iniciado sua trajetória no Diário da Tarde já em 1907, quando mandava artigos tendenciosos, políticos e religiosos, que Euclides Bandeira, segundo o próprio Gomes, publicava diariamente. (GOMES, 14 mar 1974).

Essa participação em jornais escolares, nos movimentos de Vellozo e no Diário da Tarde, rendeu a Gomes a *objetivação* de seu capital cultural, nos termos de Bourdieu, dando-lhe eficácia ideológica ao transmitir e materializar suas ideias sobre educação, nos seus primeiros artigos de jornal publicados. Do mesmo modo, quando Gomes aderiu ao grupo dos jornalistas, foi reconhecido como parte dele, e da mesma forma em que se reconhecia nele, nesse campo. Assim, por competências específicas e por disposições adquiridas de cada membro, realizava as trocas legítimas que possibilitaram a existência do grupo: “a condição básica consiste em constituir o campo intelectual [...] como sistema de posições predeterminadas abrangendo, [...], classes de agentes providos de propriedades (socialmente constituídas) de um tipo determinado (BOURDIEU, 1974, p. 190).

O envolvimento com o ensino e com o jornalismo, além de sua origem social, são as semelhanças do professor com este campo intelectual em desenvolvimento no Paraná, na similitude de suas ocupações, de suas origens e de seus modos de ver, descritos por Vítor (1996). Gomes passou, com seu capital acumulado, a dispor de suas estratégias para ser visto, publicando artigos em jornais de maior circulação. Em seguida, selecionou seus artigos para editar livros, aumentando as possibilidades de circulação de suas ideias, enquanto, ao que parece, estava afastado do magistério público.

O pesquisador Vieira, ao se referir aos intelectuais paranaenses, considera que estes eram oriundos de famílias tradicionais e possuíam capitais culturais institucionalizados, tendo, em seu ponto de vista, formação, familiaridade e atuação na esfera educacional e cultural, e sendo ainda comprometidos com as reformas no ensino, associadas a um discurso de modernização:

os principais articulistas dos diários examinados pertenciam a famílias tradicionais, possuíam créditos de formação valorizada (diplomas) e exerciam cargos nos principais espaços de projeção e de hierarquização cultural da capital paranaense, dentre as quais destacamos a própria imprensa, a Escola Normal, o Ginásio Paranaense, a Universidade do Paraná, a Academia e o Centro de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, além da ocupação com certa regularidade de posições importantes no aparelho do Estado. (VIEIRA, 2007, p. 22)

O papel privilegiado de Raul Gomes no jornalismo, algo que lhe permitia o envolvimento com as questões públicas, remete ao estudo de Vieira (2007) que se apropria do jornal como local de circulação dos discursos e de sua força em dar visibilidade às coisas, trazendo assuntos para discussão (VIEIRA, 2007, p. 16).

No ano de 1907, o periódico “A Notícia”⁴⁴, informava o recebimento do nº 12 do quinzenário Lutador, de Morretes, cuja redação era chefiada por Raul Gomes (NOTÍCIAS, 20 dez. 1907, p. 2). O periódico, sob o emblema de “folha independente, litteraria e noticiosa”, pretendia consagrar a defesa de interesses do povo, corresponder ao desenvolvimento do Estado e satisfazer necessidades momentâneas (NOTÍCIAS, 20 dez. 1907, p. 2). Em suas páginas, um recado foi passado a Raul Gomes pelos colaboradores desse jornal em nota no ano de 1908:

Para Morretes, onde proficientemente desempenha a ardua, mas nobilitante, missão de pedagogo, seguiu hoje o nosso talentoso confrade Raul Gomes, redactor-chefe do bello quinzenário *O Lutador* que se publica naquela cidade. Espírito brilhante, cavalheiro no trato sincero, Raul Gomes, no curto lapso em que gosou de férias nesta capital, convivendo conosco nesta tenda, soube captar toda a nossa sympathia e estima, tendo em cada um de nós afetuoso amigo leal (RAUL Gomes, 13 jan. 1908, p. 2)..

⁴⁴ Neste periódico, figuravam entre seus colaboradores: Ermelino de Leão, Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, Alvaro Jorge, Evangelista Espindola, Moura Brito, Carvalho de Mendonça, Alencar Guimarães, Cardoso de Gusmão, Newlands Junior, Vieira de Alencar, Sá Barreto, Teixeira de Carvalho, Julio Pernetta, Carvalho Chaves, Ismael Martins, José Niepce da Silva, Silveira Netto, Claudino dos Santos, Sebastião Paraná, Pereira da Silva, Eudoro Cavalcanti, Nilo Val, Santa Ritta Junior, Alcebiades Plaisant, C. R. Teixeira de Freitas, Generoso Borges, Leite Junior, Duarte Velloso, Seraphim França, I. Serro Azul, José Gelbeck e Adolpho Werneck. (A NOTÍCIA. Colaboradores, 20 dez. 1907).

Os colaboradores lamentaram a falta que faria “esse moço superior” na cidade de Curitiba, e afirmaram que, nas colunas de A Notícia, refulgiria sempre a pena de Raul Gomes. Desejando felicidade, finalizaram a nota com um abraço (RAUL Gomes, 13 jan. 1908, p. 2). Isto denota que os intelectuais comunicavam entre si por meio da imprensa periódica, como uma espécie de “edita” direcionado ao grupo como um todo, o que remete novamente às trocas simbólicas dentro de um campo, pensadas por Bourdieu.

Desde sua estreia como professor e simultaneamente como jornalista, Gomes revelava um direcionamento para a promoção de iniciativas educacionais, como anunciou a nota do jornal A República, que foi registrado: “Em Morretes, por iniciativa do professor Raul Gomes, vae realizar-se uma serie de conferencias literárias e scientificas, cabendo ao dr. Arthur Leme inaugural-a com uma dissertação sobre ‘as relações da politica com a industria’” (ULTIMAS NOTICIAS, 26 mai. 1908, p. 2).

Ainda em 1907, Raul Gomes participou da Revista “A Escola”⁴⁵, subsidiada pelo Governo do Estado e promovida pelo Grêmio dos Professores Públicos. Sob a direção do Professor Dario Vellozo, o periódico era distribuído aos alunos da Escola Normal. (A ESCOLA, 1907, p. 1; p. 66). Eram também associados a esse grêmio os professores Ermelino de Leão⁴⁶, Azevedo Macedo⁴⁷, Lysímaco Ferreira da Costa⁴⁸ e Rocha Pombo⁴⁹. Ali, conforme

⁴⁵ Sobre o assunto, ver a dissertação de MARACH, 2007.

⁴⁶ Ermelino Agostinho de Leão (Curitiba, 14 de janeiro de 1871 – Curitiba, 21 de fevereiro de 1932). Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1893. Exerceu cargos de Diretor do Museu Paranaense, Diretor do Arquivo Público do Estado e Deputado Estadual. Colaborou nos periódicos A República, Comércio do Paraná, Diário da Tarde. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aos Institutos Históricos e Geográficos do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Paraíba. Foi membro da Academia Paranaense de Letras e do Centro de Letras do Paraná. Pesquisou a História do Paraná. Fez as obras O Contestado Norte, A Ouvidoria de Paranaguá, e Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná. (DICIONÁRIO..., 1995, pp. 247-248).

⁴⁷ Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (Campo Largo, PR - 5 de julho de 1872 - Curitiba, 11 de maio de 1955). Advogado, educador e escritor. Colaborou na revista do Clube Curitibano, trabalhou nos jornais A República e O Comércio, colaborou na revista A Escola. Ocupou cargos públicos, como Procurador Fiscal do Estado, Procurador Geral de Justiça, foi Deputado do Congresso Legislativo, Diretor Geral da Instrução Pública. Foi professor na Escola Normal e Ginásio Paranaense e de Economia Política na Universidade do Paraná. Sobre a trajetória intelectual de Azevedo Macedo, ver a tese de SOUZA (a), 2012.

⁴⁸ Lysímaco Ferreira da Costa (Curitiba, 1º de dezembro de 1883 – Curitiba, 24 de julho de 1941). Professor do Ginásio Paranaense e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Fundou em 1918 a Escola Agrônômica do Paraná, que mais tarde foi integrada à Universidade Federal do Paraná. Inaugurou as Escolas Normais de Paranaguá e Ponta Grossa. (DICIONÁRIO, 1995, pp. 109-110).

⁴⁹ José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, PR – 4 de dezembro de 1857 – Rio de Janeiro, 26 de junho de 1933). Escritor e historiador. Aos 20 anos fundou o periódico O Povo, no qual desenvolveu intensa propaganda abolicionista e republicana. Como jornalista, atuou nos jornais Gazeta Paranaense, Diário do Comércio. Publicou os romances Honra do Barão (1881), Supremacia do Ideal (1882), Paraná no Centenário (1900), No Hospício (1905), Contos e Pontos (1911). Foi eleito Deputado pelo Paraná. Conviveu com o grupo de paranaenses cujas ideias desembocaram na revista Festa. (DICIONÁRIO, 1995, pp. 380).

as palavras de Sebastião Paraná⁵⁰, eram discutidos os temas da Instrução Pública e assuntos ligados aos professores, com o propósito de preparar o mestre e assim, preparar um pessoal para exercer os “combates edificantes e gloriosos da inteligência” (PARANÁ, 1906, p. 1).

Esta premissa de expansão intelectual, que se daria por intermédio do mestre e da escola, estaria vinculada aos ideais republicanos e aos princípios democráticos, segundo Sebastião Paraná. A escola e o mestre comporiam o mais alto grau de expressão dos governos democráticos, pela oposição existente entre os ideais republicanos e aquilo que chamou de ignorância, desde que fosse difundida uma instrução sólida, atrelada às prescrições da pedagogia moderna (PARANÁ, 1906, p. 1).

Homens competentíssimos, em todas as esferas da atividade profissional, já sobejam em nosso meio social, notoriamente adeantado.

Todos esses, pois, que se interessam pela desenvolução do problema a que nos referimos e de que dependem todos os outros, poderão vir lutar connosco, em as paginas desta revista, destinada a despertar os animos, a discutir e vulgarizar os bons ensinamentos de sociologia.

Que não se furtem de vir colaborar connosco em a obra do engrandecimento geral da terra querida que nos serviu de berço, - eis os votos que fazemos (PARANÁ, 1906, p. 1).

A partir do panorama descrito, Gomes que exercia o magistério na cidade de Morretes, enviou daquela cidade o artigo “A Escola e o Cidadão”, o que demonstra uma estratégia para se tornar conhecido no meio intelectual e jornalístico paranaense, por meio de sua atividade profissional. Nesse artigo, Gomes discorre sobre a finalidade da escola de preparar cidadãos, cujo caráter deveria ser polido pelo professor, reforçando o que há de bom no aluno e reagindo contra sua tendência para o mal. Considerando a escola como o segundo lar da criança, seu o problema era de que lá ela aprendia uma “cousa” com muito esforço, e no lar, outra (GOMES, 1907, p. 94).

Embora anos mais tarde tenha se posicionado pela simbologia opressora do Pelourinho, Gomes manteve-se contra os castigos aplicados aos alunos, a exemplo da palmatória, que poderia implicar a esses futuros homens uma duplicidade de caráter e fragilidade de razão. Na opinião de Gomes, esse “absurdo” se chocava contra seu conceito de cidadão republicano, estreitamente associado à razão, a qual proporcionava libertação aos “absurdos” que avassalavam “as consciências fracas. Ele afirmou também que o homem de

⁵⁰ Sebastião Paraná (Curitiba, 19 de novembro de 1874 – Curitiba, 8 de março de 1938). Bacharel em Direito. Capitão do Exército. Professor do Ginásio Paranaense, Escola Normal e da Universidade Federal do Paraná (DICIONÁRIO, 1995, p. 335).

caráter não se curvava para adular seus semelhantes e torná-los seus amigos. Da mesma forma, proceder corretamente, não bajulando superiores, era característica de um “cidadão racionalista”. (GOMES, 1907, pp. 94-95). Logo, reforça o argumento inicial de seu artigo de que o fim da escola é de preparar cidadãos, por meio de conceitos positivistas. Gomes recomendava ao professor que procurasse guiar a razão da criança, ajudando-a em suas escolhas a cada passo que desse (GOMES, 1907, p. 95). Estas foram primeiras ideias publicadas por ele na folha do grêmio de professores do Paraná.

Raul Gomes, pouco antes de falecer, disse que em Curitiba no início do século XX, os jornais tinham organização técnica precária: “Máquinas planas, tipos em caixa e não havia clichêria.” Ele informou que as comunicações eram efetivadas por telegrama e que não se abusava desse meio. Ainda segundo ele, os jornais de fora, vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, “só chegavam uma vez por semana”. (GOMES, 14 mar. 1974)

A imprensa se constitui como uma fonte ambivalente. Para Vieira, de um lado encontra-se a representação de que a notícia é narrada de forma isenta e objetiva, e de outro lado, posicionam-se aqueles que invocam o perigo da imprensa, representados pelos envolvidos em uma luta política, religiosa e moral. Com isso, “A produção de matéria jornalística, apoiada em processos conscientes e/ou inconscientes de seleção do que deve ser considerado notícia, tem a força de tornar coisas visíveis ou invisíveis, de criar efeitos de verdade e de objetividade” (VIEIRA, 2007, p. 16).

A visibilidade de assuntos e notícias é verificada no artigo O Vero Perigo, em 1908. Neste artigo, em que se posiciona contra a Igreja, Gomes conta que caminhava com Rodrigo Faria pela rua XV e conversava com ele sobre os possíveis “perigos” que ameaçariam a pátria, fossem os alemães, os “amarelos”, os americanos. Ele relatou que nessa conversa, divergiu em poucos pontos com seu interlocutor. Rodrigo Faria apontou os melhoramentos introduzidos pelos imigrantes alemães aqui no Brasil, que os fizeram como gesto de gratidão por tê-los recebido. Sem esses melhoramentos, Curitiba “não passaria de uma cidade feia, de casas acanhadas, sem arquitetura, nem a graça leve e o encanto raro das construções hodiernas”. Além da influência germana, continuou Faria, a cidade incorporou elementos das culturas portuguesa, polaca e italiana. (GOMES, 4 jul. 1908, p. 1).

Ao contrário das influências estrangeiras, o perigo real na visão de Gomes, que ninguém notava ou receava, e que se avolumava a cada dia, vinha do clero, “a despeito da forte propaganda que em contrário se faz, exercendo sobre os destinos de nossa pátria”, disse Gomes (GOMES, 4 jul. 1908, p. 1).

Assim, Gomes, neste discurso de cunho republicano, se mostra a favor da laicização do Estado e consequentemente do ensino, ao afirmar que o clero seria um mal terrível pois avassalaria tudo, impulsionado por um desejo de “encaixar consciências no círculo pequeno de suas conveniências torpes”. “O sotaina”, palavra que neste contexto foi utilizada em tom depreciativo⁵¹, seria “*o vero inimigo* [grifo meu] – da pátria, da família, da honra e da tranquilidade”. (GOMES, 4 jul. 1908, p. 1). Isso tem a ver com a luta anticlerical, inculcada pela ação de seus predecessores, e também pode dizer respeito ao fato de que Gomes seguia doutrina espírita.

Raul Gomes escreveu para a revista Palladium, de publicação mensal, que seguindo a doutrina positivista-republicana, invocou a razão para se apresentar como uma folha que lutava, “na medida de suas forças pelas ideias luminosas do século, levando a justiça pelas veredas do Direito”, debaixo da insígnia de uma “folha literária, crítica e humorística” (PALLADIUM, 15 abr. 1909, p.1). Aquele era o campo, o órgão de um grupo de moços que objetivavam semear a “Verdade”, dispendendo “energias, para o bem da família, da patria e da humanidade”, (PALLADIUM, 15 abr. 1909, p.1).

O periódico representava o pensamento de formados em escolas, com ideais de liberdade, que se proclamavam conscientes de seu papel social (PALLADIUM, 15 abr. 1909, p.1). Portanto, na primeira edição, o jornal mencionou os auxílios e as bolsas destinadas pelo governo a estudantes pobres, que eram utilizadas, na realidade, por estudantes com boas condições sociais, que não as necessitavam. O jornal denunciou que, para “proteger certos privilegiados”, as bolsas eram “distribuídas à gorda”, refletindo em danos ao erário e em prejuízo coletivo. (PALLADIUM, 15 abr. 1909, p.1).

O nome de Raul Gomes aparece na 3ª edição do jornal Palladium, por ter enviado uma edição da folha Echo do Povo, jornal em que foi redator. A nota comenta:

Recebemos o Echo do Povo, folha que vem de encetar a sua publicação na florescente cidade de Morretes.

É de um aspecto extremamente sympathico e escripto com um certo fulgor. São seus redactores os dignos jovens Raul Gomes e Aguillar de Moraes.

Ao novel colega desejamos prospera vida (PALLADIUM, 15 jun. 1909, p. 3).

⁵¹ Sotaina (italiano *sottana*) substantivo feminino 1. Batina de eclesiástico. 2. [Portugal: Trás-os-Montes] Sova. Substantivo masculino 3. [Depreciativo] Padre. "sotaina", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/sotaina> [consultado em 17-02-2016].

Publicada dez dias depois, uma edição especial dedicada ao professor Dario Vellozo, trazia o nome de Raul Gomes como colaborador, ao lado de Rodrigo Junior⁵², Ciro Silva⁵³, dentre outros. Segundo Bourdieu, “a proximidade dos interesses e, sobretudo, a afinidade dos *habitus*, ligada a formações familiares e formações escolares semelhantes, favorecem o parentesco das visões do mundo.” (BOURDIEU, 2007, p. 242). Para enfatizar este conceito, também se remete à noção de geração, proposta por Sirinelli (2003).

Também consta que Avelino Rocha e Gastão Faria foram redatores da revista (PALLADIUM, 25 jun. 1909, p. 1). Nesta edição, Raul Gomes foi um dos que participou da celebração em torno daquele que foi seu professor, Dario Vellozo. Segundo Ciro Silva, “essas homenagens [...] valem uma glorificação: são partidas da mocidade que só é impulsionada por motivos dignos (SILVA, 25 jun. 1909, p. 1).

Raul Gomes causava polêmica nos jornais desde o início de sua carreira. Um artigo encontrado no jornal A República documenta uma crítica aos seus posicionamentos. O cenário é a eleição que rompeu com a Política do Café-Com-Leite na década de 1910. O contendor de Gomes, não identificado, era afeto às ideias do gaúcho Mal. Hermes e de Wenceslau Braz. Ele aduz que Gomes era um “valente” *civilista*. Isto significa dizer que Gomes defendia Rui Barbosa, candidato intelectual que preconizava um discurso modernizador da sociedade. O contenedor de Gomes diz que tinha mais o que fazer com seu tempo, ao contrário de Gomes, que na sua opinião redigia discursos sem sentido e propagava “seu civilismo caído” pelas praças públicas (MORRETES, 26 fev. 1910). Isto corrobora com a tese de que Raul Gomes se envolvia voluntariamente em polêmicas públicas, para buscar notoriedade.

Nosso jornalista teria dirigido ao correspondente, “palavras desonestas e incivis, compatíveis com o caráter de seu autor” e praticado atos indignos e vergonhosos “no seio de um povo que o colheu de braços abertos” (MORRETES, 26 fev. 1910). O artigo não revela que atos seriam esses, com a intenção declarada de não prejudicar o futuro de um moço que poderia recuperar “sua honra e o seu nome”, tanto em proveito de si quanto da instrução pública” (MORRETES, 26 fev. 1910).

⁵² Rodrigo Junior, pseudônimo de João Batista Carvalho Oliveira (Curitiba, 10 de setembro de 1887 – Curitiba, 10 de junho de 1964). Poeta, prosador, pesquisador, ensaísta, jornalista. Estudou no Ginásio Paranaense. Formou-se em Farmácia e em Direito. Trabalhou em diversos periódicos paranaenses das tendências mais diversas: Festa, A Bomba, Olho da Rua, Diário da Tarde, Estado do Paraná e Ilustração Paranaense. (DICIONÁRIO..., 1995, p. 324).

⁵³ Ciro Silva (Campo Largo, 22 de agosto de 1881 – Curitiba, 21 de maio de 1968). Filho do jornalista Albino José da Silva, desde cedo publicou artigos e crônicas para os jornais do pai. Poeta, vereador, professor da Escola de Artífices do Paraná, cargo no qual se aposentou (HOERNER; BÓIA, 2001, p. 128).

Nestes artigos, o autor acusa Gomes de fazer propaganda política ao esconder mensagens nos chapéus de seus alunos e de apregoar ideologias políticas em sala de aula: “*O meu contendor pede no seu artigo, que apresente um dos seus alunos, para provar a sua parcialidade em pregar papelotes nos chapéus das crianças*”. (MORRETES, 22 fev. 1910). Ainda mais, aparentemente uma família reclamou dessa atitude a um chefe político de Morretes, alegando que Gomes teria realmente pregado esses cartões nos chapéus de seus alunos. Caso Gomes prosseguisse, o interlocutor ameaçou trazer o cartão a público, e finalizou, nesse mesmo tom: “se preciso for voltarei para desvendar tudo quanto há a respeito do sr. professor” (MORRETES, 22 fev. 1910).

Essas polêmicas se perpetuavam em seu discurso a favor da educação. Assim, ele defendeu que os problemas do Brasil giravam em torno principalmente da falta de investimento em educação e instrução e que, outrossim, não apresentavam objetivos claros. Gomes mostrou-se a favor de uma educação redentora, pois segundo ele, nas escolas não se ensinava a viver, nem a ser cidadão, e com isso, sequer indicava que caminho o aluno deveria tomar na vida (GOMES, 1926).

O pensamento apresentado acima se mostra encadeado com os ideais republicanos, positivistas, com vistas ao progresso, à modernidade. Assim, revelam-se os ideais da Escola Nova, pois a escola, produtora de individualidades e processos socializadores, configurava-se como *locus* ideal para a verificação prática da racionalidade, sendo fundamental na medida em que habilitava a adequação da população à nova sociedade. Reforça-se a isso o enfoque dado ao controle do espaço pedagógico e a necessidade de “moldar” a criança, de acordo com ideais civilizatórios. Da mesma forma, outras ciências intervieram na pedagogia: a arquitetura foi utilizada para controlar as condições e processos de aprendizagem, o desenvolvimento socioeconômico teria sido aplicado para assegurar melhorias nos sistemas educativos, e as ciências da saúde se prestavam ao controle e o direcionamento das crianças e dos agentes que agiam no espaço escolar (FERREIRA, 2004).

Para a escola entrar em sintonia com a modernidade, foi necessária a ação dos reformadores do ensino para consolidar as ideias de racionalização, de produtividade, de controle e profissionalização. Os reformadores preocupavam-se com a implementação de novos métodos de ensino e, com a valorização da profissão de professor. Eram necessárias também a intervenção, o controle e supervisão do sistema escolar e ainda, sua ampliação (MORENO, 2007).

A educação foi vista como um meio de capacitar as pessoas e como meio de moldá-las à convivência social. Essa construção do homem ocorreu por parte do Estado, responsável por implantar uma educação com vistas a tornar as pessoas aptas a agirem e a conviverem socialmente. O intuito desta educação era controlar o homem, da mesma maneira em que lhe inculcia o nacionalismo e a identidade nacional.

Assim sendo, no início do século XX, a crença na educação ensejou a intervenção de intelectuais que se utilizaram de bandeiras comuns. Eles defendiam a valorização do espaço urbano, o estudo da língua como elemento essencial, a visão da necessidade de inserção do Estado na vida cotidiana, a obrigatoriedade escolar, a ênfase na alfabetização e na capacitação para a leitura. Havia a consciência da relação entre estrutura profissional, produtividade e renda, indicando a interdependência entre educação e desenvolvimento econômico, o que estabeleceu a relação positivista de racionalidade e progresso.

Para efetivar esses conceitos interligados quanto à crença na educação, os impressos foram meio essencial. Conforme vimos anteriormente, Gomes tinha um jeito particular para enfrentar o tema. Criando polêmicas, sendo valente e reiterando suas ideias, a ação do intelectual nos impressos foi analisada por Valfrido Piloto, seu conviva de geração posterior.

Piloto publicou em uma separata do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Enográfico Paranaense, o artigo “Raul Rodrigues Gomes e seu legado humanístico”. Nesse texto, o autor afirma que Raul Gomes era “Acostumado a, [sic] desde as labaredas de campanhas jornalísticas de velhos tempos, a [sic] não temer esfinges nem dragões. ” (PILOTO, 1977, p. 143). Ele cita, em seguida, que os discursos de Raul Gomes eram caracterizados por serem:

fremes de brasilidade, de paranismo, de sinceríssimo interesse pela felicidade e evolução dos homens e do meio, pela vitória de todas as virtudes, pela definitiva implantação da justiça aos bons e úteis, uma sociedade o quanto possível culta, progressiva, espiritualizada.

A *humanitas*, mencionada no texto de Piloto, assume o sentido de *valor* para Panofsky. A humanidade significa a qualidade que distingue o homem, não só dos animais, mas também do homem vulgar desprovido de piedade. O conceito humanista, presente no título da obra de Piloto, segundo Panofsky, abrange respeito pelos valores morais e “aquela graciosa mistura de erudição e urbanidade que só podemos circunscrever com a palavra, já muito desacreditada, ‘*cultura*’”. (PANOFSKY, 1979, p. 20).

Por outro lado, o humanista respeita a tradição mas rejeita a autoridade. (PANOFSKY, 1979, p. 20). Nessa lógica, se enquadra o pensamento de Piloto ao sustentar adiante que Gomes foi

legionário infenso a pensar em si, a nem ao menos pretender um hiato para retocar sua saúde, e somente desejoso de dar aos seus semelhantes, ao seu povo, ao seu Paraná, à sua nacionalidade, umas últimas gotas de sangue, ainda capazes de servir de veículo para a potencialidade dos seus ideais (PILOTO, 1977, p. 143).

O jornal foi espaço de debates para o intelectual. Em Ponta Grossa, Wambier relatou o pedido de Gomes, em um episódio que envolveu a paralisação dos trabalhadores do jornal “Tapejara”, pedindo-lhes que retornassem ao trabalho. Sua “veemente proclamação”, “é um apelo quase dramático do velho e inconfundível intelectual paranaense, dono de uma bagagem incomum de tarefas à cultura do nosso rincão” e cita sua iniciativa de nomear os participantes (WAMBIER, 6 out. 1964).

O autor reconhece o estatuto intelectual de Gomes ao afirmar que o jornalista teria suas razões, com a chancela dos “lidados das letras no Paraná”, ao realizar a proclamação. Porém, o autor do artigo rebate ao informá-lo de que esses trabalhadores se tratavam de “bugres”, de gente pobre, com boa vontade em realizar e em cumprir suas obrigações. Por isso, não aguentavam uma periodicidade maior do jornal (WAMBIER, 6 out. 1964). Se tudo corresse bem, sairia mais uma edição do “Tapejara”, para levar mensagens de fé e esperança aos bugres acampados na região. O autor finaliza o artigo convidando Gomes, “benemérito do Centro Cultural “Euclides da Cunha” a visitar o local (WAMBIER, 6 out. 1964).

Por outro lado, esse poder de veicular o seu próprio discurso rendeu a Gomes discussões mais acirradas na imprensa. O intelectual publicou uma crítica sobre um artigo de jornal que laureava um dicionário como sendo o “o melhor dos dicionários”. Gomes respondeu ao apelo, e contraditou o subscritor, intitulado seu artigo como “o pior dos dicionários” por Gomes, o que irritou o autor.

Gomes foi chamado de lusófono e acusado de agriotimia⁵⁴ pelo fato do interlocutor não lhe ter feito mal ao defender um manual de língua portuguesa de autoria de Candido Figueiredo, considerado o “melhor” por preconizar o método indutivo-dedutivo. Sobre a

⁵⁴ Tendência para praticar atos de louco furioso.

resposta de Gomes, o autor diz: “Não queria ouvir-lhe a leitura, nem, muito menos, lê-la, supondo que se tratasse de uma daquelas formidandas mofinas que o ilustre professor teve a coragem de dar à publicidade”. (NUNES, 13 nov. 1926)

Defendendo o autor dos manuais, Nunes diz que Raul Gomes possuiria um “cutelo soberano absoluto e déspota inconstitucional”, por ter se dirigido desrespeitosamente ao interlocutor, sendo que pior mesmo era ver o professor escrever “peior”. Ele continua: “não conheço homem diplomado, professor normalista, escritor público, jornalista aplaudido, que tenha perpetrado maior número de erros grosseiros do que o ilustre professor Raul Gomes, membro do Centro de Letras do Paraná e alto funcionário Federal”.

Além promover debates, Gomes se apropriou das artes de editoração para promover diversas campanhas culturais. A literatura e as fontes nos contam que Raul Gomes somou esforços para as campanhas em prol da federalização da Universidade do Paraná (GOMES, 27 dez. 1949), da fundação da Academia Paranaense de Letras, da Academia Paranaense Feminina de Letras, da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI), do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, do Teatro Guaíra, da Biblioteca Pública do Paraná e do Centro de Letras do Paraná (HOERNER; BOIA, 2001; REVISTA RUMO..., s/d), considerada por ele como a instituição cultural mais antiga do Paraná.

Parte de um desses planos, de incremento da produção artística e literária paranaense, foi a editora GERPA – Grupo Editor Renascimento do Paraná, que tinha a premissa de divulgar os artistas e literatos locais (PILOTTO, 1950). Gomes esperava criar uma classe de bibliófilos no Paraná, produzindo de cada livro, uma tiragem especial, que seria capaz de fazer surgir “cobiça colecionista”. (GOMES, 3 dez. 1944). Nesse tempo, o jornalista contava com pouco mais de 50 anos e havia retomado suas atividades no ensino público, exercendo o cargo de professor do Ensino Normal no Ginásio Paranaense.

A estratégia de criar uma editora é um símbolo, a materialização, uma das formas práticas criadas por Gomes para intervir e mostrar-se ao seu campo, seu ingresso e aceitação pelo jogo. Segundo Bourdieu, o “metadiscurso prático” é meio de ação utilizado pelos intelectuais “para mostrar e fazer valer determinadas propriedades notáveis de sua ação”. (BOURDIEU, 2004, p. 43).

Com isto, Gomes admitiu “valorizar a sua gente”, a exemplo, quando sua editora publicou o livro “Delirium Tremens”, de José Cadilhe⁵⁵, de 1945, que foi ilustrado pelo jovem artista plástico Poty Lazzarotto, em um de seus primeiros trabalhos gráficos⁵⁶.

Já no prefácio do livro “Casa de Zinco”, de Anita Camargo Pilotto⁵⁷, Raul Gomes fala sobre seu empreendimento:

Devido a motivo muito sério – dois concursos universitários, - deixei GERPA no sono de uma hibernia tranquila, com o acordar assegurado pela vitalidade de meu ideal, pela situação favorável de minha desprentensiosa empresa e pela minha obstinação. “Sublata causa, tollitur effectus⁵⁸”. E daí este lançamento, execução de minha promessa de editar os volumes premiados nos concursos por mim promovidos.

O laureado com o 1º lugar, saiu a lume a tempos atrás.

Sai agora este, produto de um talento esclarecido, qual o de d. Anita Pilotto, mais uma vocação feminina do Paraná, surgida já com a consagração de um triunfo, triunfo tanto mais valioso quanto a severidade dos julgadores, a severa trilogia de críticos de São Paulo, - Sérgio Milliet, Ernani Silva Bruno e Osório Cesar.

Esta publicação apenas abre uma nova e, espero com fé em Deus, - definitiva era de cometimentos e realizações de GERPA, - afirmação intemerata e desambiciosa de minha crença no valor e na capacidade de minha gente.

Ao se falar, em qualquer tempo numa renascença paranaense, não será possível suprimir nem olvidar nem negar o primado de GERPA no esforço indefesso de desde 1944 procurar, descobrir e publicar nossos escritores.

Portanto, não começo. Apenas prossigo na materialização de meu programa.

Curitiba, 17 de setembro de 1950.

Raul Gomes (PILOTTO A. C., 1950)

Nesse discurso, verificamos que Raul Gomes revela uma certa vaidade, ao mesmo tempo em que credita o sucesso de sua realização à capacidade de “sua gente”, validada pelo crivo de “severa trilogia de críticos de São Paulo”. Embora essa última afirmação subordine seus conterrâneos aos paulistas, em razão das referências modelares exteriores e comuns aos intelectuais de então, a publicação é uma medida tomada a favor de uma “renascença paranaense”, nos modelos helênicos quanto a valores clássicos e tradicionais.

Em 1946, Gomes enviou uma carta a Andrade Muricy dizendo que a edição de Obras Completas, do poeta Emiliano Pernetta, seria uma vitória matemática, pois quando deu a ordem para iniciarem a composição da obra, “tinha apenas 139 cruzeiros no Banco do Estado!,,,” (GOMES, 11 mai. 1946).

⁵⁵ Jornalista e escritor paranaense, também exerceu a profissão de telegrafista da estrada de ferro. Fundou o jornal “Diário dos Campos”, de Ponta Grossa. Faleceu em 10 de novembro de 1942.

⁵⁶ Outro título publicado pela editora é Conquista Pacífica de Guarapuava, de Francisco de Azevedo Macedo (MACEDO, 1951).

⁵⁷ Esposa de Erasmo Pilotto, um parceiro de Raul Gomes nas campanhas em prol da educação e da cultura.

⁵⁸ Do latim, em tradução livre: cessada a causa, cessado o efeito.

Essas fontes levantam uma questão sobre o fato de Gomes ter financiado a própria editora, confundindo seu patrimônio com o do Grupo Editor. A confirmação vem da carta enviada a Muricy em 1945: “edito [...] obras à minha custa, empenhando meu crédito pessoal” (GOMES, 27 mai. 1945). Essa “abnegação” de seu sustento e de sua família são evidências da valorização intelectual idealizada por Gomes, por meio da imprensa, quando se endividou para poder continuar seus planos, que pode ser entendida a partir noção de relato autobiográfico por Bourdieu (2001), onde podemos entender que para Gomes, a “abnegação” de seu sustento e de sua família, o faziam permanecer no campo intelectual paranaense.

Há um documento, emitido pela Caixa Econômica Federal, que cientifica Raul Gomes quanto a obrigações assumidas perante o banco, que estavam em atraso, e informa ainda que a dívida poderia ser executada (CAIXA... 24 jun. 1942). O autor respondeu ao ofício, informando que a conta não estava parada, porque recebia todo mês seus vencimentos de professor do Ginásio Paranaense. Desta forma, Gomes propõe a redistribuição de seus pagamentos, para que a Caixa ficasse satisfeita com os seus interesses, mas que também fosse vantajoso ao professor. (GOMES, 10 jul. 1942).

Outra fonte de financiamento para o GERPA era a subvenção por parte de seus pares. Em outra carta enviada a Andrade Muricy em 1945, Gomes relata que estava editando obras de Erasmo Pilotto, de Reinaldino Quadros e de Cadilhe (GOMES, 2 mai. 1945). Ele requereu a Muricy que compre 300 exemplares de cada edição e justificou seu pedido com base na qualidade de sua iniciativa cultural, que considerou sem precedentes: “MOVIMENTO EDITORIAL POR MILAGRE DE MEU DEVOTAMENTO E ABNEGAÇÃO DE AMIGOS”, citando que Lins de Vasconcelos também o teria ajudado em seu “sonho”. (GOMES, 2 mai. 1945).

Raul Gomes oferecia, vendia e reclamava o pagamento das obras pelo Serviço de Reembolso Postal. Além disso, pedia que as obras fossem distribuídas entre os amigos e os críticos (GOMES, 27. Mai. 1945). Seu objetivo era conquistar todos os Estados brasileiros por meio de GERPA e, portanto, seus livros deveriam ter cuidado na apresentação. Convidou para a supervisão estético-gráfica da editora os Srs. Erasmo Pilotto, Marcel e Felício Raitani (GERPA, 27 mai. 1945).

Da autoria de Erasmo Pilloto, GERPA editou Emiliano. A obra é fruto de vasta pesquisa efetuada, pelo professor Erasmo Pilotto, acerca de Emiliano Pernetta, onde se utilizou de coleta de material e de entrevistas com ex-alunos do poeta, para estudar a estética

da obra e a vida do poeta (PILLOTO, 1945). Erasmo significou para Gomes, “um dos maiores valores moços do Paraná”. (GOMES, 3 dez. 1944).

Silva (2014), que tem Erasmo como objeto de pesquisa, indica que essa relação entre Gomes e Pilotto foi importante no sentido de que permitiu ao moço inserir-se no campo artístico e literário, pela frequência na Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê, na Escola de Música e Belas Artes e o Salão Paranaense (SILVA, 2014, p. 29; SILVA, 2006, p. 88).

Com isto, a vaidade de Gomes por seus empreendimentos vinha em grande parte pelos “sacrifícios” que realizava, em nome de seus ideais. Difundia o discurso de seus pares, de forma que neles emergem uma noção de restauração de símbolos. Por considerar o pintor Alfredo Andersen como o pai da pintura paranaense e, os que vieram em seguida, como seus discípulos, significa visualizar em Gomes uma característica moderna em seus discursos, pois a contradição é inerente à modernidade. Ou seja, para ele existe uma situação estabelecida da qual derivam-se as demais.

Portanto, pelas páginas da imprensa, Gomes estimulou uma série de debates que trazem diferentes pontos de vista sobre os assuntos outrora em voga. Com isto, este capítulo é encerrado. Também vimos como a estrutura familiar e social influenciaram sua trajetória. Seguimos, portanto, para o segundo capítulo, que analisa particularidades de narrativas sobre arte, educação e cultura.

CAPÍTULO 2 – ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE

Neste capítulo são abordadas as narrativas e as ações de Gomes a favor da educação, da cultura e da arte. O primeiro item verifica o embrião do discurso para defesa da Educação, pelos artigos compilados em “A República” durante o ano de 1914. Em seguida, é analisada a obra “Missão e Não Profissão!...”, que pregou pela defesa da classe docente. Na década de 1930, Gomes aparece como correspondente na coluna de Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, o que amplia o alcance de seu discurso. A relação de Gomes com a arte paranaense é trazida nos itens seguintes, que tratam da relação de Gomes com artistas paranaenses, mas principalmente, com Alfredo Andersen.

2.1 “A INSTRUÇÃO PÚBLICA NO PARANÁ” (1914)

Raul Gomes se formou pela Escola Normal e ingressou como professor da Instrução Pública de Morretes na década de 1910, concomitantemente ao início de seu trabalho na imprensa. Balizando a demonstração a seguir, pelo conceito de genealogia intelectual proposto por Sirinelli (2003), seus antecessores no professorado e no jornalismo difundiram a ideologia republicana no Paraná na metade do século XIX. Quando jovens, frequentaram as Academias de Direito daquele período, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, o que foi importante para a formação de uma consciência jurídica no Brasil, sem a qual não se teria chegado ao abolicionismo e ao republicanismo.

A difusão da nova ideologia se dava pelo retorno desses bacharéis às suas Províncias, que na luta de suas causas e no exercício de suas profissões, defendiam suas ideias (DICIONÁRIO..., 1995, p. 401). Com isto, surgem jornais de tendências republicanas no Paraná, e com o intuito de divulgar ideias contra o monarquismo, em 1886 passa a ser editado em Curitiba o jornal “A República”, de Eduardo Mendes Gonçalves, que contou com a colaboração dos jornalistas e intelectuais Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Nestor Vítor, João Pernetta, Romário Martins e Domingos Nascimento.

A folha utilizou o lema de Órgão do Partido Republicano Paranaense, o qual reteve o poder político no Paraná desde a Proclamação da República, até a chegada da Revolução de 1930, que inclusive foi o ano em que o jornal encerrou as suas atividades (PILOTTO, 1976, p. 17; DICIONÁRIO, 1995, p. 401). .

Como órgão “oficial”, o jornal publicava os boletins administrativos da Instrução Pública. Na forma de editais e de comentários, davam publicidade a atos normativos. Um

artigo apócrifo, publicado no A República em fevereiro de 1914, comenta a distribuição de “uma circular aos inspetores escolares, recomendando-lhes a observância do disposto nos arts. 22 e 24 do regulamento de 1901”, que se referiam à obrigatoriedade do ensino. (O PARANÁ..., 5 fev. 1914).

O diretor da Instrução Pública, Azevedo de Macedo, esperava que os inspetores empregassem todo o seu esforço para a consecução dessa obrigação, desde já aconselhando ou mesmo exigindo o seu cumprimento, a quaisquer responsáveis por menores de idade, já pedindo o auxílio das autoridades locais, quando não bastem os meios suasórios. (O PARANÁ..., 5 fev. 1914). O descumprimento deste preceito deveria ser comunicado, sem omissão a quaisquer casos e justificativas para que se pudesse aplicar as penalidades convenientes. A circular é finalizada informando aos professores que, caso não pudessem ou não quisessem cumprir essas obrigações, que solicitassem a sua demissão (D'A Imprensa). (O PARANÁ..., 5 fev. 1914).

Segundo Souza (a), a intenção de Macedo foi implementar projetos idealizados anteriormente a respeito da escola moderna (SOUZA (a), 2012, p. 186). Esse ideal envolvia a noção da instrução como meio de educar, para elevar o caráter dos cidadãos. Sua reforma substituiria o regulamento de 1901, com o objetivo de equiparar o Paraná a outros estados “exemplares em matéria de instrução e desenvolvimento”. (SOUZA (a), 2012, pp 187-188).

As diretrizes foram lavradas pelo diretor Azevedo Macedo, em 15 de janeiro e, publicadas no jornal A República dias depois, em 20 de janeiro de 1914. Elas previam a divisão do ensino por séries e um programa que preconizava o diálogo entre professor e aluno, com fins ao seu desenvolvimento moral. Também indicavam uma série de exercícios nas diferentes disciplinas, nas quais se incutia noções de civismo e nacionalismo nas crianças. Os professores ficariam subordinados ao diretor do grupo e seriam responsáveis por, além de ensinar, a manterem a disciplina em aula, bem como durante os recreios, ocasião em que diversas séries se misturavam.

Souza (2012) cita que Raul Gomes foi aluno de Macedo na Escola Normal. Como já vimos, ele foi seu aluno na Faculdade de Direito também. Esse entrecruzamento de trajetórias vincula-os entre si, na genealogia e na geração, e às ideias dos projetos reformadores difundidos então.

Os temas que Gomes publicou para debater o assunto, desenvolviam a ideia de professorado como sacerdócio, a necessidade de qualificação dos professores, de um maior envolvimento da classe com as questões do ensino, e que o ingresso na carreira fosse fruto de

suas vocações, não por mera obrigação e necessidades econômicas. Essa valorização da classe docente, que Gomes apontava como necessária para a valorização da profissão docente, também foi tratada por Osinski (OSINSKI, 2015, pp. 17-43).

Segundo a autora, com base em fontes contemporâneas à série A Instrução Pública, os ideais de Gomes relacionavam uma noção de vocação ao magistério por parte dos profissionais, como um sacerdócio, somada à estruturação de escolas e ao fortalecimento do campo por meio da contribuição de conferências e congressos pedagógicos (OSINSKI, 2015, p. 24).

Na opinião de Souza, Gomes “contribuiu com os debates em torno da reforma de ensino, liderada por Macedo publicando durante o mês de julho de 1914 oito artigos no jornal A República, nos quais defendeu esta reforma” (SOUZA (a), 2012, p. 188).

Os homens de imprensa de A República debatiam, em suas páginas, o efeito das medidas tornadas públicas pelo jornal. Durante a década de 1910, encontramos discussões a respeito da educação nos jornais do Paraná. Um “Felizardo Tucano”, *melhor dizendo*, um jornalista republicano que escreveu um artigo sob esse pseudônimo, associa a extinção da ignorância pela educação, elogiando as reformas: “Educar é desenvolver as faculdades *physicas*, *intellectuaes* e *moraes* de uma pessoa” ([TUCANO], 1914). A educação está atrelada aos interesses do estado, dizendo que “A sociedade moderna não educa o menino exclusivamente para o Estado; educa-o no interesse do Estado e do indivíduo”, vez que a instrução de um povo corresponde à sua emancipação ([TUCANO], 1914).

Este jornalista, sob pseudônimo, levanta uma questão importante sobre a noção teleológica do positivismo de Comte. Mostra erudição ao citar Domat e Michelet e manifesta conhecer o campo ao mencionar o educador José Veríssimo. A ênfase na educação é parte dos projetos de políticas administrativas dos intelectuais. A questão, para o correspondente, ia além:

Entendo que a primeira parte da política administrativa é a educação. A justiça, fala bem alto, não há dúvida. Mas como aplicar a justiça a um povo sem cultura educativa? Os selvagens podem ter noção de justiça? Educar é a coisa e o que se segue são os efeitos. Quem não tem educação, erra e ignora. Errar é a ideia falsa de uma coisa e ignorar é a falta total da ideia, disse Domat. Uma vez interrogarem a Michelet: Qual é a primeira parte da política? A educação. A segunda? A educação. A terceira? A educação. Jules Limon diz: o povo que tem melhores escolas é o primeiro povo. Se não o é, no presente, sê-lo-á no futuro. Um escritor disse: um povo que deve governar-se a si próprio é, antes de tudo, obrigado a instruir-se. ([TUCANO, Felizardo]. A República. Curitiba, 4 mar. 1914.)

Mesmo assim, o nosso felizardo que não assume sua identidade, está elogiando as iniciativas do governo. Encerra o seu artigo solicitando à excelência [o governador do Estado], que continuasse com seu desiderato de difundir a instrução, pois a posteridade haveria de “bem dizê-lo” e homens de futuro se recordariam do administrador de 1914, teriam “palavras de elogios” e entoariam hinos de “louvores” ([TUCANO], 1914).

Comentando os fatos, Gomes apresenta, meses depois, sua série “Instrução Pública” ao leitor do jornal A República, de modo que essa foi uma de suas primeiras ações sistemáticas na imprensa.

O excerto abaixo, extraído do artigo publicado por Raul Gomes aos 25 anos, em 22 de julho de 1914 no jornal A República, que trata da Instrução Pública no Paraná, é o primeiro de uma série posteriormente agrupada e editada em livro. Pelo artigo, é possível analisar a situação da educação pelo ponto de vista de Gomes, e por outro lado, ilustra a questão que envolve o jornal como meio de expressão, como ocupação e forma do intelectual de marcar presença na cena pública:

A leitura do relatório recentemente apresentado pelo ilustre dr. Azevedo Macedo, diretor da instrução publica, ao sr. secretario do interior sugeriu-nos a ideia de escrever esta serie de considerações, coincidindo esse nosso desejo com a grata incumbencia que nos confiou um amigo da “A Republica”, de algo dizer acerca do ensino em nossa terra.

Apesar de afastados do professorado sempre acalentamos devotada simpatia pelas coisas da instrução publica.

Assim, por exemplo, si, no decorrer de nossa existência, algum dia o destino nos guindar á situação política de legislador ou de administrador, no seio da corporação manipuladora de leis, agitaremos, de preferencia as questões relacionadas com o ensino popular, e, na curul⁵⁹ governamental, trataremos de executar as leis exequíveis referentes ao mesmo assunto.

Porque instruir é governar; porque instruir, segundo Vitor Hugo, também é construir (GOMES, 22 jul. 1914) .

A simpatia pelas coisas da instrução pública, mencionada no texto, nos faz pensar sobre as tensões entre a tomada de partido e o discurso de neutralidade da imprensa. Tomando partido a favor de reformas no ensino, em um jornal de cunho “oficial”, o autor sujeita-se às ideias de Kunczik (2002), para quem “os intelectuais criticavam toda a realidade social, quer dizer, não concordavam cegamente com a corrente principal nem se deixavam arrastar por ela, quer fosse o feudalismo de ontem, o capitalismo de hoje ou o socialismo de amanhã” (KUNCZIK, 2002, p. 57).

⁵⁹ Diz-se de uma cadeira de marfim em que só determinados magistrados romanos se podiam sentar. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/curul> [consultado em 05-02-2016].

Uma expressão da não-neutralidade jornalística é materializada nos jornais, também, pela forma visual e não somente textual. Capelato aborda esse tema, afirmando que a diagramação define a hierarquia entre títulos, o apelo das imagens e a ênfase dada ao texto por meio de contrastes, de barras, colunas que separam os elementos. Assim, ela nos dá uma pista de que a imprensa não é parcial, nem neutra frente aos acontecimentos. Para a autora, “a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social” (CAPELATO, 1988, pp. 17-21).

Esta ideia é comprovada pela nota que foi publicada na mesma edição de um artigo da série que tratou da instrução pública no jornal *A República* em 1914, porém sem autoria declarada, que comentou a razão daquelas publicações agrupadas, as quais tiveram como autor Raul Gomes:

Como se lembrarão os leitores, recebemos, há dias, do sr. dr. Azevedo Macedo, diretor da nossa Instrução Pública, um exemplar de seu relatório e dois outros exemplares: do decreto que alterou o curso da Escola Normal e das instruções regulamentando e methodisando os trabalhos e distribuição de matérias das escolas primarias paranaenses.

Na posse de taes documentos, convidamos ao nosso colega Raul Gomes, talentoso professor normalista, incumbindo-o de ser externar sobre o assumpto em uma serie de artigos da qual, hoje, inserimos o primeiro subordinado á epigraphé *Instrução Pública*.

Para esses interessantes commentarios do nosso illustre confrade Raul Gomes, chamamos a atenção dos leitores (*A REPÚBLICA*, 22 jul. 1914).

Convidado por um “amigo”, não identificado, da redação de *A República*, possivelmente o redator, Gomes escreveu oito artigos. No primeiro da série, agradeceu a incumbência de escrever considerações sobre o ensino paranaense, embora tenha se declarado afastado do professorado. Ele afirmou que, se algum dia viesse a fazer parte do governo, como administrador ou legislador, agitaria de preferência as questões relacionadas ao ensino e, trataria de executar as leis relacionadas ao assunto. Citou, para tanto, Vitor Hugo, afirmando que instruir é governar e instruir, é construir (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1)⁶⁰.

Os assuntos desenvolvidos nesta série de artigos, giravam em torno de questões políticas, que envolviam o ensino público no Paraná, bem como o seu custeio. Raul Gomes

⁶⁰ Consta em uma fonte que Gomes foi convidado a exercer os cargos de Secretário de Educação do Estado do Paraná e de Deputado, mas não os aceitou. O motivo não está relacionado (REVISTA RUMO..., s/d, p.3).

apontou os que estavam envolvidos nesta questão, principalmente o presidente da província, Carlos Cavalcanti⁶¹ e o diretor-geral da Instrução Pública, Francisco Azevedo Macedo.

Na série, Gomes reforçou as razões das intervenções de Macedo nas reformas do ensino, que segundo ele, teriam movimentado as resistências e efetuado mudanças necessárias para tentar eliminar o analfabetismo, a “peste da ignorância”, do Estado. Isso só seria possível também, segundo Gomes, com a implantação do ensino obrigatório. Da mesma forma, para que houvesse ensino obrigatório, mais escolas seriam necessárias⁶².

Depois de algum tempo, notou que a solução para o analfabetismo não se daria de forma radical, pois Gomes considerava que o país não possuía estrutura econômica para atender um contingente de analfabetos e nem haveriam professores suficientes para tanto. Por isso, um plano era necessário, e o analfabetismo deveria ser combatido metodicamente, assim como se combateria uma praga (GOMES, 22 jan. 1925).

A diferença desta vez, é que Gomes acreditava que o Estado não deveria mais ir de encontro com a população, levando escolas e professores. Pelo contrário, em sua opinião, a responsabilidade do Estado era a de promover a coerção de pais e/ou tutores de crianças em determinada idade escolar, a matricula-los, obrigando-os a cumprir certo período escolar, sob pena na forma da lei. O sucesso desse plano seria obtido pela sucessão das etapas do método, da progressividade e da continuidade da aplicação. (GOMES, 22 jan. 1925).

Partindo da análise de que o espaço escolar foi instrumento de implementação das mais diversas inovações científicas da modernidade (FERREIRA, 2004), Gomes acreditava na existência de solidariedade entre as crianças. A Instrução Pública seria o meio possível para a inculcação do sentimento de patriotismo, diminuindo as diferenças entre as etnias que habitavam o Estado.

⁶¹ Carlos Cavalcanti de Albuquerque (Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1864 — Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1935). Militar da arma de engenharia, fundador do Corpo de Bombeiros do Paraná, deputado estadual, federal, governador do Paraná e senador. Também foi um intelectual ilustre, orador fluente, poeta e professor.

⁶² Atualmente, a obrigatoriedade do ensino está amparada em um conjunto normativo. A lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), instituindo o ensino obrigatório no Brasil entre 4 e 17 anos de idade. De outra forma, a Constituição Federal determina, no artigo 229, que os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores. Se não houver cumprimento, na Justiça essa falta pode ser caracterizada como crime de abandono intelectual, material ou, inclusive, conforme jurisprudência recente, abandono afetivo. Os crimes de abandono material e intelectual estão previstos no Código Penal, no capítulo III, intitulado “Dos crimes contra a assistência familiar”. Conforme estabelece o artigo 246 do código, o abandono intelectual ocorre quando o pai, a mãe ou o responsável deixa de garantir a educação primária de seu filho sem justa causa. O objetivo da norma é evitar a evasão escolar e garantir que toda criança tenha direito à educação. Dessa forma, os pais têm a obrigação de assegurar a permanência dos filhos na escola dos 4 aos 17 anos. A pena fixada para esta situação é de quinze dias a um mês de reclusão, além de multa, sem prejuízo de perda do poder familiar, previsto no art. 1.638 Código Civil de 2002.

O propósito era de formar virtudes na criança, tais quais o bem agir, a bondade, a lealdade, o patriotismo e a justiça. Do mesmo modo, defendeu a introdução de medidas de higiene escolar, o que demonstra seu conhecimento e ligação com os ideais de uma escola moderna.

Pelos artigos, Raul Gomes criticou os métodos de ensino aplicados na escola que, para ele, consistiam basicamente em decorar lições. Citou Pestalozzi para dizer que o método tradicional não passa de automatismo e defendeu o método intuitivo⁶³. Também citou Spencer⁶⁴, Fellenberg⁶⁵ e Horace Mann⁶⁶ para ilustrar suas asserções.

Gomes reconheceu que a necessidade da propagação da instrução é, indiscutivelmente, histórica e, embora fosse o Paraná um novo Estado no cenário nacional, era necessário desviar-se do empirismo e da inatividade, impedindo o mal emprego das doutrinas e formando um escudo contra a rotina e a ignorância indolente (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1). De acordo com ele, se a falta de dinheiro era o argumento principal para aquela situação da

⁶³ Método de ensino que surgiu na Alemanha no final do século XVIII. Foi divulgado pelos discípulos de Pestalozzi no decorrer do século XIX na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, fez parte das propostas de reformulação da instrução pública no final do Império, tendo Rui Barbosa como um dos principais defensores. Este, foi responsável por sistematizar os princípios do método intuitivo em seus famosos *Pareceres* e por traduzir as *Lições de Coisas*, de Calkins. Segundo Valdemarin (2004), as lições de coisas abrangiam três acepções: levar o aluno a adquirir uma ideia abstrata, colocando um objeto concreto diante dele; educar através dos cinco sentidos, fazendo o aluno ver, observar, tocar e discernir as qualidades de alguns objetos; mostrar o conhecimento e fatos utilizando a natureza e a indústria, apreendendo uma coisa e o seu nome, um fato e a sua expressão, um fenômeno e o seu termo designante. O método intuitivo utilizava objetos como suporte didático e os sentidos possibilitavam a produção de ideias, iniciando do concreto e ascendendo à abstração. Os sentidos deveriam ser educados para obter o conhecimento, passando da intuição dos sentidos para a intuição intelectual. Foram propostos novos materiais didáticos (gravuras, objetos de madeira, caixas para o ensino das cores e das formas, etc.), museus pedagógicos e novas atividades para serem desenvolvidas em sala de aula. Os livros ganharam uma nova função, não servindo mais como instrumento para a memorização dos alunos, e sim como manuais didáticos, destinados à formação dos professores, orientando sobre a estrutura das aulas e a ordenação das atividades. O método de ensino intuitivo difundiu-se no Brasil no final do século XIX e início do XX, fazendo parte das diversas propostas de reformas de ensino federais e estaduais. Suas diretrizes vigoraram no Brasil até meados da década de 1920. (GLOSSÁRIO, 2016).

⁶⁴ Herbert Spencer (Derby, 27 de Abril de 1820 — Brighton, 8 de Dezembro de 1903). Filósofo inglês e um dos representantes do liberalismo clássico. É dele a expressão "*sobrevivência do mais apto*", e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Spencer teve suas ideias enormemente distorcidas. Essas distorções lhe renderam a alcunha de "Pai do Darwinismo Social". Todavia, Spencer jamais utilizou este termo ou defendeu a morte de indivíduos "mais fracos" assim como foi um notável opositor de governos militares e autoritários, de qualquer forma de coletivismo, do colonialismo, do imperialismo e das guerras. O filósofo aplicou à sociologia ideias que retirou das ciências naturais, criando um sistema de pensamento muito influente a seu tempo. Suas conclusões o levaram a defender a primazia do indivíduo perante a sociedade e o Estado, e a natureza como fonte da verdade, incluindo a verdade moral. No campo pedagógico, Spencer fez campanha pelo ensino da ciência, combateu a interferência do Estado na educação e afirmou que o principal objetivo da escola era a construção do caráter.

⁶⁵ Philipp Emanuel von Fellenberg (Bern, Suíça, 27 de junho de 1771 – 21 de novembro de 1844) foi um educador e agrônomo suíço. A intimidade de seu pai com Pestalozzi influenciou sua trajetória.

⁶⁶ Horace Mann (4 de maio de 1796 – 2 de agosto de 1859) foi um estadunidense educador e abolicionista. Horace Mann teve um papel na criação de escolas para surdos e mudos americanos. Mann não tinha conhecimento nenhum sobre o trabalho feito com o surdo, nem suas fundamentações, seu único interesse era a utilização de sinais na educação dos surdos, pois isso iria de encontro aos anseios políticos da época em seu país.

instrução pública, então que fosse criado o “imposto escolar”, pois não haveria “dinheiro melhor consumido” do que com a educação pública. (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1).

Na opinião de Raul Gomes, desde que o Paraná se emancipou politicamente de São Paulo, as reformas apresentadas pelos presidentes foram, ou inócuas, ou de consequências diminutas, ou aproveitáveis. (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1).

Segundo Gomes, Azevedo Macedo, diretor da Instrução Pública em 1914, apresentou um relatório minucioso do trabalho que deveria ser feito para envolver o aparelhamento da Escola Normal, o levantamento moral e intelectual dos professores, a organização dos grupos escolares, a inspeção técnica das escolas e os meios de pôr em prática a obrigatoriedade do ensino, o que Gomes considerou como uma reforma extensa e necessária. (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1).

Para o autor, iniciativa de Macedo era louvável, pois sua ação demonstrava a necessidade de instrução para todos, sem distinção, necessidade de muitas e boas escolas, com muitos e bons mestres, dos centros “mais cultos” para as “zonas recônditas do interior” (GOMES, 22 jul. 1914, p. 1).

Em 30 de julho daquele ano, uma nota, sem autoria foi publicada no jornal A República para comentar a publicação do último artigo da série de Raul Gomes. Nele, Gomes foi considerado como um competente professor normalista, sendo seus artigos considerados “magistralmente” traçados. O autor da nota afirmou que os artigos foram examinados por pessoas entendidas no assunto, que consideraram aquele, um trabalho digno de maior divulgação. Por isto, afirmou a nota, Gomes resolveu organizá-lo em folheto, que em seguida, entraria no prelo (NOTAS & NOTÍCIAS, 30 jul. 1914).

O prefácio, do livro intitulado “A Instrução Pública”, é dedicado “Aos professores”. Gomes afirmou que resolveu reunir os artigos, sem alterá-los, para aproveitar a composição tipográfica das edições do jornal. Isso, segundo ele, não foi feito por vaidade, mas porque tratou de abordar a maior parte dos assuntos “do mais descuidado ramo da administração pública” (GOMES, 1914). O livro é dedicado a Euclides Bandeira, Clemente Ritz e Hugo Simas, como ajuste de amizade (GOMES, 1914).

Euclides Bandeira executou um papel relevante para a formação de Gomes. O então rapaz participou da cerimônia em que Bandeira recebeu a patente de tenente-coronel da Guarda Nacional, quando também foi realizada uma homenagem sobre seu destaque no meio intelectual do Paraná, jornalista de “enfibratura máscula”. Na ocasião, estavam presentes seus “amigos e admiradores”.

Comparando os artigos publicados no jornal com os textos no livro, verifica-se que a diagramação foi mantida, pelo tamanho das colunas, na pontuação das palavras, e também pela continuidade das linhas. Exceto pela remoção de alguns erros grosseiros na composição tipográfica, onde as letras das frases estão embaralhadas, leva-se a crer que realmente Gomes aproveitou os tipos utilizados no jornal para editar seu livro (GOMES, 25 jul. 1914, p. 1; GOMES, 1914, p. 32).

Gomes inseriu uma carta dirigida a ele pelo próprio relator, o diretor Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, que se defende sobre aspectos apontados e criticados por Gomes quando da publicação de seus artigos no jornal A República.

O jornalista manifestou-se contra a importação de professores e afirmou que o Paraná, mesmo com suas deficiências na Escola Normal, produzia professores de valor, a exemplo de Julia Wanderley, Dario Vellozo, Sebastião Paraná, Hugo Simas e Chichorro Junior. Para Gomes, enumerá-los não era demonstração de entusiasmo ou louvor, era questão de justiça.

Na opinião de Gomes, a carreira de professor deveria ser organizada e bem remunerada. Logo, encerrou a série de seus artigos, sustentando que a escreveu pensando no levantamento moral e intelectual da classe. Com a aprovação de um colaborador desconhecido do jornal para reeditar a série, Raul Gomes valida sua autoridade como professor e jornalista, ao se aproximar criticamente dos assuntos descritos.

Uma década depois, Gomes fez o mesmo e reuniu novos artigos para publicar a obra “Missão e Não Profissão!”..., tema do item a seguir.

2.2 “MISSÃO E NÃO PROFISSÃO” 1928

Selecionando seus próprios artigos publicados pela imprensa e relançando-os, na forma de livro, Gomes edita “Missão, E Não Profissão!...”, em 1928, na cidade de Curitiba, pela Empresa Graphica Paranaense, de Placido e Silva & Cia Ltda. Segundo o autor, o tema do livro é retirado do “tópico de defesa promovida por D. Julia Wanderley⁶⁷ em memorável processo administrativo instaurado contra ella”, em que declarou: “A árdua tarefa de instruir e educar é mais uma missão do que uma profissão” (GOMES, 1928, p. 3).

⁶⁷ Julia Wanderley Petrich (Ponta Grossa, PR – 26 de agosto de 1874 – Curitiba, 5 de abril de 1917). Professora, em 1890 foi a primeira mulher a se inscrever como aluna na Escola Normal da Capital, diplomando-se em 1892. Lecionou durante 25 anos. Colaborou com jornais de Curitiba. (DICIONÁRIO..., 1995, p. 367).

A polêmica em torno de Julia Wanderley se deu porque, segundo Silvette Araújo (2010), em 1912 a professora foi acusada de ter agredido uma aluna em sala de aula, e um processo administrativo disciplinar foi instaurado em 27 de março daquele ano, por ordem do Diretor Geral da Instrução Pública. A professora se defendeu da acusação sob os argumentos de sua vocação de professora, relatando a dificuldade de fazer com que a Escola Normal aceitasse a presença feminina nas salas de aulas, e considerando que o trabalho educativo era mais uma missão do que uma profissão. De acordo com a pesquisa de Silvette, depuseram na defesa da professora, alunas e o Inspetor Geral de Ensino. Em seguida, o presidente do Estado, Carlos Cavalcanti determinou que o processo fosse arquivado (ARAÚJO, 2010, pp. 115-116).

Gomes selecionou e reuniu neste livro 29 artigos que declarou no prefácio ter publicado nos jornais O Dia, Diário da Tarde, Estado do Paraná e Commercio do Paraná⁶⁸, durante a década de 1920, sendo que alguns possuem, ao final, indicação de ano da publicação, ou mesmo, comentários sobre alguma mudança realizada após a publicação do artigo no jornal⁶⁹.

A obra aborda seus pontos de vista sobre a situação do professorado elementar, segundo ele, uma profissão martirizada, que não estava sendo tratada com justiça, e onde estava infundida “estranha debilidade de vontade”. Aqui, vale lembrar que durante a década de 1920, Gomes se afastou do magistério para exercer cargo nos Correios:

Eis porque, geralmente nas comédias, em vez dos bobos de outrora, aparece, para alvo da galhofa do publico, o typo esquerdo, desengonçado, quasimodesco, do mestre de escola, do pobre e injustiçado professor primário, o insubstituível elaborador dos pioneiros e constructores da civilização.

Modelador do barro, artifice da ceramica da inteligência e da alma da criança, ente sobrehumano, fadado á dupla função educadora da mãe e do pai, plasmador da pátria de amanhã, precisa reunir qualidades superiores á do resto dos seus próximos.

⁶⁸ Já foram confirmadas as localizações de alguns destes artigos nos periódicos.

⁶⁹ A encadernação da capa da obra estudada é em couro avermelhado, de cantos arredondados, mede 23,5cm x 16,5cm, possui dorso arredondado e gravação dourada com tipos, cortes do livro salpicados em azul e vermelho, e o miolo possui capitel na cabeça e pé. Contém 183 páginas. Sem poder identificar ainda se se trata de uma nova encadernação ou de uma edição especial, apresento algumas considerações sobre a técnica: O arredondamento do dorso de um livro serve tanto para facilitar seu manuseio, fazendo com que ele abra mais facilmente, quanto melhora sua aparência e conserva melhor a forma do livro. A decoração nos cortes dos livros, além de melhorar a aparência, evitam a descoloração da cabeça da obra pelo pó depositado nela, devido à sua permanência por muito tempo na estante. A colocação de capitéis, da mesma forma, além de fortalecer a encadernação, lhe dão uma melhor aparência. (PRATT, 1962, pp. 52-58). Desta forma, sendo uma encadernação cuidada em suas etapas e detalhes, indica ou uma edição especial ou uma bela reencadernação. Na capa eleva-se uma moldura e nela se enquadra a imagem da capa. Este exemplar foi autografado por Gomes em 15 de abril de 1928.

A obra é dividida em quatro partes: a primeira, intitulada “Uma Classe Injustiçada”, discute a má remuneração dos professores. Na segunda parte, “Quanto o professorado deve ganhar”, Raul Gomes selecionou artigos em que apresenta tabelas e estatísticas comparativas do aumento de vencimentos do professorado perante outras profissões, enfatizando a desigualdade de tratamento do governo em relação a outras classes do funcionalismo estadual, principalmente entre os cargos da polícia militar, de cujos profissionais, segundo ele, pouco se exigia intelectualmente. A terceira parte é intitulada “Exaltação do magistério primário”, e a quarta, é denominada Escola sem ideal nem finalidade.

A imagem da capa (Fig. 6) é assinada por Eloy, pseudônimo de Alceu Chichorro, novamente, em parceria com Raul Gomes. Apresenta uma paisagem em que, em primeiro plano, no centro da página, destaca-se uma araucária madura, por representar duas copas formadas, em que se observam em seus extensos galhos, musgos e plantas conhecidas como barba-de-bode. Destes galhos se veem brotar cinco pinhas em geminação final, quatro das quais já se rompem, derramando sobre a paisagem descampada suas sementes, numa premente intenção de sobreviver. Ao fundo, num plano mais afastado, se apresentam os contornos da Serra do Mar⁷⁰.

⁷⁰ No verso da capa de outra edição encontrada para estudo, encontra-se timbrado um agradecimento a Alceu Chichorro: “Consigno aqui meus agradecimentos á presteza e enorme boa vontade com que o talentoso caricaturista fel-a desinteressadamente”. (GOMES, 1928).



FIGURA 6. ACERVO PESSOAL. Missão, e não profissão!... Capa de Eloy, pseudônimo de Alceu Chichorro (GOMES, 1928).

Consequentemente, Raul Gomes aprovava e divulgava o pinheiro araucária como motivação de tema-símbolo da identidade do Paraná, pois, ainda que o propósito fundamental da capa seja o de proteger o interior dos livros, “a decoração da capa com desenhos interessantes, ainda que cegos ou dourados, torna o livro uma joia e aumenta o prazer de se ter feito uma encadernação que nos enche de orgulho ao ser exibida aos amigos” (PRATT, 1962, p. 67).

Ademais, a interpretação na literatura e na pintura do pinheiro como símbolo da identidade do Paraná, já vinha ocorrendo com o que veio a ser denominado como Paranismo, termo inicialmente utilizado por Romário Martins (CAMARGO, 2007; OSINSKI, 2006, p. 30). “Não eram raras, na imprensa local, referências laudatórias à árvore paranaense” (OSINSKI, 2006, p. 30).

A revista paranista *Ilustração Paranaense*, que já foi comentada nesta pesquisa, também foi utilizada por Raul Gomes como um lugar de defesa para as boas condições de trabalho do professor. No texto “Escola Sagrada”, publicado no primeiro número, Gomes relata um episódio vivido por João Cândido, quando esteve na Suíça. Lá, Cândido estranhou

quando o veículo em que estava reduziu a marcha, em certo ponto de uma estrada. Tendo indagado ao condutor o porquê desse procedimento, teria ouvido como resposta que o motivo era a aproximação de uma escola. A admiração de João Cândido se deu porque com este exemplo, foi possível constatar o respeito e a importância dados às instituições escolares naquele país, consideradas quase como lugares sagrados.

Segundo Gomes, no Brasil, ao contrário do que ocorria lá, o professor vivia marginalizado, “mal pago, sem horizontes na vida miserável e onde as pobres escolas são apedrejadas, quase arrasadas por vagabundos!...” (GOMES, nov. 1927, p. 33). Em seguida, menciona que havia os vândalos despedaçavam janelas, esburacavam paredes. Os edifícios detinham, em sua opinião,

rastros bem visíveis e escandalosos desses Attilas devastadores e perversos!
E mais do que isso. Além das ultrajes materiais, ainda esses maus elementos forcejam de perturbar, propositadamente, com escarcéos de ébrios e desordeiros as circunvizinhanças das escolas. (GOMES, nov. 1927, p. 33).

Gomes revelou ainda que certa vez teve que recorrer à polícia para pôr fim à “algazarra de uma rédua de almofadinhas” em frente ao seu estabelecimento escolar, e terminou no artigo por citar as observações de Émile Zola, “artista estupendo da VERDADE” [grifo no original]: “Dizei-me a consideração que nela se reserva ao professor e à escola, e vos direi que vai tal nação!” (GOMES, nov. 1927, p. 33).

Essa observação, publicada no artigo de *Ilustração Paranaense*, é reiterada na obra *Missão e Não Profissão!...*, onde Raul Gomes embasa a tese de que “a boa escola é o professor”, com o argumento de que uma boa remuneração faria o docente permanecer na profissão, fazendo com que não procurasse outros empregos ou exercesse outras profissões, dedicando-se exclusivamente ao magistério: “O professor quer primário, quer normal, quer superior tem de ser, precisa ser, não pode deixar de ser sinão professor” (GOMES, 1928, p. 20). Além disso,

Indispensável a compreensão deste grande asserto: o professor é gente, com iguaes, senão maiores necessidades ás do commum dos homens.
Não lhe exigem as leis compostura, vida exemplar, decencia na apresentação?
Logicamente, não deve servir elle de padrão, assim nos costumes, como no modo de falar, de vestir, de agir?
Não conviria, mesmo, que essa individualidade se deparasse em condições taes que impressionasse a todos?
Em these, no Brasil, os doutrinadores do ensino, esses que querem resolver a questão do ensino a força de esguichos de idéas em geral bebidas em livros estrangeiros, entendem que assim é que deveria ser.
A realidade, porém, ahí se mostra completamente outra!
O professor é o ultimo dos funcçionarios!

É um paria! (GOMES, 1928, p. 14)

Assim se refere às baixas posições do professorado na tabela de vencimentos do funcionalismo público do Estado. Então, em um discurso que utiliza um tom situado entre a preocupação e a confissão -, pois estaria ele falando de si próprio?:

é justo, é humano, que um cidadão que tem mulher, que tem filhos a educar, que tem de aparecer na sociedade sem roupa poida e sem fundilhos de calças serzidas – se fixe numa profissão em que não se lhe rasga aos olhares um futuro risonho, com a possibilidade de uma madurez a cavaleiro de privações? (GOMES, 1928, p. 15)

Raul Gomes considerava que a desigualdade de tratamento entre as carreiras públicas já havia ultrapassado a questão da justiça, para adentrar no mérito do reconhecimento de direitos, pois a porcentagem dos aumentos do professorado não acompanhava os índices das outras categorias, conforme a tabela apresentada no artigo “A Profissão de Professor” (GOMES, 1928, pp. 19-27):

CARGOS	Porcentagem de aumento de 1895 a 1926
Lente da escola normal	60%
Chefe de Secção	66%
1º e 2º officiaes	100%
Director de Secretaria	110%
Presidente do Estado	172%
Secretario do Estado	185%
Major da Policia	191%
2º Tenente da Polícia	210%
Capitão da Polícia	232%
Desembargador	233%
Coronel de polícia	241%
1º tenente de polícia	219%

FIGURA 7. Tabela comparativa de aumentos de diferentes categorias de servidores do Estado entre os anos de 1895 a 1926, segundo Raul Gomes (1928, p. 25). Adaptada.

As carreiras do magistério e da magistratura eram comparadas com frequência. Gomes considerava que na profissão de professor, os valores idôneos e nobres deveriam ser incorporados, assim como era constituído o corpo da magistratura: “Si da integridade do juiz, depende a segurança do cidadão, da idoneidade e do talento dos mestres provem o caracter, a cultura, a competencia desse mesmo cidadão” (GOMES, 1928, p. 19). Esta seria uma das

razões pelas quais os vencimentos e vantagens do professorado deveriam ficar abaixo somente ao da magistratura:

Desde muito venho desassombradamente, afirmando que os vencimentos do magistério só devem ter acima deles os da justiça
Esta e o mestrado são as duas grandes funções, que á sociedade cumpria cercar dos necessarios elementos materiaes e moraes para lhe garantirem independência e despreocupação do lado prosaico da vida.
Queria que elle ganhasse mais do que todas as outras profissões publicas e menos do que os magistrados (GOMES, 1928, p. 30).

Esta iniciativa não era somente sua. Raul Gomes relatou a apresentação de um projeto de lei ao Congresso Nacional, que equipararia os vencimentos do magistério federal aos desembargadores da Côrte de Appellação, de autoria de Clementino Fraga, Afranio Peixoto, Octavio Tavares, Plinio Casado, Rego Barros e Joao Elysio.

Como não via possibilidade de atingir esse ideal, apresentou sugestões para melhorar as condições do professorado: “a) -Estabelecimento da carreira; b) –aumento quinquenal automático; c) –remuneração inicial igual ou maior do que a inicial de todas as demais classes publicas, excepto da magistratura. ” (GOMES, 1928, p. 85).

A questão é que Raul Gomes considerava a cultura como um tesouro. Esse ponto de vista, segundo Bourdieu, é inerente à formação dos intelectuais, que veneravam aquilo que foi produzido no passado (2004, p. 43). Na realidade, os intelectuais considerariam a cultura como “capital destinado a ser exibido e a produzir dividendos simbólicos, ou simples gratificações narcisistas”, e não como resultado de pesquisa, destinada a produzir riqueza, ou dividendos técnicos (BOURDIEU, 2004, p. 43). Assim, a cultura estaria ligada a uma ideia de gratuidade, pois esta “falta de finalidade” não tornaria o trabalho intelectual semelhante aos outros (BOURDIEU, 2004, p. 43). Nesta lógica, permanecer no ensino não significaria retribuição material, porém retribuição simbólica.

Deste modo, a baixa proporção dos aumentos concedidos ao longo do tempo e até a ausência de um ganho real favorecia uma “debandada”, a deserção do magistério, afugentando aqueles com “a noção clara do compromisso sagrado de prover com abundância ao sustento da família e educação dos filhos” (GOMES, 1928, p. 37) e os professores iam buscar noutras profissões “aquillo que o magistério, a **carreira** [grifo do autor] da fome, da miseria e da mediana não lhes garantia” (GOMES, 1928, p. 26). A este “centrifugismo” de origem econômica, Raul Gomes chamava de “seleção às avessas” (GOMES, 1928, pp. 40-41, p. 48). Ciro Silva, que foi seu companheiro de redação em O Olho da Rua, é exemplo

utilizado por Raul Gomes, de perda irreparável ao Estado quando aquele deixou o ensino pela advocacia (1928, p. 74).

Uma das consequências possíveis dessa seleção às avessas, seria a então falta de um “pedagogista” ou “metodologista do Brasil”. Raul Gomes reclamava que existiam médicos, advogados, diplomatas brasileiros de renome, mas “nos domínios amplos da pedagogia” não poderia “apontar um titular que erga a nossa cultura e o nosso desenvolvimento á altura em que paira a technica do ensino em outros paizes mais afortunados”, como o exemplo de “Victor Mercante e Potrascoiu⁷¹ na Argentina”. Afirmava ainda que, por importar metodologias estrangeiras, no Brasil não se ultrapassou a bitola do modelo: “Qual o motivo dessa deficiencia que nos força a recorrer aos argentinos, comprando os livros de Victor Mercante, quando precisamos aperfeiçoar a processuação do ensino da língua nacional? ” (GOMES, 1928, p. 54; p. 63; p. 69; p. 129). Continuando, enfatizava:

Quer dizer: O Brasil, onde nasceu o inventor do balão e o dos dirigíveis; que produziu um Oswaldo Cruz; que se orgulha de um Rio Branco; que conta um Rebouças; que tem cantores do porte de Bilac, Alberto de Oliveira e Raymundo Correia; que tem um Caxias; mathematicos como um Trompowski; críticos como um José Veríssimo; romancista como um Raul Pompeia; estilistas como um Euclides da Cunha, não offereceu ao mundo um só methodologista! (GOMES, 1928, p. 129).

Víctor Mercante⁷², citado por Gomes, agiu como professor, deputado e membro de um grupo de intelectuais e professores que se organizou para a reformas de modernização do ensino na Argentina, em 1916, por meio da qual se reduziu a obrigatoriedade escolar para um ciclo de quatro anos e se criou uma escola intermediária para homens. Ele publicou em 1918 a obra “A crise da puberdade e suas consequências pedagógicas”⁷³ em que reivindica para si a liderança intelectual da reforma, que teve origem na infiltração de professores nas esferas pública e política argentinas, insatisfeitos com contradições do sistema vigente (LIONETTI, 2006). Segundo Lionetti, na Argentina,

Os professores da escola normal faziam parte do grupo de liberais reformistas que participaram das políticas sociais promovidas pelo setor mais modernizador da

⁷¹ Juan Patrascoiu.

⁷² (Merlo, 21 de fevereiro de 1870 – Los Andes, 1934). Ocupou cargos de direção em escolas da Argentina. Foi assessor técnico e diretor da seção de Pedagogia da Universidade de La Plata. Criou e dirigiu a revista Archivos de pedagogia y Ciencias Afines. Foi membro de diversas sociedades científicas (LIONETTI, 2006).

⁷³ Tradução livre do original: “La crisis de la pubertad y sus consecuencias pedagógicas”.

classe dominante, a fim de impor uma política civilizadora para garantir a estabilidade da nação (2006, p. 99)⁷⁴.

Essa reforma tinha o propósito de modelar as necessidades dos jovens, estimando que a escola poderia modificar seus instintos, para evitar a evasão dos alunos. Mercante, da mesma forma que Raul Gomes, também era defensor da obrigatoriedade escolar (LIONETTI, 2006, p. 109-110).

Assim, como Raul Gomes no Brasil, Victor Mercante participou na Argentina do movimento pela Escola Nova, que naquele país alcançou maior presença durante as décadas de 1920 e 1930 (LIONETTI, 2006, p. 103). Embora Raul Gomes tenha publicado poucas obras de cunho eminentemente didático -, a exemplo de *Prática de Redação e Redação sem Mestre*, tal qual o intelectual paranaense, o pedagogo argentino utilizou a imprensa para difundir suas ideias, publicando as obras “Ensino de Matemática”, “Metodologia especial do ensino primário”, e em 1927 a obra “Mestres e educadores”⁷⁵, destinada a exaltar pela força moral, os grandes servidores da vida nobre da juventude (LIONETTI, 2006, p. 100).

Suas ideias se baseavam na psicologia experimental do positivista italiano Lombroso e, com base nisso, Mercante estudou os fenômenos que ocorriam em massa no grupo escolar, considerando os fatores físicos, domésticos, sociais e escolares de um grupo de 400 alunos, que lhe revelaram o segredo do caos instalado nas salas de aula, preconizando que o sucesso do ensino dependia, em grande parte, do grau de homogeneidade a ser alcançado dentro do grupo, pois a heterogeneidade, como por exemplo, misturar os sexos masculino e feminino, ou então misturar etnias diferentes, poderia constituir em óbice para o sucesso do aprendizado (LIONETTI, 2006, p. 101).

A metodologia de Mercante, da qual falava Gomes, abordava tópicos que incluíam o modo de *ensinar o mestre a ensinar*, o que deve aprender o aluno e como deve aprender, sendo necessária, como primeira etapa, a formulação de um programa – a ciência, seguida de um procedimento – a arte de transmiti-lo, realizada por meio da difusão de livros de exercícios, de questionários de todas as matérias, dos quais os professores se familiarizariam com eles e que seriam impostos pelas autoridades (LIONETTI, 2006, p. 102). Ele defendeu que a redução do ciclo de ensino obrigatório era necessária para reestabelecer o equilíbrio

⁷⁴ Tradução livre do original: “Los docentes normalistas de alto rango fueron parte del colectivo de liberales reformistas que participaron de las políticas sociales impulsadas por el sector más modernizador de la clase gobernante, con el objeto de imponer una política civilizadora que garantizara la estabilidad de la nación”.

⁷⁵ Tradução livre do original, na ordem: *Enseñanza de la Aritmética, Metodología especial de la enseñanza primaria e Maestros y educadores*.

social, vez que houve uma diminuição de meninos, frente ao maior número de meninas, pois os meninos concluíam apenas seus estudos primários. Assim, modalidades de ensino, uma com vistas a preparação técnica nas escolas industriais, de artes e ofícios, e outra intermediária, foram criadas com esse propósito de manter os jovens do sexo masculino nas escolas (LIONETTI, 2006, p. 104).

Participando do meio intelectual argentino, a abordagem científica do discurso pedagógico de Mercante, na visão de Lionetti:

foi expressão e, ao mesmo tempo, instrumento da reação ideológica de seu tempo. Suas ideias pedagógicas, como afirmou, tinham um propósito corretivo. A pedagogia foi o instrumento para propiciar a reforma de um sistema de educação que com a passagem do tempo havia gerado confusão (2006, p. 111).

O intelectual paranaense também lançou suas “Bases para sistematizar a ação particular”, para promover a educação do povo brasileiro. Elas se encontram no final do livro “Missão e Não Profissão!...”, constituindo diretrizes, redigidas na forma de texto legal, com artigos, incisos e alíneas. Elas preveem reformas, a constituição de um Conselho Popular de Educação, destinado a manter e orientar a campanha do combate ao analfabetismo dos adultos, e cuidar da educação em geral. O quadro a seguir apresenta o organograma do Conselho, proposto por Gomes (GOMES, 1928, pp. 170-183):

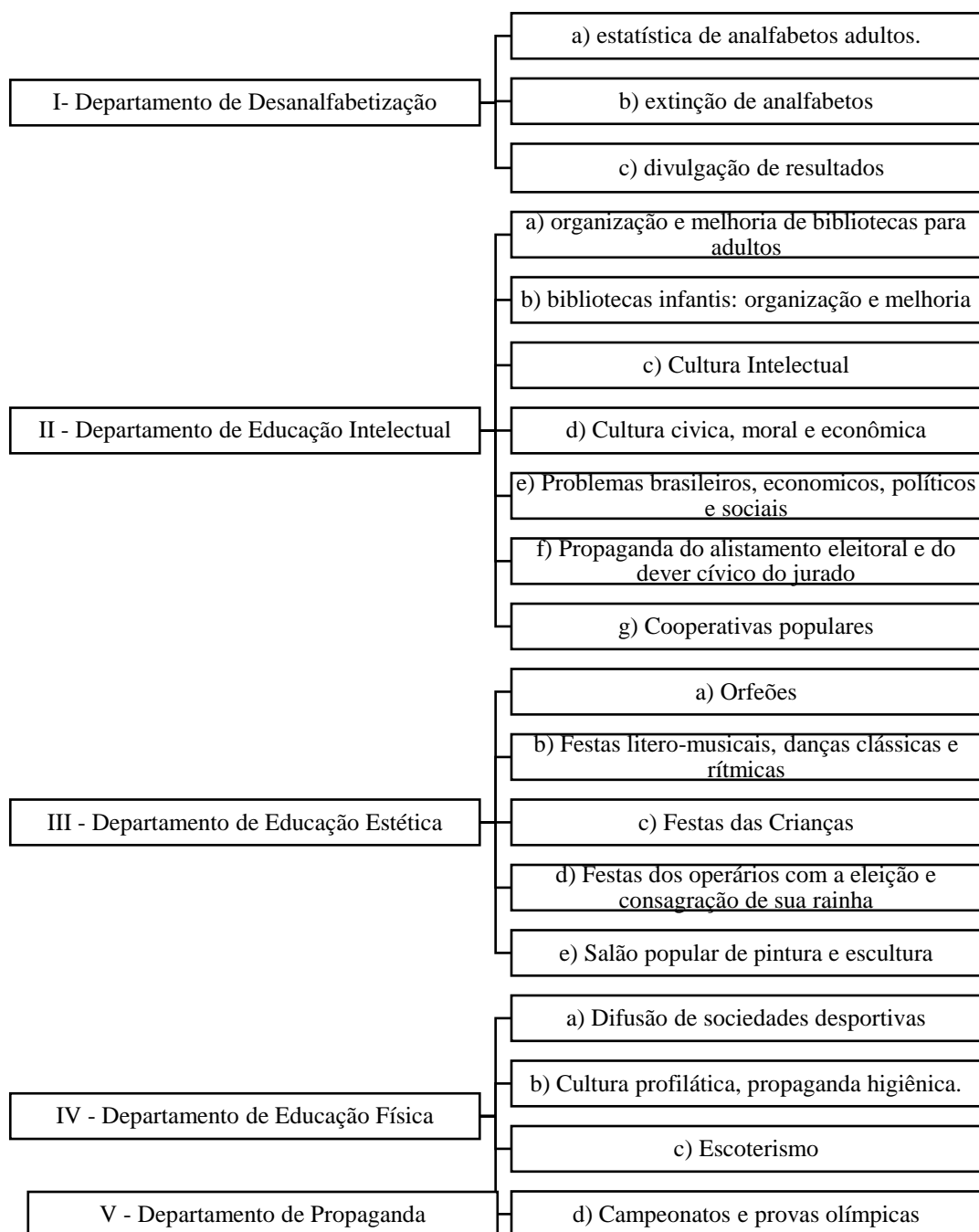


FIGURA 8. Conselho Popular de Educação proposto por Raul Gomes. Organograma com base em GOMES, 1928.

Infer-se deste quadro que a escola é vista como um lugar estratégico, para a aplicação de modelos de práticas racionais. Visualiza-se a atenção na criança, para incutir práticas educativas de descobertas modernas afetas à higiene e profilaxia de doenças, controlando assim o espaço pedagógico e a higiene social, utilizando uma visão totalizadora do indivíduo. (FERREIRA, 2004).

Por outro lado, na proposta de Gomes, o Conselho organizaria um “exército” de professores incumbidos da “missão” de extinguir o analfabetismo. Esse exército seria formado por professores, homens e mulheres, que o fariam de boa vontade e com patriotismo, pois não receberiam remuneração sistemática, e tomariam o encargo de ensinar aos adultos. (GOMES, 1928, p. 174). Os professores passariam por um treinamento técnico onde teriam aulas sobre “o ensino da leitura, da escrita, contas, noções de história, de geografia nacional, de higiene e civismo”. (GOMES, 1928, p. 175).

A tarefa de realizar esses programas era incumbência do Estado, os quais preconizavam a disciplina, a inteligência e a valorização do sentimento estético. Nesse plano, Gomes estimulava práticas de virtude, que envolveriam a honestidade, a bondade, a beleza, a espiritualidade, a paixão das artes, o cavalheirismo e o amor à pátria (GOMES, 1928, p. 172; p. 175).

Demonstrando contradição quanto à necessidade ou não de remuneração aos professores nesse programa, Gomes propõe que eles fossem premiados em dinheiro, no que chamou de concursos de “desanalfabetização”. Aqueles mestres que provassem, publicamente, terem educado adultos, no sentido ter-lhes despertado o gosto e hábito pela leitura, mostrado a eles necessidade de boa higiene pessoal, bem como aperfeiçoado seus caracteres, ensinando-lhes o sentimento de amor à pátria, seriam contemplados com recompensas especiais (GOMES, 1928, p. 175).

Não obstante, as reformas do sistema de ensino, segundo Gomes, partiriam de bons salários concedidos ao professor. Isto tornaria possível a dedicação exclusiva ao ofício, garantindo futuro certo, próspero e assecuratório do bem-estar da família. Os meios deveriam promover uma vida folgada, provida de necessidades materiais e com recursos dirigidos para a compra de livros. Ao contrário, por não retribuir com matéria ou com glória, a profissão não retinha ou seduzia as “melhores capacidades”. Naquele período, mesmo tendo passado por uma reforma do ensino, os vencimentos dos professores permaneciam inferiores aos da classe militar (GOMES, 1928, pp. 54-55; p. 70). Por sentir que a classe professoral era tão injustiçada, Raul Gomes chegou a apontar os praças como classe de analfabetos e rudes (1928, p. 100).

Além disso, dedicar-se a outras atividades além do magistério era uma das consequências de uma vida moderna, que “não só coloca o homem na contingência de não poder comprar livros”, mas também “rouba-lhe o tempo de os ler” (1928, p. 105). Ele afirmou, comparando aquele momento com um tempo passado, idealizado:

Quando a vida era menos difícil, mesmo ganhando pouco o mestre ainda podia dedicar-se só ao magistério, comprar livros e estudar.

Hoje, porém, ou o professor reparte a actividade com outros empregos, adquire recursos, mas, não lhe sobra espaço para ler; ou não trabalha fora da escola, e porque ganha miseravelmente, também não pode ter tratos com livros (GOMES, 1928, p. 99).

A este dilema, da necessidade de estudar para enriquecer seu ofício e de ter que trabalhar mais para manter o sustento da família, ninguém fugiria: “E não é possível ao patriota mais exaltado roubar dos filhos o pão que lhes mata a fome, para adquirir livros destinados á cultura mental” (GOMES, 1928, p. 99).

Utilizar uma biblioteca, por sua vez, não resolveria o problema, pois segundo Gomes, havia poucas bibliotecas, o acesso a elas era difícil e enervante, o acervo era antiquado e de pouco valor. Assim, clamou ao governo que provesse as “necessidades livrescas do professorado”, sugerindo a responsabilidade do Estado para editar obras primas da humanidade, tal qual relatou ocorrer no México (1928, pp. 104, 105).

Mesmo assim, o tempo de leitura roubado, destinado a outras atividades laborativas “mal pagas” para melhorar os salários se daria, em sua opinião,

porque o cansaço consequente de uma trabalhadeira sem fim impele-nos para diversões que a civilização multiplica e aperfeiçoa.

As observações que ahi deixo apagadamente bosquejam as lindes de seriíssima questão ligada visceralmente ao progresso, conservação e aperfeiçoamento da sociedade (GOMES, 1928, p. 105).

Definindo qual seria o papel do professor, afirmava:

concerne de perto á organização do escól, a minoria intteligente, deligente e preparada a quem toca a *tarefa de guiar e conduzir as multidões*. [grifo meu].

É ainda esse escól que elabora as criações artísticas e literarias, únicas que attestam á posteridade o valor e o desenvolvimento de uma comunhão humana. (1928, p. 105) .

No artigo “A vida actual e a intelectualidade”⁷⁶, Raul Gomes disse que houve uma mudança no mundo, a vida se complicou, surgiram necessidades materiais e o egoísmo venceu por exigência do meio: “Vigora por toda parte o mais assanhado e desentranhado utilitarismo” (1928, p. 106; A VIDA..., 17 jan. 1925)⁷⁷

⁷⁶ Publicado originalmente na primeira página do jornal Commercio do Paraná, em 17 de janeiro de 1925.

⁷⁷ O utilitarismo é uma doutrina jurídica fundada por Jeremy Bentham⁷⁷, revista por John Stuart Mill⁷⁷, que considera a moral como sendo a avaliação entre custos e benefícios da tomada de determinadas decisões,

Ao invocar a tese do utilitarismo, Raul Gomes esteve se referindo tanto ao seu *habitus* jurídico e quanto à noção da defesa de justiça social, conceito atrelado aos elementos do discurso moderno, que foram discutidos por Osinski (2006, p. 13):

Desejo do novo, orientação para o futuro e crítica aos conceitos e práticas estabelecidos são ingredientes constantes do discurso moderno, que contempla também, com frequência, o desencanto com a vida industrializada, a crítica ao progresso descontrolado e a defesa da justiça social.

O intelectual dessa vida moderna a que se refere Raul Gomes, dedicado à atividade docente, ao invés de ser atingido pela criatividade oriunda da tortura e do sofrimento que auxiliaram na produção de obras primas de outrora, era ferido pelo “excesso de trabalho resultante da exiguidade de remuneração” (1928, p. 108):

Agora, após um dia de cansaço, nas paredes de uma repartição, dum escritório ou dum jornal, o intelectual chega á casa exausto, com as forças criadoras abatidas, sem inspiração e sem nenhuma vontade de produzir.
O que elle aspira é o repouso, não para concentrar, reflectir e cristalizar idéas, mas para esquecer, para se refazer, para tomar alento e proseguir no labor enervante do ganha-pão (1928, p. 108)

O governo, na sua opinião, era indiferente aos intelectuais e aos artistas. Pelo contrário, o Estado teria que ir ao socorro dos intelectuais. O público, em geral, não disfarçava o desprezo pela classe cujo trabalho imortalizava uma sociedade: “Indague quantos volumes se adquiriram das edições de nossos poetas e prosadores; ou quantas télas se compraram de um Andersen⁷⁸, Kopp ou Lange”. Assim, lança a ideia de uma campanha contra esse menosprezo desvelado, contra o movimento utilitário que suprime o talento artístico e criador de artistas e escritores, para uma ação coesa e eficaz (GOMES, 1928, p. 109).

Ao agir e lançar uma campanha, Raul Gomes foi aquele que, ao falar pelo grupo dos professores, afirmou a existência do mesmo, instituindo-o, como numa operação de magia própria a um ato de nomeação (BOURDIEU, 2007, p. 159). Afirmar com autoridade corresponde a um ato de conhecimento e reconhecimento do que é enunciado, sendo assim produzido por quem o enuncia. Quando feito desta maneira e tornado público, o enunciado é sancionado, digno de existir, natural. Outrossim, dependem tanto do reconhecimento daquele

estabelecendo diferenças entre ações boas, que tendem a promover a felicidade, de ações más, que promovem o oposto.

⁷⁸ Alfredo Emílio Andersen (Kristiansand/Noruega, 1860 – Curitiba, 1935). Pintor, desenhista, gravador e professor. Lecionou desenho em instituições de ensino formal de Curitiba, como a Escola Alemã, o Colégio Paranaense e a Escola de Belas Artes e Indústrias. (MUSEU Alfredo Andersen, 2016).

que o detém, como da objetividade do grupo ao qual se dirige, bem como do crédito daquele que o detém perante o grupo, assim como na semelhança entre as propriedades econômicas e culturais que tem os membros desse grupo. (BOURDIEU, 2007, pp. 114-117).

2.3 IDEIAS DESEMBARCAM NO RIO DE JANEIRO

Raul Gomes e Cecília Meireles⁷⁹ são representantes do campo intelectual, ele do Paraná, ela do Rio de Janeiro. Pela paridade de interesses, Meireles convida Raul Gomes para publicar artigos em sua coluna do jornal Diário de Notícias. A jornalista nos traz seu conceito, sobre a atividade exercida pelos intelectuais, pertinente para constatar esta autoanálise de que fazem sobre si:

Somos, em geral, gente rica de idéas, com subtilezas de engenho que causariam admiração a uma boa parte do mundo se a língua portuguesa não tivesse ainda limites tão injustos de expansão. Se não temos o pensamento elaborado e systematizado de outros povos, possuímos alguma coisa igualmente preciosa: o poder do pensamento nascente, que se vae levantando das energias profundas da raça para a luta das experiências que lhe irão traçando no tempo os caminhos da sua definitiva afirmação (MEIRELES, 19 mar. 1932, p. 5).

Meireles engajou-se a favor da educação e editou a coluna Páginas de Educação no jornal carioca, por volta da década de 1930. Durante meses de julho de 1931 a janeiro de 1933, a autora veiculou artigos de Raul Gomes em sua coluna.

Para compreensão deste contexto, na década de 1930, a insatisfação política com manutenção da República Café-com-Leite ensejou o desencadeamento da Revolução de Getúlio Vargas. Naquele período, quando tomou o poder e teve que reorganizar o país, Vargas colocou o Estado mais próximo da população e criou o Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, além do Ministério da Educação e da Saúde.

Um dos artigos encontrados nessa pesquisa traz um comentário breve para introduzir o artigo do nosso paranaense, que remete a essa política pública para a reorganização do ensino:

Do “O Dia”, de Curitiba, extraímos o artigo abaixo, em que mais uma vez se focaliza o problema brasileiro da educação, pondo-se em relevo, ao mesmo tempo, uma das muitas inabilidades que vem comprometendo e tornando contraproducente o Ministério da Educação, criado pelo governo revolucionário, naturalmente com

⁷⁹ Cecília Benevides de Carvalho Meireles (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1901 – Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1964). Poetisa, jornalista, professora de literatura. Frequentou a Escola Normal no Rio de Janeiro (1913-1916). Fundou, em 1934, a primeira biblioteca infantil do Brasil. Suas obras principais são *Ou Isto ou Aquilo* e *Romanceiro da Inconfidência*. Assinou o Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova em 1932.

excelentes propósitos, que, infelizmente, as demonstrações práticas vem dia a dia se tornando ineficazes (MEIRELES in GOMES, 17 jul. 1931).

No artigo, Gomes revela já fazer parte do cenário nacional que discute a educação brasileira. Ele informa que no Congresso de Educação de 1928, realizado em Minas Gerais, já teria apresentado seu plano nacional de educação, que foi apresentado na Figura 9, que Gomes discutiu na obra “Missão e não Profissão!...”. (GOMES, 1928, 169-183; GOMES, 17 jul. 1931). O autor louva a iniciativa de organização do Ministério da Educação por Getúlio Vargas, mas discorda do modo e do processo escolhidos para sua constituição.

Ele argumenta que na reorganização, o professor primário não foi considerado. O professor, em seu ponto de vista, seria o alicerce da nação, pois estava presente desde a educação da infância, chegando à atividade docente nos ginásios, faculdades superiores e institutos profissionais.

Inclusive, o tema surte efeitos até os dias atuais, onde muito se discute a falta de uma educação básica eficiente e acessível em um país que se privilegia a formação superior e restrita. No caso do artigo, Gomes afirma que é o professor quem fundamentalmente realiza o contato da criança com a vida, quem visa expandir sua personalidade (GOMES, 17 jul. 1931).

Uma das reformas de Vargas previa a divisão do ensino em primário e secundário. Esta cisão, para Gomes, era uma “monstruosidade”. Os professores não poderiam ter sido omitidos do plano sem seus esforços e sem serem ouvidos. O referido projeto teria o grau da sabedoria de eminentes autores, mas realizado de dentro de um gabinete, não correspondia às aspirações nacionais do magistério primário.

Pouco tempo depois, Gomes publicou naquela seção o artigo A Escola e a Vida. Expondo novamente a deficiência do ensino primário tradicional, ele afirmou que durante a escola primária e a universidade, a juventude só aprendia a ler. A isso deu o nome de “educação livresca” (GOMES, 7 ago. 1931, p. 6).

Pela expressão “educação livresca”, Gomes quer dizer que esse ensino se baseava na mera leitura de livros pelos alunos, sem que se partisse para uma análise, para a observação ou à experimentação. Para ele, a escola de então não habilitava os jovens para a vida prática. O autor cita uma cena de romance onde jovens foram recrutados para a guerra e que, em um dia de chuva, não souberam lidar com a tarefa de fazer fogo. Então, os rapazes ridicularizam-se entre si e passam a discutir as lições que receberam em suas aulas, quando chegam à conclusão de que o ensino recebido, não serviu de nada (GOMES, 7 ago. 1931, p. 6).

Esse período da década de 1930, foi considerado por Gomes, como um momento histórico de transição, onde velhas fórmulas foram dissolvidas e tradições milenares foram extintas, as doutrinas e aspirações se chocam entre si e demonstravam a inquietação humana em busca da felicidade. Segundo o autor, na “própria esfera cultural as diretrizes das varias sociedades são as mais diferentes e desconcertantes”. (GOMES, 6 ago 1932). Assim, ele cita a prática da reedição de obras clássicas por parte de países europeus, como França, Alemanha, Itália e Espanha, atribuindo ao Estado também a responsabilidade de manter as obras em comércio e de editar autores “contemporâneos” (GOMES, 6 ago 1932).

Uma interpretação possível para a transição referida por Gomes é a de que durante a década de 1930, Gomes tinha deixado o professorado público para exercer um cargo administrativo nos Correios, como já se sabe. Porém, entre os anos de 1931 e 1935, Gomes passou a cursar a Faculdade de Direito da Universidade do Paraná e deixou o cargo administrativo em 1938. Assim, parece que Gomes se ligava à ansiedade do momento, que refletia nele mesmo, buscando por mudança, o que o deixa ainda mais próximo das teses sobre modernidade.

Como incentivo à modernização do ensino, o jornalista relata a solicitação da Espanha, aos seus intelectuais, de que fosse realizada uma cooperação para efetuar uma lista contendo os mais relevantes autores universais. A Espanha estaria à frente dos demais países por já ter traduzido sistematicamente obras de pensadores da pedagogia, “contemporânea” para Gomes, como “Decroly, Dewey, Kilpatrick, Stanley Hall, James, Ferrière, Termann, Pressey, etc.” e incorporado traduções de obras de Petalozzi, Herbart, Froebel, Comenius, João Paulo Richter, Fichte, Stoy, Rein, Natorp, Rey, Locke, Montaigne, etc. (GOMES, 6 ago 1932).

A “educação livresca”, foi na opinião de Gomes um mal universal, difícil de transformar ou destruir – um grande problema presente na educação brasileira. Contra esse mal, o professor deveria agir. Decorar lições inúteis sem exercitar a observação vinha da falta de contato entre a realidade e o contraste que era o Brasil, em cujo território opulento uma pobreza extrema e majoritária desconhecia os mais rudimentares confortos da civilização.

Para exemplificar o assunto, Gomes cita uma ocorrência em seu cotidiano:

Ainda o outro dia, em uma de minhas aulas, trinta alunos passaram por uma dessas provas de eficiência da vida pratica e o resultado foi o mais desolador.

Eu ministrava uma lição de redação. Salientava a importância capital da observação naquela especialidade e procurava mostrar como se observa, quando me ocorreu fazer estas duas perguntas:

“Quantos gramas tem uma lata de aveia Quacker?”

“Em que época do ano se poda a parreira no Paraná?” (GOMES, 7 ago. 1931, p. 6).

Ele conta que seus discípulos tinham mais de 15 anos e procediam de diversas etnias – lusos, italianos, alemães; inscritos em diferentes etapas de ensino e instituições. Por isso, Gomes disse que havia diante de si uma grande diversidade de cultura. O autor relata que o cômputo do peso do recipiente de aveia entre 5 e 700 gramas. Nenhum deles, segundo ele, soube dizer em que época se poda a Parreira no Paraná, sendo que todas as casas e chácaras a plantavam e todos gostavam de seus frutos. (GOMES, 7 ago. 1931, p. 6).

Por essa falha, Raul Gomes culpava a escola, cujo método de ensino adotado, naquele momento, era mnemônico, excessivamente intelectual, palavroso e inútil. Em 1932, a coluna de Meireles publicou a seleção da Comissão Executiva da V Associação Brasileira de Educação, que seria realizada na cidade de Recife. Faziam parte dela, Fernando de Magalhães, Teixeira de Freitas, Mello Leitão, Euclides Roxo, Vera Delgado de Carvalho, Barbosa de Oliveira e Gustavo Lessa (ASSOCIAÇÃO..., 25 fev. 1932, p. 5).

Na compreensão de Vieira, os intelectuais poderiam participar da condução da nação pela formação de novas elites, de modo que, sendo a educação um campo político, o objetivo dos intelectuais era o de estruturar esse campo para poder adentrá-lo. Por conseguinte, as ideias que circularam em torno da I Conferência da Associação Brasileira de Educação, ocorrida em 1927, sustentavam a regeneração do povo brasileiro, a unidade nacional, o controle e coerção do Estado sob a ação de um intelectual (VIEIRA, 2007).

Os temas norteadores da discussão para o Congresso de 1932 desta vez foram divididos nas seguintes seções e com respectivos relatores, conforme apresentado no quadro a seguir:

Seção	Tema	Relatores
Ensino Primário	O método de projeto	Inspetora Maria Bela Campos, professoras Eva L. Hyde e Lucia Monteiro Schmidt Castro.
	Homogeneização das classes	Isaias Alves, professoras Helena A[?] e Noemy Silveira.
	Quais os inspetores especializados que a instrução pública estadual deve possuir?	Anisio Teixeira, Alvaro Rodrigues e Joao Toledo
Ensino Normal	Diretrizes do preparo dos professores e organização dos institutos destinados a dar esse preparo nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na	Armanda Alvaro Alberto (Argentina e Uruguai); O. Delgado de Carvalho (Inglaterra e França) e Gustavo Lessa (Estados Unidos e Alemanha).

	Argentina e no Uruguay.	
	Quais devem ser os requisitos da admissão das Escolas Normais?	Firmino Costa, Carlos Sá e Anibal Bruno.
	Como ajudar o ensino das matérias no curso normal com a pratica do ensino nas escolas de aplicação?	Anisio Teixeira, professora Ignacia Guimares e J. P. Fontenelle.
Ensino Secundário	Qual deve ser no Brasil, a ligação entre o ensino primário e o secundário?	Carneiro Leão, professores Raul Gomes e Moreira de Souza. [grifo meu]
	Qual o melhor regime para a fiscalização dos estabelecimentos particulares do ensino secundário?	Candido Mello Leitão, Lourenço Filho e Gonçalo Muniz
Ensino Profissional	Como organizar a educação profissional para atender, em seus vários grãos, as necessidades do trabalho técnico no Brasil?	Carlos Americo Barbosa de Oliveira, Edgar Sussekind de Mendonça e Aprigio Gonzaga.
	Como formar o pessoal docente para os vários grãos da educação profissional?	professores Americo Warnick, Eduardo B. Agostini e Paschoal Leme.
	Que regalias oficiais oferecer para aumentar o êxito aos egressos dos cursos profissionais?	Fidelis Reis, Luiz Palmeira e Francisco Montojos.

FIGURA 9. Tabela de Relatores por tema e seção do Congresso de 1932. FONTE: (ASSOCIAÇÃO..., 25 fev. 1932, p. 5)

Ao analisar a tabela, verificamos que Gomes foi escolhido como relator do tema e a pesquisador da ligação entre o ensino primário e secundário no Brasil. Portanto, a inquietação ante o tema do investimento em educação básica para promover a continuidade do ensino foi abordada em projeção nacional, estampada pelo jornal carioca, chamando a atenção para os assuntos educacionais.

2.4 NO RASTRO DOS ARTISTAS

Os bens culturais correspondem a artefatos que recebem a chancela de uma elite que por diversas razões socioculturais se ligam à exaltação dos valores humanísticos. Deste modo, este grupo distinto detém as “moedas de troca” lastreadas por esta “economia das práticas simbólicas”.

Sem distinguir “moços” ou “tradicionais” da arte paranaense, Raul Gomes relacionou-se com Alfredo Andersen, Guido Viaro⁸⁰, Theodoro de Bona⁸¹ e Poty Lazzarotto⁸², e afirmou, quanto ao círculo intelectual do Estado, que

Aqui temos grandes inteligências, porém restritas ao circulozinho do Paraná, porque raros são os que tem ousado passar o Marumbi, que o índio chamava de Por Aqui não Se Passa. E simbolicamente o paranaense é de uma timidez extraordinária. ” (COLUNA DOMINGO, s/d).

Para Bradbury, a função dos artistas e dos cientistas era a de romper essa visão de mundo estabelecida, como tradução e consciência de futuro. A arte possuía uma posição privilegiada, em abordar a situação moderna, pois transformou e revisitou os próprios movimentos surgidos, quase que sequencial e simultaneamente. A arte, como manifestação da sensibilidade coletiva, percebeu a inter-relação entre as coisas, imaginativamente especulando os sonhos, a sensibilidade. (BRADBURY, 1989). Gomes entendia qualquer gênero de arte como “uma continuidade, não se podendo asseverar quem no universo um dia por inspiração criou um dos ramos artísticos” (GOMES, 23 jul. 1967).

Para Gombrich, a arte está apoiada no conhecimento intelectual (GOMBRICH, 2007, p. 13). Ver, além de ser condicionado pelas expectativas, seria condicionado também pelos hábitos do expectador (GOMBRICH, 2007, p. 77). Panofsky também corrobora com esta tese ao afirmar que a “experiência recreativa de uma obra de arte depende, portanto, não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, mas também sua bagagem cultural”.

⁸⁰ Guido Pelegrino Viaro (Badia Polesine - Província de Rovigo, Veneto Itália 1897 - Curitiba PR 1971). Pintor, ilustrador, caricaturista, desenhista, escultor, gravador, professor e articulista. Em Curitiba, conheceu o professor Theodoro de Bona (1904 - 1990) e o pintor Alfred Andersen (1860 - 1935). Trabalhou, ao lado de Poty (1924 - 1998), na ilustração da revista *Joaquim*, em 1946. Atuou em instituições de arte como o Ateliê/Escola de Desenho e Pintura Guido Viaro e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba. (ENCICLOPEDIA..., verbete Guido Viaro, 2016).

⁸¹ Theodoro de Bona (Morretes, Paraná, 1904 - Curitiba, Paraná, 1990). Pintor, escritor e professor. Estudou com Gina Bianchi, Ercília Cecchi e Alfredo Andersen. Coursou a Academia de Belas Artes de Veneza. Foi professor e diretor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná,. (ENCICLOPEDIA..., verbete Theodoro de Bona, 2016).

⁸² Napoleon Potyguara Lazzarotto (Curitiba, 29 de março de 1924 – Curitiba, 8 de maio de 1998). Gravador, desenhista, ilustrador, muralista e professor. Estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Frequentou curso de gravura com Carlos Oswald (1882-1971) no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Teve atuação como ilustrador de obras como as de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Dalton Trevisan. É autor dos livros *A Propósito de Figurinhas*, de 1986, e *Curitiba, de Nós*, de 1989.

(PANOFSKY, 1974, p. 36). Segundo ele, “A faculdade de se exprimir e de decodificar as diferentes categorias de linguagens não foi dividida de maneira igualitária entre os homens, como tampouco o foram os outros dons de corpo e do espírito” (PANOFSKY, 1974, p. 233).

O jornalista afirmou, certa vez, que “lia e via”, por curiosidade “invencível”, mas “inconvenível” a “obra penosa e rigidamente compartida desde os Manet_Cezane até os nossos mais novos”. Ele citou que Emile Zola foi quem abriu seus olhos para a revolução nas artes plásticas, e afirmou: “sei que a vitória do modernismo custou suor, cansaço, humilhações, fome, desprezo. Foi o que padeceram os Matisse, os Dadas, os Piçarros, os Van Gogs, os Gauguins, os Manets, Monets, etc”. (GOMES, 23 jul. 1967).

Seu interesse em arte era tal que, em 1924, respondeu no jornal *Commercio do Paraná*, uma enquete sobre o movimento do futurismo. Nesse artigo, expõe claramente sua opinião, dizendo que é um “passadista” mas que vê a importância do movimento para a inspiração dos jovens, encarando o movimento como uma forma do mundo não se manter estático, vendo o lado positivo de sua influência na ampla liberdade e suas consequências para a arte e a literatura. (GOMES, 20 dez. 1924).

Com isto, se desenvolve a hipótese de que se Gomes discorreu sobre arte, foi porque angariou o vocabulário artístico. Segundo Bourdieu, a obra de arte só tem sentido e só se interessa por ela aquele que tem conhecimento dos códigos pelos quais ela é codificada. O *modo de ver* é produto da história e é transmitido pela educação (BOURDIEU, 2006, p. 10). Nesta seara, uma obra de arte não é um capricho, mas uma realização (PANOFSKY, 1974, p. 234). São “objetos necessários à vida dos grupos sociais”. (FRANCASTEL, 1990, p. 2).

Entretanto, Raul Gomes não se colocava como crítico de arte, mas disse saber captar as sensações transmitidas por uma obra. Em 1924, ao discorrer sobre a exposição do alemão Emilio Schneider, afirmou que não se fazia de crítico, porque isso era seara alheia, porém não fugia de confessar a sua experiência estética como “verdadeiro gozo espiritual”. O autor afirma não ter as qualidades de crítico de arte, mas se louva de ter captado “o entusiasmo e o prazer” ocasionados pela “rapidez de umas duas visitas”, pelo “modesto, mas brilhante artista já consagrado”. (GOMES, 23 nov. 1924, p. 1).

Suas impressões foram de que o curitibano utilizava tons escuros porque as exuberâncias tropicais eram atenuadas pela ambientação e altitude da capital paranaense:

Como que mão segura andou armada de podador a retocar os contornos dos melancólicos ciprestes, de enxadão a retificar a curva dos caminhos e de pincel a delir o carregado das tintas dos céus. Tudo é geométrico.
Há naquele cenário a tristeza de uma região de gelo ou o tom dolente de um conspecto cemiterial (GOMES, 23 nov. 1924, p. 1).

O objetivo do intelectual era “apenas” colaborar para “chamar a atenção de nossos conterrâneos para quem se mostrou de tanto afeto e carinho para com a nossa natureza”. (GOMES, 23 nov. 1924, p. 1).

Gomes, reconhecidamente, divulgava a arte paranaense pelos jornais. Ainda, interferia no campo, ao buscar e reconhecer esses artistas. Valêncio Xavier, cineasta paranaense, afirmou que, em 1938, os proprietários do periódico Diário da Tarde, percorriam os bairros da cidade com a intenção de aumentar a circulação do jornal. Uma das estratégias empreendidas, era a de entregar o jornal primeiro nos bairros, ao invés de começar a tarde efetuando a entrega pelo centro da cidade. Outra estratégia foi a criação de pontos de venda nos bairros. (NICULITCHEFF, 1994, p. 45). O autor nos diz que:

[...] lá foram eles, Hostílio e Hildebrando de Araújo, mais o redator-chefe, **Raul Gomes**, ao botequim do pai de Poty – tocado a maior parte do tempo por dona Júlia – para ver se poderiam contar com ele como ponto de venda no Capanema. Ao conheceram os desenhos de Poty, resolveram publicar, com grande destaque, uma história em quadrinhos (NICULITCHEFF, 1994, p. 45). [grifo meu].

Os quadrinhos em questão fazem parte das histórias de “Haroldo, O Homem Relâmpago”, feitas especialmente para o Diário da Tarde (NICULITCHEFF, 1994, p. 45). Desta forma, Raul Gomes teve a oportunidade de conhecer e de promover os mais diversos artistas paranaenses.

O artista italiano radicado em Curitiba, Guido Viaro, também foi admirado por Gomes. O intelectual o descreveu como inquieto e singular, afirmando que contribuiu para a integração do pintor no “nosso meio”, fazendo “publicidade graciosa pela imprensa”. (GOMES, 23 jul. 1967). Gomes relata que a arte de Viaro “testemunhava uma reação abrupta e violenta contra a arte clássica ou acadêmica”, pois Viaro vivia com a própria tortura de querer se descobrir.

A autora Dulce Osinski (2006), além de analisar o legado artístico de Viaro, também desenvolveu a concepção do artista como intelectual, e na sua tese, aborda sua trajetória e sua contribuição para o ensino da arte do Paraná. Para tanto, a autora associa os conceitos de modernidade às ideias pedagógicas do pintor italiano, que interagiu com Raul Gomes para realizar exposições de arte, infantis ou de artistas estabelecidos no campo (OSINSKI, 2006). Uma das diversas contribuições de Viaro para a pintura paranaense teria sido a criação das

Escolinhas de Arte, que teve origem em ideais de Gomes desenvolvidos na década de 1940, e que culminaram na ação dos intelectuais para a criação do Salão Paranaense.

Como testemunho da arte paranaense, Gomes relata que Viaro veio ao Brasil em contenda com acadêmicos, com seus professores de desenho, e acompanhado da modernidade - que desde 1860 lutava por uma inovação nas artes na Europa, que deu origem ao movimento denominado *modernismo*. Gomes diz que Viaro, por ter conhecido a história e as fases do modernismo, tinha o sofrimento dentro de si. (GOMES, 23 jul. 1967).

Em Curitiba, pelo encontro com a tradição de Alfredo Andersen e a sua escola, Viaro sentiu-se livre “em tudo e por tudo”. Segundo Gomes, isso se dava porque, desde a década de 1890 se irrompera no Paraná “o livre pensamento”, que recrutou os moços da época e aqueles que vieram depois, formando a escola simbolista que abrangeu o período de 1890-1920, e representou para Gomes um meio onde “se podia pensar, e agir e criar sem pela de espécie nenhuma”. (GOMES, 23 jul. 1967).

Mesmo assim, na opinião de Gomes, ao fazer arte moderna, Viaro ainda vivia esse seu drama “entre a inquietude, e a irregularidade, e o tormento pela não consecução de seu ideal” (GOMES, 23 jul. 1967). Viaro soube autenticar esses traços de um homem forte, em seus admiráveis quadros, que teriam sido adquiridos pela pinacoteca do Estado. Sua escola de pintura particular, segundo Gomes, foi a mais original de Curitiba, pela liberdade e pelo autodidatismo desenvolvido pelo aluno, apenas supervisionado pelo pintor. Isto significa dizer que, no método de Viaro e na concepção de Gomes, o aluno deveria procurar seu roteiro e realizar-se por si, até “se descobrir”. (GOMES, 23 jul. 1967).

2.5 EM NOME DE ANDERSEN

O convívio de Raul Gomes com Alfredo Andersen permitiu nos contar de um ponto de vista mais aproximado, mais íntimo sobre a trajetória do pintor norueguês em Curitiba. Gomes descreveu o cenário de Curitiba como o de uma cidade não tão rica, e atribuiu esse fato à economia fraca e instável do Estado, também subordinada a outros centros (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969).

Gomes disse ser incontestável a tese de que as artes plásticas são um tipo de arte intelectual que prospera nos centros desenvolvidos, sendo assim desde a Grécia, passando pelo Renascimento, pelo Romantismo, chegando ao Naturalismo. Porém, Andersen teria permanecido para enfrentar as dificuldades. Conta-nos que encontrou o pintor poucos dias antes dele falecer, no largo Santos Dumont – região central de Curitiba, e conversou com ele

por algumas horas (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969). Neste artigo, Gomes enfatiza sua cumplicidade com o pintor. Afirma que o artista foi uma das pessoas mais serenas que conheceu. Por outro lado, Andersen disse que gostava, imensamente, dos escritos do jornalista porque o fazia “gritado”. Essa amizade de trinta anos entre ele e o pintor, permitia que ambos frequentassem seus respectivos lares. Ele nos conta que ajudou o “Mestre, o Pai da Pintura Paranaense o quanto pôde, e disse que possuía dele apenas uma pequena paisagem que comprou e um autorretrato a bico de pena que o pintor lhe ofertou. (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969).

Para o aparelhamento cultural da cidade, em nome de Andersen, Gomes relata que colaborou pela “criação da escola de artes industriais, que ficou transformada em Escola de Música e Belas Artes, e promoveu a exposição geral de artistas paranaenses no Rio sob a égide de Andersen, “com estrondoso êxito” e ainda, a Casa de Alfredo Andersen e o Museu de Arte do Paraná (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969).

Dentre essas ações, Raul Gomes citou também a sua participação na denominação de um largo, “na época um capinzal mas reservado pelo então magnânimo prefeito Alexandre Beltrão”. Este empreendimento foi uma de suas conquistas, um esforço de quase um ano. (GOMES, 3 dez. 1944). Contou que a placa foi inaugurada, porém uma “trama diabólica” arrancou-a para que aquele logradouro fosse transformado na Praça Espanha, o que Gomes considerou como uma afronta à memória de Andersen. (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969).

O intelectual, que teria angariado fundos para agitar a construção do monumento, relatou um problema decorrente dessa mudança:

E aconteceu esta coisa incrível: O volume monetário conseguido em todo o Estado, teve parte devolvida por imbecilidade de uma autoridade e o resto que se salvou um tanto foi consumido criminosamente e uma parcela insignificante ficou sob a guarda do tesoureiro da Amigos de Andersen posteriormente sendo-lhe dado fim idôneo! Agora há uma praça lhe dedicada. E seu busto há de ser colocado nesse local como resgate da imensa dívida que o Paraná com ele tem e nunca será prescrita! (GOMES. Alfredo Andersen..., 11 jul. 1969).

A Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen foi uma das iniciativas culturais promovidas por Gomes. Por meio dela, colaborou ao mobilizar a sociedade, em torno da criação de uma escola de música e de belas artes. Ele lançou a proposta, publicamente, no ano de 1933 e insistiu no assunto durante anos, sob o pretexto de que esse era o sonho de Alfredo Andersen (GOMES, 18 mai. 1933). A Sociedade foi instituída em 3 de novembro de 1940, com o propósito de “cultuar a memória do artista e incentivar a criação de um Museu”. Então

foram nomeados provisoriamente os Srs. Raul Gomes, Otavio de Sá Barreto e Lupion Quadros para a diretoria⁸³ (ESTADO DO PARANÁ, s/d).

Os estatutos foram aprovados na Assembleia Geral de 11 de março de 1944, na sede provisória localizada no Clube Curitibano, nomeando como presidente Raul Gomes, vice-presidente Pretextato Taborda Junior, como secretário geral Saul Lupion de Quadros. A tesouraria ficou a cargo de João Turin e o orador foi Valfrido Piloto. (PARANÁ, s/d). Neste contexto, remete-se ao início da carreira de Gomes, cuja vinculação ao Clube Curitibano já se dava pela amizade com Dario Velloso e por participar como jornalista nos periódicos que o clube editou.

Posteriormente e, por ocasião da inauguração da Escola de Música e Belas Artes, o discurso de Fernando Azevedo, diretor da escola, segue em elogiar Raul Gomes pela sua atuação e colocando-o como um dos maiores incentivadores do “renascimento cultural do Paraná” (ACONTECIMENTO de Alto Relevo Cultural, 18 abr. 1948, p. 5). A pesquisadora Dulce Osinski descreve em sua tese que Fernando Azevedo foi professor lotado no Ginásio Paranaense, e foi designado, por meio de decreto, para fazer os arranjos institucionais necessários à implantação da Escola (OSINSKI, 2006, p. 171).

A admiração de Raul Gomes por Alfredo Andersen está no relato e na articulação para que Andersen recebesse o título de Cidadão Honorário de Curitiba⁸⁴, ao qual aspirava. Segundo Raul Gomes, Alfredo Andersen foi o primeiro a receber essa honraria promulgada

⁸³ Dentre outros fundadores: Augusto Beltrão Pernetta, Pretextato Taborda Junior, Romário Martins, Julio Moreira, Osvaldo Pilotto, Stanislaw Traple, Iria Falce, David Carneiro, Arthur Wischral, Ingrid Haydee Muller, Elsa Muller, Arnaldo Andersen, Theodoro de Bona e Carlos Rubens. (PARANÁ, s/d).

⁸⁴ Transcrevo: Decreto nº 40 de 1931. O PREFEITO MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ, considerando os justos motivos em que se baseia a representação feita ao governo municipal por cidadãos que gosam do mais alto conceito social e interpretam sentimento da população curitibana em referência ao pintor e mestre Alfredo Andersen; considerando que é de inteira justiça testemunhar-se de uma forma publica a gratidão da cidade a esse invulgar artista, amigo dedicado do Paraná, que lhe deve 30 anos de dedicado trabalho em favor do desenvolvimento de vocações, que se tornaram notáveis através de uma escola que ele soube criar e manter com incansável abnegação; considerando que não o demoveram de seu apego à terra paranaense, que nem as recordações de sua terra natal, nem insistente convite para a direção de importante estabelecimento de educação artística em sua pátria, com remuneração pecuniária e honorífica de alto valor; considerando, enfim, que é dever imposto aos atuais detentores de parcelas do poder público, incentivar e recompensar trabalhos e esforços em prol da grandesa moral e artística do povo, na honorificência de homenagens que representam a benemerência do homenageado, DECRETA: Art 1º - Expeça-se ao Professor Alfredo Andersen a carta de cidadão de Curitiba pelos relevantes serviços prestados á arte no Estado do Paraná; revogadas as disposições em contrário; Palácio da Prefeitura Municipal de Curitiba. Capital do Estado do Paraná, em 9 de setembro de 1931. Joaquim Pereira de Macedo, Prefeito Municipal. Avelino Lopes, Diretor Geral.

pela Prefeitura de Curitiba⁸⁵ (GOMES, 8 nov. 1969, p. 2). Sobre isso, Valfrido Pilotto, na obra anteriormente mencionada, nos relata:

Foi-lhe entregue [em 1931], em concorrida solenidade, pelo prefeito municipal, coronel Joaquim Pereira de Macedo, o título de “Cidadão de Curitiba”. Tratava-se de mais uma providência dos seus amigos, tendo à frente Raul Gomes. (PILOTTO, 1960, p. 95).

Tendo fundado a Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen⁸⁶, Raul Gomes a presidiu e sob a égide do pintor norueguês, empreendeu a tarefa de levar as obras de diversos artistas em uma exposição ao Rio de Janeiro⁸⁷. Ele justificou a iniciativa ressaltando a paixão que acreditava ter Alfredo Andersen pelo Paraná, e a exposição era uma forma de dar a oportunidade de apreciação de sua obra por profissionais, amadores e críticos de arte da então Capital Federal, pois, se havia motivo de orgulho em relação ao que estava sendo produzido na época, esse motivo era Alfredo Andersen. (O SINGULAR Alfredo Andersen, 27 jul., 1944). Nesse mesmo ano, organizou e convocou romarias dirigidas ao seu túmulo, com direito a placas e flores, como uma forma de homenagem e lembrança de seus atos. (PASSA hoje..., 9 ago. 1944).

Antes da mostra, Raul Gomes chamou a atenção para o evento, justificando sua necessidade e convocando seus pares para participarem da mostra (UMA útil e louvável iniciativa, 8 jun. 1944, p. 3). Esse tipo de apelo também foi feito por Theodoro De Bona, membro da comissão organizadora, que disse:

Esperamos que todos se prestem a colaborar nesse sentido, uma vez que se trata de um empreendimento cultural e artístico de grande importância para o Paraná. Além dos quadros de Andersen, estamos empenhados em arrecadar quadros de alguns de seus alunos, já falecidos [...]. (EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio, 5 jun. 1944, p. 3).

Loureiro Fernandes, outro membro da comissão organizadora, também foi entrevistado e afirmou que a exposição era uma forma de sagrar definitivamente Alfredo Andersen, com o objetivo de ficar bem documentada a influência que exerceu no

⁸⁵ A iniciativa da concessão do prêmio sofreu um trâmite reverso em razão de que foi decretada pelo prefeito em razão de contínuos vetos perpetrados pela Câmara Municipal. Neste caso, o prefeito se valeu de uma função atípica ao poder executivo, o de legislar.

⁸⁶ Iniciativa sua a partir de uma modificação da Sociedade dos Artistas Paranaenses, criada por sua vez por Alfredo Andersen em 1931 (PROSSER, 2004, p. 170).

⁸⁷ A exposição de arte paranaense no Rio de Janeiro aconteceu entre os dias 14 de julho e 4 de agosto de 1944, no prédio da Associação dos Empregados do Comércio no Rio de Janeiro, situado na Avenida Rio Branco.

desenvolvimento das artes plásticas no Paraná. Sustentou, também, que a exposição seria uma maneira de salientar a obra de educação artística realizada por Alfredo Andersen, em “um ato de profunda justiça histórica à memória”. Disse que para tanto, era necessário reunir trabalhos de todos os discípulos, bem como também obter telas executadas em diferentes épocas. (UMA útil e louvável iniciativa, 8 jun. 1944, p. 3).

Segundo noticiado, a promoção da exposição se deu pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do governo de Getúlio Vargas⁸⁸, e sua inauguração “constituiu um acontecimento de grande significado artístico e cultural” Além disso, pretendia-se demonstrar o valor cultural do Paraná (INAUGURADA a exposição de arte paranaense no Rio, 15 jul. 1944. p. 1).

O discípulo de Andersen, Theodoro de Bona, teve destaque na exposição. Foi indicado como o único que aparece regularmente no Salão Nacional de Belas Artes, e foram mencionados também o escultor Erbo Stenzel e o aquafortista Poty, vistos como “jovens favorecidos”. (ARTES Plásticas, Rio de Janeiro, 27 jul. 1944, p. 7).

Comentou-se a importância dos movimentos artísticos em outros Estados, na tentativa de constituição de “núcleos expressivos de arte”, citando o que estava acontecendo em Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife. O articulista do Rio de Janeiro menciona em primeiro lugar, para falar da produção artística dos estados e sua difusão, a exposição de arte paranaense “que demonstrou a robustez do grupo formado há bom tempo, por Andersen”. (AS Artes Plásticas nos Estados, 8 jun. 1946, p. 9). A partir desses dados, teria nascido a ideia de criar um Salão de Arte Paranaense em Curitiba.

A exposição de arte paranaense no Rio de Janeiro aconteceu entre os dias 14 de julho e 4 de agosto de 1944, no prédio da Associação dos Empregados do Comércio no Rio de Janeiro, situado na Avenida Rio Branco, e foi promovida pela Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen (SEMANA de arte, ago. 1944, p. 15).

Vários artigos foram publicados na imprensa escrita antes da exposição, ao longo de todo o período de duração e mesmo depois dela, tanto no Paraná, quanto no Rio de Janeiro e em São Paulo. Antes da mostra, os artigos explicavam a razão da iniciativa e aproveitavam

⁸⁸ O Brasil estava sob o comando do governo Getúlio Vargas (1937-1945), de características autoritárias. A preocupação do governo era a de manter a imagem de Vargas como a figura certa em sua posição e a imagem do regime como aquele certo para o país, o que colaborou para forjar um consenso nacionalista. O Departamento de Imprensa e Propaganda fez parte da legitimação desse projeto e tinha o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto à população. Criado em 1939, foi um órgão do governo de Getúlio Vargas subordinado diretamente a ele, destinado a “orientar e auxiliar todas as atividades culturais da imprensa, do rádio, do teatro e do cinema, a incrementar o turismo e a promover uma eficiente divulgação das atividades nacionais”. (FUNDAÇÃO CINEMATECA BRASILEIRA, 1982, p. 99).

para conclamar a população para que esta emprestasse obras de artistas discípulos de Andersen já falecidos, como Gustavo Kopp e João Ghelfi (UMA útil e louvável iniciativa, 8 jun. 1944, p. 3).

Carlos Rubens, na obra “Andersen, Pai da Pintura Paranaense” publicada pela primeira vez na década de 30, dedica ao mestre norueguês um capítulo denominado “No Rio”. O capítulo fala da sua projeção no Rio de Janeiro, através de artigos de Silveira Netto⁸⁹ e de M. Nogueira da Silva⁹⁰ e por conta de láureas referentes às exposições anuais da Escola Nacional de Belas Artes em 1916 e em 1933. O autor também fala de uma exposição que houve na Galeria Jorge, um lugar onde “a mediocridade não se exhibia”, no ano de 1918, a qual compreendeu 71 quadros e que atraiu a “atenção curiosa do grande público” (RUBENS, 1995, pp. 30-33). Dessa maneira, não seria a primeira vez que as obras de Andersen eram expostas no Rio, mas seria a primeira vez que as obras de seus discípulos as acompanhariam.

A sensação em torno da exposição está demonstrada através da publicidade da seleção das obras que participariam da exposição. Houve uma pré-exposição no Salão Municipal de Arte, instalado no edifício Garcez⁹¹, local onde diariamente uma comissão estaria presente das 14 às 16 horas para receber os trabalhos. A seleção final das obras ficaria a cargo do então Prefeito Municipal, Alexandre Beltrão. (EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio, 5 jun. 1944, p. 3).

Segundo Raul Gomes, foi ali que ocorreu a seleção final das obras e iniciou-se o acondicionamento das mesmas, “de acordo com a técnica e sob a responsabilidade de pessoal especializado” (EXPOSIÇÃO de Arte Paranaense no Rio, 4 jun. 1944, p. 3). Um artigo assevera que essa coleção foi motivo de visita, “em caráter especial, por jornalistas, autoridades e figuras representativas do nosso meio cultural”, que eram recepcionadas por Raul Gomes, Loureiro Fernandes e Taborda Junior. (A EXPOSIÇÃO de artistas paranaenses no Rio, 18 jun. 1944, p. 3).

Em entrevista dada à Gazeta do Povo, Raul Gomes informou que a Exposição teria lugar no Museu Nacional de Belas Artes. A conquista do local era uma vitória de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, membros da comissão organizadora no Rio de Janeiro, ao lado de Leôncio Correia, Erbo Stenzel e Zaco Paraná. Ele informa que obtiveram o conjunto dos melhores salões do Museu, e então a exposição abrigaria três salões, que na totalidade

⁸⁹ Poeta paranaense.

⁹⁰ Crítico de arte.

⁹¹ Edifício localizado na esquina das ruas Voluntários da Pátria e XV de novembro, em Curitiba.

comportariam uma centena de objetos e quadros. (EXPOSIÇÃO de Arte Paranaense no Rio, 4 jun. 1944, p. 3.). Contudo, aconteceu que

A comissão local trabalhava intensamente e já se dispunha as medidas necessárias para acondicionamento do material quando veio um despacho terrível do Rio: O Museu de Belas Artes ia fechar para obras não mais podia ceder as três salas para a Exposição. (A EXPOSIÇÃO de artistas paranaenses no Rio, 18 jun. 1944, p. 3).

Isso ocorreu em junho e a exposição aconteceria em julho, o que levou o incidente a ser considerado dramático. Raul Gomes então, procurou o interventor Manoel Ribas e pediu providências urgentes. O governador, em 48 horas, apresentou a “solução radical” para o caso. Através de telegramas e a seu pedido, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) alugou por todo o período do mês de julho, um salão especial na sede da Associação dos Empregados do Comércio, “enorme, esplêndido e possibilitando assim a realização da exposição dos nossos artistas!” (A EXPOSIÇÃO..., 18 jun. 1944, p. 3).

À época, o Brasil estava sob o comando do governo Getúlio Vargas (1937-1945), de características autoritárias. A preocupação do governo era a de manter a imagem de Vargas como a figura certa em sua posição, e a imagem do regime, como aquele certo para o país, o que colaborou para forjar um consenso nacionalista. O Departamento de Imprensa e Propaganda fez parte da legitimação desse projeto e tinha o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto à população. Criado em 1939, foi um órgão do governo de Getúlio Vargas subordinado diretamente a ele, destinado a “orientar e auxiliar todas as atividades culturais da imprensa, do rádio, do teatro e do cinema, a incrementar o turismo e a promover uma eficiente divulgação das atividades nacionais”. (FUNDAÇÃO CINEMATECA BRASILEIRA, 1982, p. 99).

A intervenção governamental sobre a exposição levanta questões sobre os vínculos de Raul Gomes com a política, até porque Raul Gomes menciona a iniciativa de filmar e divulgar a exposição como uma atitude de “cavalheirismo” (EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio de Janeiro, 4 jun. 1944, p. 3).

Uma outra consequência desse apelo feito pelo interventor Manoel Ribas foi a proposta do DIP em adotar uma série de medidas “realísticas de imensa utilidade, como a montagem do certame, o reengradamento [sic] do material, sua devolução, filmagem da exposição [...]” (A EXPOSIÇÃO..., 18 jun. 1944, p. 3.).

Essa filmagem deu origem a uma curta reportagem audiovisual editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. A matéria integra o Cinejornal Brasileiro, veiculado

nas salas de cinema por todo o Brasil, e que compreende uma série de documentários de curta metragem, de aproximadamente 10 minutos cada, que são uma fonte documental sobre o Brasil dos anos 30 e 40. Usufruindo do impacto das cenas cinematográficas, as notícias da política nacional eram apresentadas em múltiplos aspectos: da inauguração de estradas a cerimônias oficiais de toda a espécie e que salientavam principalmente a figura de Getúlio Vargas. Como consequência, os filmes traziam uma ideia de progresso do povo brasileiro.

No volume do cinejornal que fala sobre a Exposição, há uma reportagem sobre a visita do presidente Getúlio Vargas à Base Aérea de Santa Cruz no Rio de Janeiro e outra reportagem sobre uma homenagem militar.

Valfrido Pilotto, em depoimento à rádio PRB2, transcrito para o jornal Gazeta do Povo em 8 de julho de 1944, afirma em relação à iniciativa de Raul Gomes:

os sonhadores, a despeito do desvairamento materialista do presente, as mais poderosas forças de realização. Quando Raul Gomes teve o arrojo de sugerir o notável empreendimento, nós, os seus companheiros estremeçemos de espanto. Por sobre o caos desta hora que evoca, muitas vezes, o “festim de Baltazar”, ter a lembrança de ir dizer, pela arte, que o Paraná, o legítimo Paraná, ainda freme de espiritualidade e tem esperanças no triunfo, era, positivamente, uma cartada de vida ou morte. Isso pelas dificuldades daqui e de fora. (A PALAVRA do Paraná, 8 jul. 1944, p.3)

Um pouco adiante, Valfrido Pilotto continua:

O condutor do grupo que se acercou do nome, da arte e da glória de Andersen, também avaliava a atordante [sic] façanha, e, bem por isso, teimou na realização da idéia. Ao vigor transbordante do seu idealismo ninguém resistiu. Era preciso levar a mensagem magnífica. (A PALAVRA..., 8 jul. 1944, p.3)

Valfrido Pilotto, nesse mesmo depoimento, diz que a ideia de Gomes era louca e imponderável, porém:

surgiu a arrancada realíssima, em demanda ao Rio, [...] a mais convincente coleção de telas, desenho e escultura, que qualquer Estado possa ter reunido entre seus artistas. (A PALAVRA..., 8 jul. 1944, p.3).

Em entrevista publicada no mês anterior à exposição, Raul Gomes, ao ser perguntado sobre se o certame lograria êxito, respondeu que:

Sem a mínima dúvida e por duas razões principais: primeira, porque todos sabemos que o Paraná possui uma escola de pintura com figuras consagradas no cenário nacional e capazes de brilhar em qualquer parte. A segunda é que tive o cuidado de escolher elementos de absoluta competência artística e completa idoneidade moral, intelectual e técnica para selecionar as obras. E esses cavalheiros que com comovente boa vontade aceitaram a difícil incumbência, não tem o mínimo receio quanto ao nosso triunfo. Mais uma vez e escorado em poderosa manifestação objetiva, o Paraná brilhará lá fora. (EXPOSIÇÃO..., 4 jun. 1944, p. 3).

Além de pintura, foram levados trabalhos de escultura e gravura, para que houvesse uma visão geral da produção cultural paranaense, já que Alfredo Andersen não se tornou reconhecido propriamente por essas linguagens. Para ilustrar esse propósito, Erbo Stenzel e João Turin participaram da exposição, sendo que não receberam influência de Alfredo Andersen para consolidarem-se na linguagem da escultura⁹².

Essa exposição foi considerada, pela imprensa, a primeira do gênero a se realizar na então capital da República por um dos Estados da Federação. Há a declaração de ter sido “a primeira vez que um Estado do Brasil faz amostar [sic] de suas artes, no Rio de Janeiro.”. (EXPOSIÇÃO de arte paranaense, 14 jul. 1944, p. 1).

Lupion Quadros afirmou que essa exposição foi uma “arrojada iniciativa” da Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen, que teve origem através de um apoio decidido de um “pugilo de artistas e intelectuais” e da cooperação de órgãos do governo estadual e federal. Segundo ele, trabalhou-se durante algumas semanas para recolher e selecionar as obras, que eram oriundas de coleções particulares, da família de Alfredo Andersen e do Governo do Estado do Paraná. A seleção foi presidida por Raul Gomes, e teve como membros Loureiro Fernandes, Taborda Junior, Theodoro De Bona, João Turin, Guido Viaro e Valfrido Pilotto. Interessante é notar que membros da comissão de seleção também participaram como artistas.

A grande expectativa em torno da exposição, e a intenção de que o evento fosse de conhecimento amplo está comprovada em um artigo que afirma a divulgação do evento em todo o Brasil através de fotografia e filmagem. (EXPOSIÇÃO de arte paranaense. 14 jul. 1944, p.1). A imprensa também relata a visita dos artistas filiados à Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen ao diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Na data de 10 de julho de 1944, dias antes da abertura da exposição, estiveram presentes o Sr. Taborda Junior, o escultor João Turin, o pintor Theodoro De Bona e Torstein Andersen perante o diretor-geral para agradecer a contribuição em prol da realização da exposição. Outra informação encontrada nos periódicos é a de que houve intervenção oficial, por meio do patrocínio do Ministério da Educação e do Governo do Paraná. (ARTISTAS paranaenses visitaram..., Rio de Janeiro, 11 jul. 1944, p. 4).

⁹² João Turin estudou na Europa e Erbo Stenzel realizou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes.

Quanto ao apoio financeiro, houve agradecimento via imprensa dessas “demonstrações de colaboração eficiente” pois sem as quais seria “impossível o certame”, em razão de que a Sociedade não dispunha de “recursos financeiros para cometimentos dispendiosos como esse”.

O acompanhamento do evento pela mídia foi intenso, e segundo se disse, este “foi aguardado com grande interesse nos círculos artísticos e culturais cariocas” (EXPOSIÇÃO..., 14 jul. 1944, p. 1). O artigo publicado em 11 de julho de 1944 relatou como se deu o transporte das obras, por meio de caminhão “em ótimas condições”, o qual foi acompanhado por Thorstein Andersen, pintor e filho de Alfredo Andersen, representando o governo. O nome do vigilante que acompanhou a viagem era Mario Ghelardi e o motorista do caminhão se chamava João Biali, e a viagem se deu entre os dias 3 a 6 de julho de 1944 (SEGUIU para o Rio de Janeiro, [s/d]).

A repercussão da exposição deu-se já em sua inauguração, marcada para as 16:30 e que segundo consta, foi “concorridíssima”. Autoridades como representantes do governo Getúlio Vargas, da Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen, intelectuais, artistas e personalidades da sociedade carioca estavam presentes. Pelo que consta dos artigos, Raul Gomes não acompanhou a cerimônia, sendo que quem discursou, representando a Sociedade, foi o escritor Leôncio Correia (INAUGURADA no Rio..., 16 jul. 1944. p. 1). Tampouco encontrei informações sobre sua presença ou visita ao certame.

O alarde também esteve na transmissão de palestras pela rádio PRB-2. Foram entrevistadas personalidades que ajudaram na concretização do evento, como Raul Gomes, Valfrido Pilotto, Oscar Martins Gomes e Taborda Junior. Em todos os discursos denota-se a exaltação a Alfredo Andersen, à sua obra e à sua vida. A intenção era realmente possibilitar a ampla repercussão do evento (O SINGULAR Alfredo Andersen, 27 jul. 1944; A PALAVRA do Paraná, 8 jul. 1944. p.3; A EXPOSIÇÃO de arte paranaense, 8 jul. 1944; ALFREDO Andersen, 25 jun. 1944; ALFREDO Andersen, 23 jun. 1944). Em seguida ao encerramento da exposição, e por ocasião do 9º aniversário da morte de Alfredo Andersen, dentre as celebrações previstas, estava a distribuição da medalha Andersen.

A Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen encomendou uma medalha ao gravador Jose Peon, na qual em uma das faces estava inscrita a data da fundação da Sociedade, a nove de novembro de 1940 e na outra, a data da realização do salão no Rio⁹³, a 14 de julho de 1944.

⁹³ Com poucas exceções, o nome da então Capital Federal aparece abreviado nos artigos, mostrado apenas como “Rio”, ao invés de “Rio de Janeiro”.

No artigo que a ela se refere, pede-se que os interessados procurem o Dr. Osvaldo Pilotto na escola normal “sem demora”, pois a tiragem é limitada. (PASSA hoje..., Curitiba, 9 ago. 1944).

Mesmo algum tempo depois do fim da exposição, ainda se falou nela quando no artigo “As Artes Plásticas nos Estados”, publicado em 1946 no jornal carioca “A Noite”, comentou-se a importância dos movimentos artísticos em outros Estados, na tentativa de constituição de “núcleos expressivos de arte”.

A empolgação de Raul Gomes com o sucesso da exposição foi tanta, que desencadeou uma série de outras iniciativas no Paraná. Sua posição frente à Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen permitiu que essas iniciativas tomassem corpo frente ao público e aos órgãos oficiais, juntamente com a divulgação na imprensa da época. Em agosto de 1944, no jornal Gazeta do Povo, uma pequena nota dizia: “Coroando o sucesso das várias iniciativas que tem realizado, entre as quais a recente Exposição de Arte Paranaense no Rio, a Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen vem de lançar mais uma ideia magnífica. Trata-se da criação, aqui em Curitiba, de uma Escola Paranaense de Belas Artes [...]”. Essa iniciativa, segundo o artigo, chega em hora oportuna, e o desejo é que o plano seja concretizado de forma plena, “como tem acontecido com as múltiplas empreitadas promovidas pela novel e vitoriosa entidade”. (ESCOLA paranaense de Belas Artes, Curitiba, 13 ago. 1944, p.3).

Chama a atenção que, de acordo com Hilary Grahal Passos (1978), no seu texto “Um porteiro para abrir e fechar. E só.”, o Salão Paranaense foi

de certa forma, consequência de uma exposição patrocinada pela Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen no Rio de Janeiro. Exposição realizada e montada por Raul Gomes, Walfrido Pilotto e Osvaldo Pilotto, que foi um sucesso extraordinário. O centro paranaense do Rio, com grande apoio de Andrade Muricy, Zappe Paraná, Erbo Stenzel, Theodoro De Bona, que estava na ocasião no Rio. E o presidente do Centro Paranaense, que era o Libino dos Santos Pacheco. Esta exposição foi em julho e em novembro, como consequência, realizou-se o Salão Paranaense de Belas Artes, que por sinal, é o segundo mais antigo do Brasil. Só o Salão Nacional é anterior.

Escreveu séries de artigos sobre Alfredo Andersen, que exaltam sua posição de “pai da pintura paranaense” e ratificam a importância do pintor para a história cultural do Paraná. Alfredo Andersen (1860-1935), norueguês que teve formação superior na área de artes, passou a viver em Curitiba em 1902. Através do seu domínio das técnicas de desenho e pintura, contribuiu para o ensino da arte, ministrando aulas de desenho e pintura em seu atelier no período de 1906 a 1935. Em vista disso, foi o responsável por formar uma geração

de artistas paranaenses, fato que lhe conferiu, por parte de um grupo de admiradores, o título de “Pai da Pintura Paranaense”.

Valfrido Pilotto, na obra “O Acontecimento Andersen”, à página 53 transmite o testemunho de Raul Gomes em relação ao artista:

Está, nesse caso, a contribuição de Raul Gomes, esse contínuo agitador de campanhas, tradicional nas suas fulgurantes iniciativas. Velhos amigos, Andersen sempre lhe provocou propaganda quase estentóica, e o convívio de ambos teve uma característica: o contraste. É o próprio depoente quem o afirma. “Nunca lhe soube de cóleras, irritações, violências, imprecações, - assevera o ilustre membro da Academia Paranaense de Letras e professor jubilado da Faculdade de Direito, - e por assim calmo, pacífico, controlado, talvez que comprovesse ao temperamento cultivar a estima de pessoas de psicologia diferente, diametralmente opostas à sua. Incluo-me neste número, pois sou uma exemplificação de impulsividade, de vibração, de entusiasmo”. (PILOTTO, 1960, p. 53).

Isso porque o estilo dos artistas participantes era variado, porque nem todos eram discípulos de Andersen e nem todos eram paranaenses, apesar de radicados no Estado. Sob a égide de Alfredo Andersen e de sua escola, o discurso por trás dos artigos de Gomes, parece soar como “olhem, isso é a NOSSA arte”, “olhem, nós temos uma tradição”, e ainda, “olhem, isto é o Paraná”. Portanto, verifica-se o discurso de uma arte consolidada por meio de uma autoridade como Alfredo Andersen, em uma maneira de assegurar o espaço de uma arte periférica e autônoma perante o centro do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), no período em que viveu e pelas posições que ocupou, como jornalista e educador, estava ciente da necessidade de ações em prol da educação e da cultura, remetendo-se a eles em seus artigos, de forma que em seus discursos, emerge um apelo vaidoso em relação à repercussão de suas ideias e valores. Por outro lado, possui origem em família tradicional paranaense e, isto aparentemente, reforça seus ideais de restauração de símbolos, como o fato de considerar o pintor Alfredo Andersen como o pai da pintura paranaense e os que vieram em seguida como seus discípulos. Isto se refere a uma característica *moderna*, pois a contradição é inerente ao termo. Nessa concepção, entende-se que para ele, existe uma situação estabelecida da qual derivam-se as demais.

Raul Gomes *estimulava* a população, principalmente seu grupo, de origem intelectual e elitista, quanto à necessidade de projetos para a administração política da educação e da cultura, tanto no Paraná quanto no Brasil. Esse ato de estímulo exige a técnica específica, no local específico e por pares que formam um grupo específico, chamado de *intelectual* (GRAMSCI, 2000).

“Estimular” se associa a inúmeras outras palavras como “promoção”, “incentivo”, “incitação”, “submissão”. Os intelectuais *estimulam* sua classe a produzir, disseminar suas ideias. Para isso, contam com o Estado. *Estimulam* o Estado a pôr em prática seus planos. *Estimulam* seus pares a agir (VIEIRA, 2007). O estímulo é o pressuposto do agente político. Eles reuniram uma tripla função de jornalista-professor-intelectual (KUNCZIK, 2002).

O estímulo percorre as páginas da imprensa. Desde o início, quando pregoava ao lado dos republicanos na luta anticlerical. Em seguida, apresentou reiterou a redação de artigos em defesa da escola, do professor e da cultura própria a seu grupo, refere-se à disseminação de discursos e está relacionada com a permanência desta mesma classe produtora de discursos (GRAMSCI, 2000). Também abordou questões relevantes, como a crítica ao racismo publicada no romance “Desespero de Cham” (1926).

A análise de sua origem, sob a perspectiva sociológica de Bourdieu, traça um esboço das incorporações objetivas e objetivantes, estruturantes do agente intelectual. Não há como negar a influência familiar, a busca por uma identidade no passado, somadas às experiências escolares, onde o professor, na concepção de Gomes, tem quase que uma obrigação de ensinar bem as crianças para a vida prática, e o cotidiano –, a sua concepção para uma nova educação. Nas palavras de Bourdieu: “Produto da história, o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história”, que

inserem experiências passadas em agentes dotados de esquemas de percepção, “o sistema das disposições” reside no princípio da continuidade, na “interiorização da exterioridade”. (BOURDIEU, 2009, pp. 90-91)

Não o bastante, essa necessidade moral do professor, deveria sim, ser indenizada pelo Estado. “Paguem-no bem!”. Ora, a função pública essencial deveria ser bem retribuída. Isto importa em notar o quanto ainda são atuais os temas que tratou, mesmo que tenha transcorrido mais de um século desde então!

Gomes foi um importante agitador cultural no cenário paranaense e nacional do período entre 1910 e 1960. Seus estímulos foram necessários para conformar o aparelhamento cultural e educacional. Por sua atuação, Raul Gomes foi reconhecido pelos seus contemporâneos, mas também recebeu críticas por se configurar como essa personalidade debatedora. Assim, alçou uma projeção nacional, a partir do final da década de 1920, e agora com esta pesquisa, situa-se como um dos protagonistas da história dos intelectuais no Brasil.

Estudar Raul Gomes pela imprensa é reunir uma narrativa de quem esteve muito próximo aos acontecimentos, uma vez que conviveu diretamente com os intelectuais e letrados. Quando se lê os seus artigos, muitos segredos e intrigas são revelados ao pesquisador, atento quanto aos fatos educacionais e culturais.

Como continuidade da pesquisa, propõe-se estudar a dimensão educativa de Raul Gomes na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, ampliar em novos trabalhos a teoria praxiológica de Pierre Bourdieu que foi aplicada subsidiariamente aqui; de outro modo, buscar fontes da imprensa internacional sobre as condições de ensino e compará-las às elucubrações de Gomes. Também se sugere estreitar a análise da relação de Gomes com a Academia de Andersen e os moços da Joaquim, visto que fontes foram encontradas nesse sentido. Ideias também se irradiam para a genealogia de Gomes e o fato de diversos membros de sua família estarem ligados à essas posições que ele também ocupou.

Outra proposta consiste em elaborar um banco de dados virtual dos artigos publicados por Raul Gomes coletados nesta pesquisa, com a transcrição de seus textos, a exemplo do que ocorre com o acervo do jornalista Aramis Millarch⁹⁴, pois a disponibilização na rede e o acesso desse material por parte do público dão sentido à coleta de fontes e dados, para servirem a outras pesquisas, com fins à preservação de memória e da cultura paranaense.

⁹⁴ Aramis Millarch (12 jul. 1943 / 13 jul. 1992). Jornalista e crítico de cinema paranaense. Disponível em <http://www.millarch.org>, o projeto Tabloide Digital – 35 anos de jornalismo sob a ótica de Aramis Millarch, tem como objetivo principal disponibilizar digitalmente os textos jornalísticos redigidos pelo cineasta.

Em 1975, a justificativa do projeto de lei 158/1977, que denominava de “Professor Raul Rodrigues Gomes” uma via pública da capital sem denominação, era a póstuma homenagem decretada e sancionada poder público municipal ao educador, jornalista, advogado e escritor paranaense. (LEI 5.642/77). Portanto, Raul Gomes era ligado à sua terra, participou do movimento Paranista e valorizava “sua gente”. Ele também esteve ligado com o positivismo e a noção de direito, pelas ideias de evolução e implantação da justiça. A virtude e a cultura eram enfatizadas quando se referiam à educação. Por isto, Raul Gomes se ligou, principalmente, aos ideais republicanos preconizados na época, que visavam a uma sociedade “progressiva”.

FONTES

CARTAS

AZEVEDO, Fernando de. [Carta] 05 abr. 1969, São Paulo [para] Raul Rodrigues Gomes, Curitiba. 1 p. Correspondência pessoal. Acervo Cecília Gomes.

GOMES, Raul. [Carta] 10 jul. 1942, Curitiba [para] Andrade Muricy, Rio de Janeiro. 1 p. Correspondência pessoal. Acervo Andrade Muricy – FCRB.

_____. [Carta] 3 dez. 1944, Curitiba [para] Andrade Muricy, Rio de Janeiro. 3 p. Correspondência pessoal. Acervo Andrade Muricy – FCRB.

_____. [Carta] 27 mai. 1945, Curitiba [para] Andrade Muricy, Rio de Janeiro. 1 p. Correspondência pessoal. Acervo Andrade Muricy – FCRB.

_____. [Carta] 11 mai. 1946, Curitiba [para] Andrade Muricy, Rio de Janeiro. 1 p. Correspondência pessoal. Acervo Andrade Muricy – FCRB.

_____. [Carta] 18 mar. 1968, Curitiba [para] Andrade Muricy, Rio de Janeiro. 1p. Correspondência pessoal. Acervo Andrade Muricy – FCRB.

DOCUMENTOS

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. *Documento*. **Ofício nº 307/41-E.H.** Adolfo de Oliveira Franco – Consultor Jurídico. Curitiba, 24 jun. 1942.

BRASIL. *Documento*. **Assentamento do Professor Raul Rodrigues Gomes**. Ministério da Educação e da Cultura. Universidade do Paraná. Faculdade de Direito. s/d. Arquivo Histórico da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná.

"Brasil Batismos, 1688-1935," Database, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:XJZ1-LB7> : accessed 21 June 2015), Raul Rodrigues Gomes, 27 Apr 1889; citing , reference v 39 p 11; FHL microfilm 1,251,736.

DADOS Biográficos de Raul Rodrigues Gomes. Acervo Biblioteca Pública do Paraná – Seção Paranaense.

O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). *Documento*. **Revista HISTEDBR On-Line**. Nº 22. Campinas: Jun., 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf. Acesso em 21 jun. 2015.

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Cultura. Coordenação do Sistema Estadual de Museus. Museu Alfredo Andersen. Pesquisa sobre a Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen**. s/d. Biblioteca do Museu Oscar Niemeyer.

_____. **Departamento Estadual de Arquivo Público.** Certidão lavrada a pedido de Raul Rodrigues Gomes, subscrita por Manoel Pedro Santos Lima, conferida por Heitor Alves Pereira. 20 out. 1952. 4 p. Acervo Cecília Gomes.

_____. **Diretoria Geral de Saúde Pública do Estado do Paraná.** Carteira de Saúde de Prof. Dr. Raul Gomes. 1939-1941. Acervo Cecília Gomes.

JORNAIS E PERIÓDICOS

A ESCOLA – Revista do Grêmio dos Professores Públicos. Anno I. Curitiba: Impressora Paranaense, 1906.

A ESCOLA – Revista do Grêmio dos Professores Públicos. Anno II. Curitiba: Impressora Paranaense, 1907.

A REPÚBLICA. Curitiba, 22 jul. 1914.

ACONTECIMENTO de Alto Releva Cultural. **Gazeta do Povo**, 18 abr. 1948, p. 5.

ANNUNCIOS. **A República.** Curitiba, 19 abr. 1898, p. 3.

A EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **O Dia.** Curitiba, 8 jul. 1944.

A EXPOSIÇÃO de Arte Paranaense no Rio. **O Dia.** Curitiba, 23 jul. 1944.

A EXPOSIÇÃO de artistas paranaenses no Rio. **Gazeta do Povo.** 18 jun. 1944, p. 3

A PALAVRA do Paraná. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 8 jul. 1944. p.3

ALFREDO Andersen. **O Dia.** Curitiba, 25 de junho de 1944.

ALFREDO Andersen. **O Dia.** Curitiba, 23 de junho de 1944.

ARTE Paranaense no Rio. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 28 jul. 1944, p. 6.

ARTES Plásticas. Pintores Paranaenses. **Diário da Noite.** Rio de Janeiro, 27 jul. 1944. p. 7.

ARTISTAS paranaenses visitaram o Diretor-Geral do DIP. **Gazeta de Notícias.** 11 jul. 1944. p. 4.

AS Artes Plásticas nos Estados. **A Noite.** Rio de Janeiro, 8 jun. 1946. p. 9.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Educação – V Conferencia Nacional de Educação. **Diário de Notícias,** Rio de Janeiro, 25 fev. 1932, p. 5.

CINE JORNAL BRASILEIRO. V.3, N.074. **Artes Plásticas - Rio: Exposição de pintura paranaense promovida pela Sociedade Amigos de Alfredo Andersen.** Departamento de Imprensa e Propaganda. Rio de Janeiro, 1944. 35mm, BP, 7min, 200m, 24q. Sonoro.

Coluna Domingo. Raul Rodrigues Gomes Semeador de Cultura. Recorte de Jornal da Pasta Raul Gomes, s/d. Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

CORRESPONDENTE DO “Diário do Comércio”. **Diário do Comércio**. Curitiba, 18 nov. 1893, p. 1.

DIVERSAS. **A República**. Curitiba, 11 set. 1902, p. 2

DR.VICTOR DO AMARAL. **A República**. Curitiba, 31 mar. 1902, p. 1.

DR. VICTOR FERREIRA DO AMARAL. **A República**. Curitiba, 27 jan. 1895, p. 4.

GALERIA PEDAGOGICA – DR. VICTOR DO AMARAL. **A República**. 20 mar. 1902, p. 1.

EM torno da Exposição de Arte Paranaense. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 16 jul. 1944.

EMOÇÃO e beleza do Paraná através de seus artistas. **O Dia**. Curitiba, 16 jul. 1944.

Coluna Domingo. **Raul Rodrigues Gomes Semeador de Cultura**. Recorte de Jornal da Pasta Raul Gomes, s/d. Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

CORRESPONDENTE DO “Diário do Comércio”. **Diário do Comércio**. Curitiba, 18 nov. 1893, p. 1.

DIVERSAS. **A República**. Curitiba, 11 set. 1902, p. 4.

ENCERROU-SE a exposição de arte paranaense. **Diário de Notícias**. Rio de janeiro, 5 ago. 1944. p. 2

DR.VICTOR DO AMARAL. **A República**. Curitiba, 31 mar. 1902, p. 1.

DR. VICTOR FERREIRA DO AMARAL. **A República**. Curitiba, 27 jan. 1895, p. 4.

GALERIA PEDAGOGICA – DR. VICTOR DO AMARAL. **A República**. 20 mar. 1902, p. 1.

ESCOLA paranaense de Belas Artes. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 13 ago. 1944, p.3.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 11 jul. 1944. p. 5.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **Correio da Manhã**. Rio de janeiro, 14 jul. 1944. p. 9.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **Diário de Notícias**. Rio de janeiro, 14 jul. 1944. p. 6.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 14 jul. 1944. p.1.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 19 ago. 1944, p. 14-15.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio. **A Noite**. Rio de Janeiro, 16 jul. 1944, p. 12.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio de Janeiro. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 4 jun. 1944, p. 3.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 5 jun. 1944. p. 3.

EXPOSIÇÃO de arte paranaense no Rio – o certame inaugura-se amanhã. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 9 jul. 1944. p. 1.

EXPOSIÇÃO de artistas paranaenses no Rio. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 11 jul. 1944. p. 3.

EXPOSIÇÕES abertas. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1944. p. 7.

INAUGURADA a exposição de arte paranaense no Rio. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1944. p. 1.

INSTRUÇÃO Pública. **A República**. Curitiba, 19 jan. 1905, p.1.

KELLY, Celso. O norueguês enamorou-se do Brasil. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 2 ago. 1944.

LEONCIO, Correia. Versa Tribunicia. **O Comércio do Paraná**, 27 nov. 1925.

GOMES, Raul Rodrigues. A campanha da federalização da universidade. **Gazeta do Povo**, 27 dez. 1949.

_____. Acompanhar o progresso. [?]. Curitiba, 14 mar 1974.

_____. A Escola e o cidadão. **A Escola – Revista do Grêmio dos Professores Públicos**. Anno II. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1907.

_____. A escola e a vida. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1931, p. 6.

_____. A vida actual e a intellectualidade. **Commercio do Paraná**, 17 jan. 1925.

_____. A SCABI e um pouco de sua história. **Diário do Paraná**. Curitiba, 21 nov. 1969, p.2.

_____. Andersen – Viking autêntico e criador da Pintura no Paraná. **Diário do Paraná**. Curitiba, 11 jul. 1969.

_____. Andersen – o Viking – Veio, Gostou dos Planaltos e Parou. **Diário do Paraná**. Curitiba, 8 nov. 1969.

_____. GOMES. Cultura. [?]. Curitiba, 6 ago 1932.

_____. [Nemo]. Curitiba Progride!... Iniciada a construção de três grandes arranha-céus. **O Dia**. Curitiba, 1 nov. 1946.

_____. Curitibaanos – uni-vos para a Reconstrução do Guaíra. **Diário do Paraná**. Curitiba, 29 abr. 1970.

- _____. Da minha vedeta: a pérgula da Oliveira Belo. **Diário Popular**. Curitiba, 14 ago. 1966.
- _____. Dario Vellozo. **Palladium**. Anno I. Num. Especial. Curitiba, 25 jun. 1909.
- _____. Duas lamentáveis lacunas. **O Dia**. Curitiba, 17 mai. 1946, p. 4.
- _____. Educação Nacional. **Comércio do Paraná**. Curitiba, 27 fev. 1925.
- _____. Escola Sagrada. **Ilustração Paranaense**. Curitiba: ano I, n. 1, nov. 1927.
- _____. Instrução Pública do Paraná. **A República**, 22 jul. a 30 jul. 1914.
- _____. Mantenha-se a tradição, mas com asfalto. **Diário Popular**. Curitiba, 12 jan. 1967.
- _____. [Nemo]. Noticiário Relâmpago. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 2 ago. 1944. p. 3.
- _____. [Nemo]. O arranha-céu dos comerciantes – foram iniciadas as obras de sua construção. **O Dia**. Curitiba, 6 set. 1946.
- _____. O Idioma Nacional. **Estado do Paraná**. Curitiba, 30 jan. 1925, p. 2.
- _____. O meu plano de desalfabetização. **Comércio do Paraná**. Curitiba, 21 jan. 1925.
- _____. O Monumento de D. Julia Wanderley. **Estado do Paraná**, 25 mar. 1925. p. 6.
- _____. O Pelourinho e a Surpresa de uma Lição Socio-Histórica. **Diário do Paraná**, 6 nov. 1968, p. 2.
- _____. O Pinheiro – Símbolo de Majestade e Varonilidade. **Diário do Paraná**, 31 ago. 1969.
- _____. O Vero Perigo. **A Notícia**. Curitiba, 4 jul. 1908, p. 1.
- _____. Telas do Paraná. **O Comércio do Paraná**, 23 nov. 1924. p. 1.
- _____. Viaro – Personalidade Ainda à Procura de Si Mesmo! **Diário do Paraná**. Curitiba, 23 jul. 1967.
- _____. Um plano nacional de educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 jul. 1931.
- _____. Velha aspiração. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 18 mai. 1933.
- INAUGURADA a exposição de arte paranaense no Rio. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1944. p. 1.
- INSTRUÇÃO Pública. **A República**. Curitiba, 19 jan. 1905, p.1.
- MARTINS, Romário. O Symbolo Paranista. **Ilustração Paranaense**. Curitiba: ano I, n. 1, nov. 1927.

MEIRELES, Cecília. Commentario. O valor dos manifestos. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 mar. 1932. p. 5.

MORRETES. **A República**. Curitiba, 26 fev. 1910. p. 2.

NOTAS & Notícias. **A República**. Curitiba, 30 jul. 1914.

NOTÍCIAS. **A Notícia**. Curitiba, 20 dez. 1907, p. 2.

NUNES, Jose de Sá. O mais excelente dos dicionários. **Estado do Paraná**, 13 nov. 1926.

O PARANÁ... **A República**. Curitiba, 5 fev. 1914.

O SINGULAR Alfredo Andersen. **O Dia**. Curitiba, 27 jul. 1944.

PALESTRA Litteraria. **A Republica**. Curitiba, 5 jul. 1911, p. 1.

PALLADIUM. Anno 1. Curitiba, 15 abr. 1909.

_____. Anno 1. Curitiba, 15 jun. 1909.

_____. Anno 1. Num. especial. Curitiba, 25 jun. 1909.

PARANÁ, Sebastião. A Escola. **A ESCOLA – Revista do Grêmio dos Professores Públicos**. Anno I. Curitiba: Impressora Paranaense, 1906.

PASSA hoje o 9º aniversário da morte do pai da pintura paranaense. **Gazeta do Povo**, 9 ago. 1944.

PROF. DR. RAUL GOMES. **Diário da Tarde**. Curitiba, 16 dez. 1949.

RAUL Gomes. **A Notícia**. Curitiba, 13 jan. 1908, p. 2.

REVISTA RUMO PARANAENSE, ano II, nº 24, s/d.

SABBAG, Omar. Ao povo de Curitiba. **Diário do Paraná**, 3 nov. 1968, p. 3.

SAMPAIO, Marisa Ferraro. Raul Rodrigues Gomes (1889-1989). **Indústria e Comércio**. Curitiba, 24 abr. 1989. Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

SANTOS, José Nicolau dos. *Professor Raul Rodrigues Gomes*. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná**. v. 8. UFPR: Curitiba, 1960. pp. 261-264.

SILVA, Ciro. Dario Vellozo. **Palladium**. Anno I. Num. Especial. Curitiba, 25 jun. 1909, p. 4.

[TUCANO, Felizardo]. A sã política e a instrução. **A República**. Curitiba, 4 mar. 1914.

UMA útil e louvável iniciativa. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 8 jun. 1944.

UMA JUSTA homenagem a Euclides Bandeira. **A República**. Curitiba, 14 jul. 1914.

ULTIMAS NOTICIAS. **A República**. Curitiba, 26 mai. 1908, p. 2

VILLA Deodoro. **A República**. Curitiba, 10 jan. 1890, p. 2.

WAMBIER, Daily Luiz. Ideias e opiniões. **Jornal da Manhã**. Ponta Grossa, 6 out. 1964.

LEIS

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Brasil, Presidência da República, 16 jul. 1934.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1967. Brasil, Presidência da República, 24 jan. 1967.

Decreto 40/1931. Concede ao Professor Alfredo Andersen o Título de Cidadão de Curitiba. Curitiba, Prefeitura Municipal, 9 set. 1931.

Decreto-Lei 2848/40. Código Penal Brasileiro. Brasil, Presidência da República, 7 dez. 1940.

Lei 3.071. Código Civil de 1916. Brasil, Presidência da República, 1º jan. 1916.

Lei 5.540/68. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasil, Presidência da República, 28 nov. 1968.

Lei 5.642/77. Denomina de Professor Raul Rodrigues Gomes uma via pública da Capital. Curitiba, Prefeitura Municipal, 19 set. 1977.

Lei 12.796. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasil, Presidência da República, 4 abr. 2013.

LIVROS

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Curitiba: origens, fundação, nome**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 21, n. 105, jun. 1995.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Passeio Público: primeiro parque público de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, ago. 2001.

GOMES, Raul. CARNEIRO, David. **Tiradentes**. Curitiba: GERPA, 1946.

_____. **Instrução Pública no Paraná**. Curitiba, 1914.

_____. **Missão e não profissão**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1928.

_____. **O desespero de Cham**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926.

_____. **Prática de redação**. 3ª edição. Curitiba: GERPA, 1967.

_____. **Um mestre do jornalismo**. Curitiba: Edição do Centro de Letras do Paraná, 1949.

_____. **Versa tribunicia**. Curitiba: João Haupt & Co., 1925.

MACEDO, Francisco Ribeiro de Azevedo. **Conquista pacífica de Guarapuava**. Curitiba: GERPA, 1951.

MARTINS, Romario. **História do Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

MENDES, Antonio Celso et alii. **Um século de cultura: História do Centro de Letras do Paraná 1912-2012**. Curitiba: NMC Núcleo de Mídia e Conhecimento/Estúdio Texto, 2013.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. Curitiba: [Impressora Paranaense], 1926-1950.

NICULITCHEFF, Valêncio Xavier. **Poty: trilhos, trilhas e traços**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.

PARTE Oficial. **A República**. Curitiba, 14 nov. 1890, p. 1.

PILOTTO, A. C. **Casa de Zinco**. Curitiba: GERPA, 1950.

PILOTTO, Erasmo. **Emiliano**. Curitiba: GERPA, 1945.

PILOTTO, Valfrido. **O acontecimento Andersen: registros sobre a vida e a glória de Alfredo Andersen, 'Pai da Pintura Paranaense' e seus discípulos**. Curitiba, PR: Livraria Mundial, 1960.

_____. **Raul Rodrigues Gomes e seu legado Humanístico**. Separata do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, vol. 32, 1977.

VITOR, Nestor. **A terra do futuro: (impressões do Paraná)**. 2.ed. Curitiba, PR: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Origens e Fundação de Curitiba*. BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Curitiba: origens, fundação, nome**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 21, n. 105, jun. 1995.

RELATÓRIOS

PARANÁ. **Departamento Estadual de Arquivo Público**. AP. 1322, p. 26. Relatório da professora Guilhermina da Costa Lisboa Gomes, da Cadeira Promiscua do Alto do Schaffer 1908.

TESES

GOMES, Raul. **A Economia Mundial e o Descobrimento do Caminho Marítimo das Índias**. Tese de Concurso. S/ local, S/d. Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

_____. **Caminhos da Paz. Maior produção e melhor distribuição.** Tese de concurso para candidato à cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito do Paraná. Curitiba, 1948. Biblioteca do Centro de Letras do Paraná.

REFERÊNCIAS

ALVES, Claudia; LEITE, Juçara Luzia. **Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas**. Vitória, ES: EDUFES, 2011.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **A escola de arte de Alfredo Andersen: 1902-1962**. 2001. 134 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação.

_____. **Arte na educação: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970)**. 2008. 206f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

ARAÚJO, Adalice. **Dicionário das artes plásticas no Paraná**. Curitiba: Ed. do Autor, 2006.

ARAÚJO, Silvete Aparecida Crippa de. **Professora Julia Wanderley, uma mulher - mito (1874 - 1918)**. 2010. 183 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 16/08/2010.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Ideias em Confronto**. 1980. 177 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Ed. 2001.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional**. 2001. 444 p. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: EDUnB, 1992.

BONTEMPI Jr., B. **Laerte Ramos de Carvalho e a constituição da História e Filosofia da Educação como disciplina acadêmica**. Uberlândia, MG: Edufu, 2015.

BORGES, Joacir Navarro. **Das justiças e dos litígios: a ação judiciária da Câmara de Curitiba no século XVIII (1731-1752)**. 2009. xi, 393f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 28/04/2009.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: UDESC, 1999.

BOURDE, Guy; MARTIN, Herve. **As escolas históricas**. S/L: Publicações Europa-America, s/d.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed., rev. Porto Alegre: Zouk, c2006.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O Poder Simbólico**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **O Senso Prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRADBURY, Malcolm; McFARLAINE, James. **Modernismo. Guia Geral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRANDALISE, A. C.. **'Eu sou uma taça erguida para a luz' - Raul Rodrigues Gomes e o amor pelo Paraná**. Criterium - Órgão de divulgação do Conselho Estadual de Educação do Paraná. Edição Comemorativa - 1964/2014. Curitiba, PR, p. 45 - 47, 05 dez. 2014.

_____. **Raul Gomes (1889-1975), autor e editor: publicações em prol da educação e da cultura no Paraná (1914-1967)**. In: *VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2015, Maringá, PR. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015.

BRESSAN, Willian. O quase feriado de 29 de março. **Gazeta do Povo**, 28 mar. 2015.

BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, s/d.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853 - 1953**. 2007. 213f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em História. Defesa: Curitiba, 2007.

CAMPOS, Nevio. **Historia Intelectual e Historia Cultural: um recorte em Roger Chartier**. Revista Eletrônica Documento Monumento. Universidade Federal de Mato Grosso,

vol. 16. n. 1. dez/2015. pp. 94-122. Disponível em: <http://200.129.241.80/ndihr/revista/artigos/6.pdf>.

CAMPOS, Raquel Discini de. **No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação.** In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. v. 12, n. 1(28). Campinas, São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Educação, jan.-abr. 2012.

CATANI, D. B.; FARIA FILHO, L.M.. (2002). Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPed (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, 113-128. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rebedu/n19/n19a09>.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARRARA, Jaqueline. *Setor de Ciências Jurídicas promove julgamento histórico no Teatro da Reitoria.* **Universidade Federal do Paraná**, 11 mai. 2015. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portafulpr/blog/noticias/setor-de-ciencias-juridicas-promove-julgamento-historico-no-teatro-da-reitoria/>. Acesso em 20 jun. 2015. 20:43.

CENTRO CULTURAL CORREIOS. **Andersen volta ao Rio.** Rio de Janeiro, 2013. Catálogo. p. 5.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COSTA, C. J. et al. *História do Direito Português no período das Ordenações Reais.* In: **Congresso Internacional de História.** Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 2011. Disponível em: <<http://cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/153.pdf>>. Acesso em 5 de fev. 2016.

DAROS, Maria das Dores. Desenvolvimentismo e políticas educativas no Brasil dos anos 1950-1960: transnacionalização e modernização. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz e; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – Séculos XIX e XX.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. (p. 185-204).

DE FLEUR, M. **Teorias de Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

DICIONARIO histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/>

DÍAZ-PLAZA, Guillermo. **O livro ontem, hoje e amanhã.** Zaragoza: Salvat Editores, 1979.

DINIZ, Maria Helena. **Compêndio de Introdução à Ciência do Direito.** São Paulo: Editora Saraiva, 2004.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais. Verbetes Guido Viaro. Em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9385/guido-viaro>. Acesso em 26 fev. 2016.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais. Verbetes Poty Lazzarotto. Em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazzarotto>. Acesso em 26 fev. 2016.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais. Verbetes Theodoro De Bona. Em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10172/theodoro-de-bona>. Acesso em 26 fev. 2016.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão**. In: Anais da 23ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, MG: setembro, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1118t.PDF>. Acesso em 20 dez. 2015.

FERREIRA, Antonio Gomes Alves. Modernidade, Higiene e Controle Médico da Infância e da Escola. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de (org.). **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

FRANCASTEL, Pierre. **Pintura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FUNDAÇÃO CINEMATECA BRASILEIRA. Cine jornal Brasileiro, Departamento de Imprensa e Propaganda, 1938-1946. Imprensa Oficial do Estado: São Paulo, 1982.

SANTOS, A. G.; BRANDALISE, A. C. **As ideias modernistas da Revista Joaquim e suas contribuições para a História da Educação no Paraná (1946-1948)**. In: *VIII Congresso Brasileiro de História da Educação: Matrizes Interpretativas e Internacionalização*, 2015, Maringá, PR. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015.

GLOSSÁRIO. Verbetes Método de Ensino Intuitivo. **NAVEGANDO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA – HISTEDBR**. Campinas, UNICAMP, 2016. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_metodo_de_ensino_intuitivo.htm. Acesso em 29 fev. 2016.

GODOY, Mayara. *Mesa-Redonda e lançamento de livro marcam um mês do massacre a professores no Paraná*. **Universidade Federal do Paraná**, 26 de mai. 2015. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portalufpr/blog/noticias/mesa-redonda-e-lancamento-de-livro-marcam-um-mes-do-massacre-a-professores-no-parana/>. Acesso em 20 jun. 2015. 21:39.

GONÇALVES, Irlen Antonio. **A retórica discursiva dos bacharéis em Direito sobre os projetos de educação profissional**. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2015, Maringá, PR. *Matrizes Interpretativas e de Internacionalização*. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 2015.

GONÇALVES, N. G.; GONÇALVES, S. A. **Pierre Bourdieu**. Educação para além da reprodução. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GONÇALVES JUNIOR, Ernando Brito. **O impresso como estratégia de intervenção social: educação e história na perspectiva de Dario Velloso (1885-1937)**. 2011. 105f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 04/04/2011.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HOERNER, Junior, Valério. BÓIA, Wilson. VARGAS, Túlio. **Biobibliografia da Academia Paranaense de Letras**. Curitiba: Posigraf, 2001.

IORIO, Regina Elena Saboia. **Intrigas & novelas: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920**. 2004. 340f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curso de Pós-graduação em História. Área de concentração: Espaço e Sociabilidades.

JUSTI, Adriana. *Professores e polícia entram em confronto durante votação na Alep*. **Paraná RPC**, 29 abr. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/professores-entram-em-confronto-com-pm-durante-votacao-na-alep.html>. Acesso em 20 jun. 2015. 20:24.

JUSTINO, Maria Jose. **50 anos do Salão Paranaense de Belas Artes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 1995.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. (p. 93-114).

LIONETTI, Lucía. Víctor Mercante: agente político e intelectual del campo educativo en la Argentina de principios del siglo XX. **Prohistoria** [online]. 2006, vol. 10. pp. 93-112. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-95042006000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 3 fev 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOPEZ, André P. A. Documento e História. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A Velha História: teoria, método e historiografia**. Campinas – SP: Papirus, 1996, p. 15-36.

MAIA, Paulo Cezar. **Castelos de vento: miragens literárias em Dario Velozzo e Emiliano Perneta**. 2006. 171f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de

Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 08/03/2006.

MARACH, Caroline Baron. **Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico a escola (1906-1910)**. 2007. 114 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 2007.

_____. **Discursos e linguagem na revista do Clube Curitibano (1890 a 1912)**. 2013. 168f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 28/10/2013.

MEDEIROS, C. C. C. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1965-2004)**. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba: UFPR, 2007.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo : DIFEL, 1979.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Faris Michaele: cultura e modernidade no Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa - CCEC (1930-1983)**. 2014. 256f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 05/12/2014.

MORENO, Jean Carlos. Intelectuais da década de 1920: César Pietro Martinez e Lysimaco Ferreira da Costa à frente da instrução pública do Paraná. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, Educação e Modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba, Ed. UFPR, 2007. (p. 41-66).

MUSEU ALFREDO ANDERSEN. Biografia de Alfredo Andersen. Disponível em: <http://www.maa.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=5>. Acesso em 26/02/2016.

NEPOMUCENO, M. de A.. **A Revista OESTE em perspectiva: seus intelectuais, a organização da cultura e a modernidade em Goiás**. Universidade e Sociedade (Brasília), Goiânia, p. 199-206, 2000.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1991. Tese de Doutorado.

_____. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de.; MEURER, Sidmar dos Santos. *Tensões entre o prescrito e o realizado na escolarização paranaense na década inicial do século XX: experiências de professores primários a partir da análise dos relatórios da instrução pública*. In: OLIVEIRA, M. A. **Cinco Estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Ensino da arte: os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação em Curitiba**. 1998. 326f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação.

_____. **Entre o sacerdócio e o ofício: Raul Gomes e o papel do professor (1914 – 1928)**. In: Educação no Brasil e na Argentina: escritos de história intelectual. SUASNÁBAR, Claudio. CAMPOS, Nevio (org.). Ponta Grossa: Editora UFPG, 2013.

_____. **Guido Viaro: modernidade na arte e na educação**. 2006. xi, 379f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

_____. **Um projeto moderno para a educação e a cultura: a atuação de Raul Gomes**. In: VIII GONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2010, São Luís. *Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010.

_____. **Missão, e Não Profissão: O Papel do Professor na Concepção de Raul Gomes (1914-1928)**. In: VI GONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2011, Vitória. *Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

_____. **Raul Gomes e o Dia do Professor; ações na Imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970)**. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio.; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

_____. BRANDALISE, Anna Carolina. **“Malhadas e Remalhadas”: Raul Gomes e uso da imprensa em prol da educação e da cultura (1925-1971)**. In: VII GONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013, Cuiabá. *Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil*. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013.

_____. BRANDALISE, Anna Carolina. **“Malhadas e Remalhadas” de Raul Gomes em favor da Educação e da Cultura (1910-1970)**. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (orgs.). **História Intelectual e Educação: Trajetórias, Impressos e Eventos**. Jundiaí, SP: Paço Editorial, 2015.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas Artes Visuais**. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PASSOS, Hilary Grahall. **“Um porteiro para abrir e fechar. E só”**. In: SALÃO PARANAENSE DE BELAS ARTES. *Salão paranaense: 35 anos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1978.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990, 335p.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República**. 1996. 276f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná**. Curitiba: A. M. Cavalcanti, 1976.

PIZZETTI, Silvia. Os fundamentos epistemológicos e metodológicos do conhecimento histórico: algumas reflexões entre passado e futuro. **História Social**. Campinas-SP, nr.10, p.13-34, 2003.

PRATT, Guy A. **A arte de encadernar**. São Paulo: Editora LEP S.A., 1962.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Páginas escolhidas: cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853-1953**, da Escola de Belas Artes e Industrias, de Mariano de Lima, a Universidade do Paraná e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**. Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba, Editora da UFPR, nr. 18, 2001, p. 13-28.

REIS, José C. História e verdade: posições. In: **História & Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. São Paulo: FGV Editora, ano, p. 147-177.

RITO, Marcelo. AQUINO, Julio Groppa. **Natureza, infância e ciência no Brasil dos anos 1920/1930: a pedagogia moderna e a Bibliotheca de educação**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas-SP, v.12, n. 3 (30), p. 45-72, set./dez. 2012.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SALTURI, Luis Afonso. **Gerações de artistas plásticos e suas práticas: sociologia da arte paranaense das primeiras décadas do século XX**. 2011. 259f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

SANDEL, Michael J. **Justiça – O que é fazer a coisa certa**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. **Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antônio Mariano de Lima - Curitiba, 1886-1902**. 2004. 109f Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação.

SETOR de Ciências Humanas publica Moção de Repúdio à repressão do Governo do Estado. **Universidade Federal do Paraná**, 30 abr. 2015. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portafulpr/blog/noticias/setor-de-ciencias-humanas-publica-mocao-de->

repudio-a-repressao-do-governo-do-estado/. Assessoria de comunicação. Acesso em 20 de jun. 2015. 20:40.

SILVA, João Paulo de Souza. **Percurso entre modernidades:** trajetória intelectual da educadora Eny Caldeira (1912-1955). 2013. 190f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

SILVA, Rossano. **A arte como princípio educativo:** um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto. 2009. 171 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná.

_____. **“As relações entre o campo artístico e educacional, uma análise da trajetória de Erasmo Pilotto”.** In: X Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil, 2011, Vitória da Conquista. *História da Educação: Intelectuais, Memória e Política*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2011.

_____. **Educação, arte e política: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto.** 2014. 341 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná.

SIMAO, Giovana Terezinha. **Emma Koch e a implantação das escolinhas de arte na rede oficial de ensino:** mudanças na cultura escolar curitibana. 2003. vi. 170f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais.** In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SOARES, J. C.. **Os professores do Colégio Pedro II: categorias, trajetórias e aspectos identitários (1925-1945).** Revista Brasileira de História da Educação, v. 15, p. 293-320, 2015.

SOUZA (a), Cristiane dos Santos. **Utilitarismo, civismo e cooperativismo no projeto educacional de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1892-1947).** 2012. 262f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 28 mai. 2012.

SOUZA (b), Eliezer Felix de. **Trajetória e discursos educativos do jornalista e professor Raul Rodrigues Gomes na imprensa do Paraná (1910-1975).** In: IX Seminário em Pesquisa da Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. *A Pós-Graduação e suas interlocuções com a educação básica*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.

VANALI, Ana Crhistina. **Uma retrospectiva histórica da literatura paranaense.** Curitiba, 2014.

_____; CAMPOS, Névio. **Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975).** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 53, pp. 133-152, out. 2013.

VASQUEZ, Ana Lúcia. **O Salão Paranaense e o campo artístico de Curitiba**. 2012. 167f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Sociologia.

VEIGA, Cynthia Greive. Cidade e educação, modernidade e modernismo. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Discurso de Posse na SBHE (Maringá, 30 de Junho) – Prof. Carlos Eduardo Vieira (Presidente Eleito Biênio 2015-2017)**. Maringá, PR, 30 jun. 2015. Disponível em: <http://sbhe.org.br/noticias/discurso-de-posse-sbhe-carlos-eduardo-vieira>. Acesso em 18 ago. 2016.

_____. Intelectuais e o Discurso da Modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

_____. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, 8(n. 1), 63-85.

_____. Jornais diários como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). **Cinco Estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WEIGERT, Daniele. **Cam em Curitiba: a cidade moderna nascente no conto e na novela de Raul Gomes**. In: MATA, Sérgio Ricardo; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flavia Florentino (orgs.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.